



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
NUCLEO DE ESTUDOS COMPARADOS DA AMAZÔNIA E DO CARIBE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL DA
AMAZÔNIA

KARLA ROSANE RASKOPF

**FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DA FACULDADE ATUAL DA AMAZÔNIA E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SETOR PRODUTIVO DE BOA VISTA/RORAIMA
NO PERÍODO DE 2008 A 2014**

Boa Vista
2016

KARLA ROSANE RASKOPF

**FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DA FACULDADE ATUAL DA AMAZÔNIA E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SETOR PRODUTIVO DE BOA VISTA/RORAIMA
NO PERÍODO DE 2008 A 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia/Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe da Universidade Federal de Roraima – UFRR como requisito para obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia.

Orientador: Prof. Doutor Edson Damas da Silveira

Boa Vista
2016

KARLA ROSANE RASKOPF

**FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DA FACULDADE ATUAL DA AMAZÔNIA E
SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O SETOR PRODUTIVO DE BOA VISTA/RORAIMA
NO PERÍODO DE 2008 A 2014**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia/ Núcleo de Estudos Comparados da Amazônia e do Caribe, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia. Área da pesquisa: Desenvolvimento Regional e Urbano e Políticas Públicas. Defendida em 06 de julho de 2016 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Prof. Orientador Dr. Edson Damas da Silveira
Orientador / Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia –
NECAR/UFRR

Prof. Dr. Américo Alves de Lyra Júnior
Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional da Amazônia – NECAR/UFRR

Prof(a). Dra. Giane Maria Porto de Aguiar
Departamento de Contabilidade - CADECON/UFRR

Dedico este trabalho a Deus por ter me abençoado com a sabedoria e presenteado com a oportunidade da realização deste curso. Aos familiares e amigos que contribuíram de maneira incondicional para que eu pudesse continuar trilhando o caminho do êxito no alcance de mais esta meta. Aos professores pela orientação no caminho do conhecimento científico. Minha gratidão a todos, pois na vida não se vence sozinho.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário Estácio da Amazônia e a toda equipe de colaboradores, que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao professor Dr. Edson Damas da Silveira por aceitar o desafio de orientar uma pesquisa em uma área nova no estado, tão pouco evidenciada, pela paciência e tempo dedicados a produção deste trabalho.

A minha filha Vanessa Raskopf Schwaizer, companheira, amiga e “orientadora” que transformou meus momentos de escrita em momentos de satisfação. Por todas as oportunidades em que se fez exemplo e “musa”, para que eu me enchesse de orgulho e pensasse que todo o esforço era recompensado a cada um destes momentos.

As pessoas que vencem neste mundo são as que procuram as circunstâncias de que precisam e, quando não as encontram, as criam.
(Bernard Shaw)

RESUMO

A situação socioeconômica de Roraima encontra-se num momento de discussão quanto ao futuro e às potencialidades para o desenvolvimento de um estado, que desde sua implantação, com a Constituição de 1988, tem nos repasses do Governo Federal a sua principal fonte de renda e na administração pública um dos seus principais agentes de emprego. Neste contexto, esta dissertação tem o objetivo de apresentar a contribuição dos profissionais com capacidades empreendedoras, formados pela Faculdade Atual da Amazônia, no fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista no período compreendido entre 2008 e 2014 como um dos fatores para as transformações econômicas do estado de Roraima. Para isto utilizou-se como metodologia, a pesquisa analítica e descritiva com abordagem quali-quantitativa. Quanto aos procedimentos técnicos à pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, documental e de campo, utilizando-se questionário semiestruturado como ferramenta de coleta de dados. Os métodos e técnicas utilizados têm o propósito de contribuir para a descrição do contexto e a compreensão do objetivo. A relevância desta pesquisa volta-se para a apresentação de dados significativos para a comunidade científica e para as organizações, possibilitando uma compreensão maior sobre a importância de seu papel no desenvolvimento socioeconômico do estado de Roraima, a partir da efetivação de profissionais com a capacidade necessária para atuar no mercado local de forma a desenvolver de maneira sustentável o estado. Espera-se com isto chamar a atenção, principalmente, das Instituições de Ensino Superior para a necessidade de estar atentas à realidade da economia local, adequando aos seus planos de ensino, metodologias compatíveis ao aprendizado do empreendedorismo, empregando currículos que tenham em sua estrutura disciplinas específicas e outras gerais que abordem o tema, além de atividades extracurriculares que oportunize aos acadêmicos, atividades de fomento ao empreendedorismo através do contato com o mercado local, criando um ambiente acadêmico adequado para a formação de profissionais competentes. Nesta perspectiva, confirmamos que a Faculdade Atual da Amazônia oferecia um ambiente voltado ao fomento do empreendedorismo orientado para o desenvolvimento de atitudes e características comportamentais de liderança nas pessoas para que estas fizessem a diferença, formando profissionais com perfil empreendedor que atuaram no mercado de Boa Vista, promovendo transformações no setor produtivo da capital, conseqüentemente, contribuindo para a economia do estado.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Economia; Ensino Superior.

ABSTRACT

The social and economic situation of Roraima is currently a important topic for discussion regarding its future and potential for the development of the state that since its origin, with the Constitution of 1988, has in the Federal Government's fund transferring its main income resource and in the public administration one of its main sources of employment. In this context, this paper aims to show the contribution of workers with entrepreneur capacities graduated in the Faculdade Atual da Amazônia, and their role in the strengthening of the productive sector of Boa Vista from 2007 to 2014 as one of the factors for the economic transformations in the state of Roraima. The methodology used was the analytical and descriptive with a quali-quantitative approach. As for the technical procedures, it was bibliographic, documental and field research, making use of semi-structured questionnaires as the data collecting tool. The methods and techniques used have the purpose of contributing to the description of context and understanding of the aims. The relevance of this paper is regarding the presentation of significant data to the scientific community and to organizations, that will make possible a better understanding of the importance of these workers in the social and economic development of the state of Roraima, with professionals capable of acting in the local market and developing it in a sustainable way. Therefore, the institutions of higher education need to be aware of their local economic reality, matching their teaching plans to proper entrepreneur learning, supplying a school curriculum that has in its structure specific and general subjects that approach this topic, but also extracurricular activities that encourage students' engagement in entrepreneurship through the contact with the local market and the adequate academic environment. In this perspective, it was confirmed that Faculdade Atual da Amazônia offered an environment intended to encourage entrepreneurship, aiming the development of attitudes and behavioral characteristics of leadership in order to have people making the difference in this scenario, forming professionals with an entrepreneur's profile and acting in Boa Vista's commerce, causing transformations in this productive sector in the capital, and therefore, contributing to the states' economy.

Key-Word: Entrepreneurship; Economy; Higher Education.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Você atuou profissionalmente (trabalhou) no mercado de boa vista entre os anos de 2008 e 2014?	75
Tabela 2 – Considerando sua atuação, qual cargo você desempenhava?	76
Tabela 3 – Nesta organização sua função exigia a tomada de decisão?	77
Tabela 4 - A organização onde você atuou é do setor?	77
Tabela 5 – Em que ano esta empresa iniciou suas atividades no mercado de boa vista?	78
Tabela 6 – Esta organização esteve ativa até o ano de 2014?	78
Tabela 7 – Em que ano você iniciou suas atividades nesta organização?	79
Tabela 8 – Em que ano você encerrou suas atividades nesta organização?	79
Tabela 9 – Durante sua atuação nesta organização, na sua avaliação, qual fator apresentou maior crescimento?	80
Tabela 10 – Esta organização atuava em qual setor da economia?	81
Tabela 11 – Atualmente, você está atuando no mercado de trabalho de boa vista?	82
Tabela 12 – Atualmente sua atuação é em uma organização do setor?	82
Tabela 13 – Você considera que o curso de bacharelado em administração contribuiu para sua atuação profissional?	83
Tabela 14 – O que você considera mais importante para o alcance de seu sucesso profissional?	83

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A espiral do conhecimento.....	34
Figura 2 - Demonstrativo da Inserção Econômica do Estado de Roraima.....	64
Figura 3 - Crescimento das Instituições de Ensino Superior – Brasil, Região Norte e Estado de Roraima.....	66

LISTA DE SIGLAS

CF - Constituição Federal

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CNE - Conselho Nacional de Educação

CES - Câmara de Educação Superior

PNE - Plano Nacional de Educação

IES - Instituições de Ensino Superior

SEGET - Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia

GEM - Global Entrepreneurship Monitor

HDR - Human Development Report

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

WIPO - Organização Mundial de Propriedade Intelectual

IBQP - Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade

PNEN - Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios

P&D - Pesquisa e Desenvolvimento

APEX - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas

SEED - Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SEPLAN RR - Secretaria do Tesouro Nacional e Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima

PIB - Produto Interno Bruto

ALCBV - Área de Livre Comércio de Boa Vista

CBA - Confederação Brasileira de Apicultura

MAPA - Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento

ZPE - Zonas de Processamento de Exportação

ALC - Áreas de Livre Comércio

APL - Apoio aos Arranjos Produtivos

CAESA - Campus Avançado do Ensino Superior da Amazônia

MEC - Ministério da Educação

UFRR - Universidade Federal de Roraima

IFRR RR Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima

UERR - Universidade Estadual de Roraima

FACES - Faculdade Cathedral de Ensino Superior

FATEBOV - Faculdade de Teologia de Boa Vista

FARES - Faculdade Roraimense de Ensino Superior

FACETEN - Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil

FAA - Faculdade Atual da Amazônia

PPC - Projeto Pedagógico do Curso

SIA - Sistema de Informação Acadêmica

DIPJ - Declaração de Imposto de Pessoa Jurídica

CNPJ - Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O CAPITAL INTELECTUAL DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO COMO BASE PARA O ENTENDIMENTO DA FORMAÇÃO DO PERFIL EMPREENDEDOR.....	21
1.1 Sociedade da informação e do conhecimento: padrão projetado pelo conceito de capital intelectual.....	22
1.2 Indivíduo com perfil empreendedor, produto da intelectualidade como capital principal.....	26
1.3 O papel das instituições de ensino na formação de empreendedores	30
2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E O FOMENTO A CULTURA EMPREENDEDORA COMO ESTRATÉGIA DE TRANSFORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU REGIÃO	36
2.1 Empreendedorismo no mundo: ambientes e políticas adequadas	38
2.2 Empreendedorismo no Brasil, incentivos ao desenvolvimento das iniciativas	47
1.3 Ações empreendedoras na formação do Estado de Roraima: evolução histórica	53
1.3.1 Potencialidades para o desenvolvimento do empreendedorismo em Roraima: um breve relato	59
3 EDUCAÇÃO SUPERIOR EM RORAIMA – O CASO ATUAL DA AMAZÔNIA	66
3.1 Faculdade Atual da Amazônia: formação empreendedora	67
4 EXPRESSÃO DA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DA FACULDADE ATUAL DA AMAZÔNIA NO SETOR PRODUTIVO DE BOA VISTA	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	89
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

O novo formato da economia e das novas profissões mundiais exige o trabalho inteligente, a aprendizagem contínua e o desenvolvimento de competências essenciais que demandam, das organizações, um replanejamento de suas estratégias. Para que o fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista possa se concretizar é necessário que os indivíduos graduados com o conhecimento acerca do empreendedorismo criem e consolidem seus postos de trabalho. Para isto é essencial à revisão e adequação dos processos do ensino universitário, com a adoção de mecanismos que conduzam à utilização de procedimentos que valorizem a formação da cultura empreendedora no sistema educativo buscando a inovação como forma de promover a transformação da realidade social e econômica. É neste sentido que este trabalho se desenvolve.

A realidade histórica de transformações e evolução do Estado de Roraima tem como um dos fatores relevantes sua capital, e em consequência todos os elementos que levam Boa Vista a transformações e a evolução. Mundialmente a educação é apontada como um dos principais coeficientes para as transformações sociais e econômicas em uma região. Nesta lógica é possível considerarmos a formação profissional da Faculdade Atual da Amazônia como uma fonte para as transformações econômicas observadas em Boa Vista e consequentemente no estado, apresentadas nesta pesquisa.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar a contribuição dos indivíduos com perfil empreendedor, formados pela Faculdade Atual da Amazônia, no fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista, no período compreendido entre 2008 e 2014, como um dos fatores para o crescimento econômico do estado de Roraima. Para embasar a busca pelo alcance deste objetivo, no decorrer deste trabalho, apresentaremos o conceito de capital intelectual da sociedade da informação e do conhecimento, como base para o entendimento de empreendedorismo, contextualizaremos a importância do empreendedorismo como estratégia de transformação de uma sociedade ou região, apresentaremos a educação superior em Roraima, finalizando com a análise da expressão da formação empreendedora da Faculdade Atual da Amazônia no setor produtivo de Boa Vista.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, o de demonstrar qual a contribuição dos indivíduos formados pela Faculdade Atual da Amazônia no período compreendido entre 2005 e 2008, com capacidades empreendedoras, para o fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista entre 2008 e 2014?, foram apresentados conceitos, realizadas análises e evidenciadas

abordagens históricas, expressa nos quatro capítulos deste estudo. Importantes conceitos que embasam o termo “capital intelectual da sociedade da informação e do conhecimento”, a partir de uma revisão desde o surgimento do mesmo, conceito que figura o modelo da sociedade atual.

Este modelo de sociedade vem se configurando a mais de 150 anos, chamado de Sociedade da Informação ou Sociedade em Rede e que surge com o advento da tecnologia, se utiliza da informação e do conhecimento adquiridos através do aprendizado técnico associado às experiências práticas vivenciadas em um ambiente adequado, para definir seus conceitos, comportamentos e tendências. Este modelo de sociedade funciona como um mecanismo onde o conhecimento, comunicado através das tecnologias de informação e comunicação, é a peça central deste mecanismo, que além de reconfigurar sociedades e organizações, é um fator gerador de riqueza. Entender que o principal fator de competitividade são os ativos intelectuais provocou grandes transformações nas características do mercado mundial, principalmente, na função das instituições de ensino como dirigentes da aplicação do conhecimento necessário e adequado para o desenvolvimento de potenciais.

Drucker (2001) afirma que o que era totalmente novo não eram o capitalismo nem as inovações técnicas e sim a velocidade com que as informações chegavam e a quebra de fronteiras, fazendo com que estas informações alcançassem a todos em todo o lugar em muito pouco tempo. O conhecimento em si ou capital intelectual criou o novo conceito de trabalhador do conhecimento, trazendo ainda mais exigências às organizações e ao mercado. Desta forma, entende-se o capital intelectual de uma organização como a soma do conhecimento de todos, oportunizando a vantagem competitiva de maneira igual, independente do porte da empresa.

A abordagem conceitual apresentada nesta dissertação apresenta-se como fundamental pois justifica a importância de profissionais empreendedores formados com base no conceito de capital intelectual, por serem estes profissionais indivíduos independentes e com sensibilidade para detectar os problemas inerentes aos negócios associado à coragem, à criatividade inovadora, a busca pelo alcance do sucesso e por acreditarem em suas habilidades pessoais para superar os problemas, o desenho do perfil deste empreendedor deve ser embasado em um conceito universal e transcendental. São estes os indivíduos que atuam tanto na administração pública quanto na iniciativa privada em Boa Vista, exigindo que estejam preparados para o novo perfil do mercado. Mercado este da igualdade nas ofertas de oportunidades e em consequência na competitividade entre empresas de grande e menor porte,

perfil da maioria dos empreendimentos dos setores produtivos da capital, viabilizada pelo fácil acesso a informação através da tecnologia, que acaba com as desvantagens para as pequenas empresas.

Uma das análises realizadas refere-se as transformações promovidas pelo empreendedorismo em todo o mundo e apresenta, principalmente, a realidade da capital de Roraima, Boa Vista.

Por concentrar 72,83% do PIB estadual, ocupando o primeiro lugar no ranking dos municípios, com um aumento populacional registrado na ordem de 24,4% ao ano, somando 63,32% da população total do estado e por concentrar o maior número de empreendimentos e instituições de ensino superior, o mercado de Boa Vista vem apresentando transformações econômicas no decorrer dos anos, tomando um novo rumo com mais exigências, deixando clara a necessidade da formação de profissionais capazes, que permitam a criação de valor social e econômico e assegure o crescimento do estado. Este novo cenário impõe competitividade também entre os profissionais, exigindo que estes estejam preparados e dispostos a saírem da zona de conforto criada pela administração pública em Roraima, no decorrer de sua trajetória histórica, que já não absorve mais a mão-de-obra com a mesma intensidade de anos atrás.

Autoridades no assunto Amazônia, como Becker e Stenner (2008), são denotados como forma de salientar as potencialidades e necessidades para o desenvolvimento da Região Amazônica como um todo. Aqui o empreendedorismo se confirma como uma das alternativas para que este desenvolvimento se efetive de maneira consciente e sustentável. Na pesquisa podemos verificar que para isto, é vital a participação das organizações públicas, privadas e, sobretudo, das instituições de ensino na formação e incentivo das características empreendedoras nos indivíduos e na criação e fomento de um ecossistema adequado à manutenção destas características. Roraima precisa entender seu papel na formação econômica da região e do país e mais, conhecer suas possibilidades em potencial, há necessidade de formar profissionais qualificados esclarecidos quanto a estas potencialidades e de manter um ambiente que crie e sustente um perfil empreendedor nas instituições de ensino superior.

No resgate histórico contemplamos o ensino superior em Roraima, fazendo uma abordagem específica da história da Faculdade Atual da Amazônia e mais aprofundada na aplicação do conhecimento relativo a empreendedorismo.

Neste caso fica tangível que o conhecimento adquirido na academia deve ser transformado em produtos ou serviços que atendam a heterogeneidade do novo mercado local, que mais do que o conhecimento técnico-científico, carece das capacidades empreendedoras para a execução das novas ideias em um cenário de diferentes perspectivas. Considerando que o empreendedor é produto do meio em que vive e que suas características podem ser adquiridas por meio do aprendizado, fruto do conhecimento técnico aplicado em sala de aula associado à experiência prática adquirida com a participação em programas, ações, atividades e eventos de fomento ao desenvolvimento deste conhecimento, podemos afirmar que é possível ensinar a ser empreendedor. Para que isto se configure como uma realidade local, é preciso que o indivíduo tenha o sucesso como objetivo primário, alcançado através de sua consolidação enquanto profissional e o robustecimento do setor produtivo de Boa Vista, deixamos evidente a importância do conhecimento a cerca da história de formação social e econômica como base para o crescimento e desenvolvimento de Roraima.

Atestando isso, a Faculdade Atual da Amazônia apresenta no currículo estudado, disciplinas específicas de empreendedorismo e outras com a proposta de desenvolver o assunto, além de atividades extracurriculares e de extensão com foco na vivência do tema, com o objetivo de propiciar ao acadêmico o desenvolvimento de competências que consolidem a capacidade crítica e reflexiva, formando profissionais empreendedores e gerenciadores de negócios entre os anos de 2005 e 2008, pelo curso de Bacharelado em Administração, período de interesse inicial para esta pesquisa.

Com base nestes dados, outra análise apresentada nesta pesquisa refere-se a atuação destes profissionais formados pela Faculdade no mercado de Boa Vista no período compreendido entre 2008 e 2014, segundo período de interesse deste estudo, com a finalidade de situar a contribuição destes no fortalecimento do setor produtivo da capital.

O estudo realizado durante todo este trabalho de pesquisa foi desenvolvido sob bases teóricas, com pesquisa e análise da literatura, legislação e documentos. Autores importantes foram utilizados para o embasamento conceitual das teorias apresentadas neste estudo. Klein (1998), que aborda a valia do capital intelectual em sua obra, como determinante recurso para a atual economia do conhecimento. Souza e Guimarães (2005) que destacam a importância da adoção de projetos pedagógicos que priorizem as metodologias alternativas e inovadoras. Schumpeter, Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000), Degen (1989, 2008), Drucker (1992, 2003) e Dantas (2009) autores dos principais clássicos sobre o empreendedorismo, por serem unânimes quando discorrem sobre o tema e sobre a importância destes indivíduos para o

desenvolvimento econômico de uma sociedade. Dornelas, Timmons e Spinelli (2010) que relatam determinações de órgãos de competência definindo planos de ação com o objetivo de incrementar e encorajar os indivíduos ao empreendedorismo. Já Degen (1989, 2008), afirma que as atividades empreendedoras só causam consequências positivas quando motivadas por oportunidades, pois fazem com que os empreendedores mais bem preparados desenvolvam negócios fundamentados na inovação e nas novas tecnologias. Senhoras (2012) que trata da importância das estruturas da gestão estratégica da inovação utilizadas pelas instituições de ensino superior.

Cavazotte, Lemos e Viana (2012), falam dos indivíduos da Geração Y como mais acostumados a lidar com um grande número de informações, com a multidisciplinaridade e à interconectividade com o resto do mundo. É esta geração que forma o perfil do público acadêmico e de recém-formados no ensino superior. Hisrich e Peters (2004) e Paladino (2003) apresentam os projetos de faculdades e universidades voltados à formação de novos empreendedores e ao estímulo dos já existentes, como alternativa para manter as tecnologias produzidas e profissionais capacitados nas instituições locais, evitando a perda destes.

Para contextualizar sobre a realidade da Região Amazônica como um todo utilizou-se Becker (2007, 2010) e Becker e Stenner (2008), como citado anteriormente, grandes autores que tratam da geração e gestão do conhecimento para o desenvolvimento da Amazônia, deixando clara a importância do ensino técnico e superior como forma de desenvolver o conhecimento e as competências técnicas. Freitas (2000) e Santos (2004), que são autores regionais que tratam especificamente da formação e da evolução histórica do Estado de Roraima, fazendo um apanhado desde a criação do Território Federal do Amazonas até o milênio atual, descrevendo os detalhes da rotina econômica do estado no período.

Dados do IBGE (2014) e SEPLAN (2014) foram apresentados como base para descrever a conjuntura econômica de Roraima e de Boa Vista, enquanto SEBRAE (2013) e GEM (2012) foram o pilar para classificar os empreendimentos conforme seu tempo de existência no mercado e suas possibilidades de permanência no mesmo. O reconhecimento dos indivíduos a serem investigados foi feito através de documentos físicos e digitais restritos a Faculdade. Os livros ata de colação de grau, pastas físicas individuais dos alunos e o cadastro pessoal em sistema digital (SIA) permitiram a elaboração da relação de graduados a ser entrevistada.

Literaturas, leis, decretos e pareceres foram utilizados para apresentar as possibilidades de utilização dos recursos e potencialidades do Estado com foco nas mudanças

da realidade econômica, a partir da geração de riqueza e aumento da qualidade de vida da sociedade roraimense. Nesta linha também foram apresentadas às Diretrizes e Planos da Educação Nacional e suas possibilidades de adaptação com base na regionalidade, um canal que possibilita as adequações nos planos de ensino das instituições conforme suas singularidades.

A análise de dados referentes à atuação dos profissionais formados no curso de Bacharelado em Administração pela Faculdade Atual da Amazônia no mercado de Boa Vista no período compreendido entre 2008 e 2014 com o objetivo de situar a contribuição destes no fortalecimento do setor produtivo da capital, faz uma abordagem quanti-qualitativa. Quantitativa por possibilitar conhecer o número de indivíduos formados pelo referido curso, no período compreendido entre os anos de 2005 e 2008, atuando no mercado local entre o ano de 2008 e 2014 e qualitativa por apresentar a contribuição desta atuação no fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista, projetando às transformações sociais e econômicas no estado. Desta forma a pesquisa apresenta-se como analítica descritiva quanto aos objetivos.

Já os métodos utilizados caracterizam esta pesquisa como bibliográfica e documental. Bibliográfica por apresentar embasamento teórico dos conceitos a cerca de capital intelectual e empreendedorismo dos autores apresentados anteriormente, além dos pareceres legais que regulamentam os Planos do Ensino no Brasil e sugerem as possíveis adaptações pelas instituições de ensino. Documental em duas fontes: a) os planos de ensino aplicados no curso de Bacharelado em Administração no período de 2001 a 2005, material físico arquivado em setor específico da faculdade utilizado como memória histórica da instituição e b) lista de graduados constantes nos livros ata de colação de grau assinados no momento da concessão de grau e o histórico anexado a pasta física individual dos alunos arquivada em setor específico da faculdade, ambos possibilitaram a geração da relação de nomes para a pesquisa no Sistema de Informação Acadêmica – SIA, sistema virtual que armazena dados pessoais e o histórico acadêmico de todos os alunos já matriculados na instituição, onde foram encontrados os caminhos para contato com os graduados pesquisados.

Neste caso a pesquisa propõe um estudo de caso tendo a Faculdade Atual da Amazônia como objeto, utilizando como ferramenta de coleta de dados um questionário semiestruturado com 13 (treze) perguntas fechadas e 01 (uma) aberta, realizado no período de 09 a 22 de dezembro de 2015 e de 15 de janeiro a 04 de fevereiro de 2016 com os graduados pela instituição, com a participação direta do pesquisador obtendo-se, assim, resultados mais fidedignos. A análise e interpretação dos dados foram realizadas a partir do confronto do

resultado do material coletado na pesquisa de campo com o material bibliográfico. A apresentação da pesquisa se dá por meio de tabelas e em texto expositivo e analítico.

Este trabalho de pesquisa passa a ser relevante por não existirem fontes de pesquisa que apresentem dados relativos ao proposto aqui. Com o resultado desta pesquisa, espera-se que o meio acadêmico tenha uma compreensão maior sobre a importância de seu papel no desenvolvimento socioeconômico do Estado, a partir da efetivação de profissionais com a capacidade necessária para atuar no mercado local de forma a desenvolver de maneira sustentável Roraima.

À vista de todos estes fatores, esta dissertação está dividida em quatro capítulos:

Capítulo I – O capital intelectual da sociedade da informação como base para o entendimento da formação do perfil empreendedor. Neste foi apresentado o conceito de capital intelectual como pilar para a explanação dos conceitos e características dos indivíduos com perfil empreendedor. O conhecimento é apresentado como a base do capital intelectual, principal recurso ou bem das empresas atualmente. Neste capítulo, destaque para a importância do papel das instituições de ensino na aplicação do conhecimento com qualidade para o desenvolvimento de um indivíduo capacitado com o perfil empreendedor.

Capítulo II – A evolução histórica e o fomento a cultura empreendedora como estratégia de transformação de uma sociedade. Este capítulo elucida acerca das contribuições do empreendedorismo no mundo, no Brasil e em Roraima. Estas contribuições são apresentadas, como estratégia para transformações sociais e econômicas. Este capítulo apresenta a evolução histórica de Roraima e suas potencialidades de desenvolvimento.

Capítulo III – Educação superior em Roraima – o caso Atual da Amazônia. Este capítulo trata da educação superior em Roraima, indo de uma abordagem macro a perspectiva da formação pela Faculdade Atual da Amazônia. Neste capítulo são apresentadas as informações relativas à formação profissionais dos graduados pelo curso de Bacharelado em Administração da Faculdade.

Capítulo IV - Expressão da formação empreendedora da Faculdade Atual da Amazônia no setor produtivo de Boa Vista. Este capítulo apresenta a atuação dos profissionais formados pela Faculdade, no setor produtivo de Boa Vista/Roraima entre os anos de 2008 e 2014. Os dados analisados aqui têm como objetivo apresentar a relação da atuação destes indivíduos com as transformações do setor produtivo de Boa Vista/Roraima no período informado.

Na conclusão, são apresentadas considerações que se julgaram necessárias, bem como os vislumbres que um trabalho desse porte proporciona.

1 O CAPITAL INTELECTUAL DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO COMO BASE PARA O ENTENDIMENTO DA FORMAÇÃO DO PERFIL EMPREENDEDOR

O cenário atual mostra uma preocupação significativa quanto à realidade socioeconômica mundial. Ronald Degen em 1989 já afirmava que estávamos passando pelo estágio inicial de uma das mais importantes transformações tecnológicas que já se mostrava em ritmo maior do que era esperado. Nesta mesma obra o autor, confirmava as mudanças no cenário a partir da Segunda Guerra Mundial, que acabava com o perfil tecnológico de natureza mecânica que até então vinha se desenvolvendo e buscava “saber o que acontece dentro de uma estrela.” (DEGEN, 1989, p.5). Completa sua visão clara e muito bem cabida dos cenários desde então, dizendo que o período iniciado por volta de 1680, período de descobertas quanto aos processos mecânicos do aumento da velocidade, da temperatura e da pressão vistos na criação da máquina a vapor e que tem seu final marcado pela explosão nuclear, como sendo a última etapa das descobertas sobre o que ocorre dentro de uma estrela. É com o final da Segunda Guerra que o modelo de tecnologia deixa de ser o dos processos mecânicos e passa a ser o dos processos biológicos, que não estão organizados a partir da energia, como era inicialmente, mas sim a partir da informação, iniciando uma fase que se tornaria permanente, a informação enquanto conhecimento.

Paladino faz uma análise em sua obra de 2003, onde descreve os avanços da ciência e da técnica como os fatores que superavam as expectativas que se tinha há anos atrás, configurando então, uma realidade vivida no resto do mundo desde a década de 1970 e no Brasil a partir de 1990, onde a velocidade da transmissão da informação já criava as bases para a sociedade do conhecimento ou da economia do conhecimento ganharem o mundo.

Klein em 1998 reiterava que as empresas da época já tinham como fator principal de competitividade os ativos intelectuais, precisando como palavra de ordem no mercado moderno: “[...]Empresas competem numa ‘economia de conhecimento’, funções que requerem habilidades são desempenhadas por ‘trabalhadores do conhecimento’ [...]” (KLEIN, 1998, p. 01), conferindo o capital intelectual como fator determinante para o novo modelo econômico. A conversa entre os autores confere a existência de uma realidade de muito tempo, vivida e não pressuposta por eles, efetivando fatos que resultam em um contexto que é “permanentemente atual”, o conhecimento informado em tempo real e sem fronteiras. Entenda-se então o modelo de negócios, de mercado, econômico ou social como já bem

remoto e resultado das transformações causadas pelos indivíduos que se entendem dentro deste ambiente. Vejamos como isso funciona.

1.1 Sociedade da informação e do conhecimento: padrão projetado pelo conceito de capital intelectual

Inicialmente, para teorizar o conceito de capital intelectual continuemos utilizando a mesma obra de Klein que define duas formas para a gestão do conhecimento estabelecidas pelo processo utilizado na empresa. A primeira refere-se ao conhecimento compartilhado de maneira mais informal, mais casual, a partir de encontros, improvisações e redes sociais criadas pelas pessoas com este intuito, chamado de domínio fluido. O segundo modelo descreve o domínio institucional, em um formato mais tradicional onde o conhecimento é compartilhado a partir de procedimentos pré-estabelecidos com o uso de relatórios, circulares, banco de dados e etc. Aqui o equilíbrio é a peça mais importante. Como fundamental aparece o combinar os domínios em busca de ajustes entre o controle da liberdade, tributo da criatividade espontânea que é característica do domínio fluído e do excesso de comando, característico do domínio institucional. No novo formato da economia e das novas profissões este equilíbrio é imperioso. O trabalho inteligente, criativo, a aprendizagem contínua, a definição de modelos e o desenvolvimento de competências essenciais demandam das organizações um planejamento ou replanejamento de suas estratégias tendo como eixo a formação do indivíduo, logo, o “indivíduo, enquanto profissional” é produto do meio em que vive.

Literaturas mais atuais utilizam novos termos que recontam argumentos que confirmam a trajetória econômica e social que se apresenta, como Klein e Paladino, Peter Drucker em sua obra de 2001, confere que este novo cenário que se articula, representa o que o autor chama de Sociedade em Rede, um mecanismo onde o conhecimento, comunicado através das tecnologias da informação e comunicação, é a peça central deste mecanismo, que além de reconfigurar sociedades e organizações, é um fator gerador de riqueza. O autor, que com autonomia faz uma reflexão sobre a evolução das transformações econômicas e sociais chegando a sociedades pós-capitalistas, modelo que romperia com os formatos conhecidos até então - capitalista ou socialista -, diz que:

Em cento e cinquenta anos, de 1750 a 1900, o capitalismo e a tecnologia conquistaram o globo e criaram uma civilização mundial. Nem o capitalismo nem as inovações técnicas eram novidades; ambos foram fenômenos comuns, recorrentes [...]” (DRUCKER, 2001, p. 25).

O que é totalmente novo é a velocidade com que as informações chegam e a quebra de fronteiras, fazendo com que estas informações alcancem a todos em todo o lugar. As transformações ocasionadas por estes fatores levaram à Revolução Industrial, período do repensar a utilidade das coisas e das pessoas. É quando o conhecimento, até então aplicado ao ser, passa a ser aplicado no fazer, alterando o conceito de conhecimento. O autor considera as mudanças no entendimento do conceito a cerca do termo conhecimento, afirmando que após a Segunda Guerra Mundial o conhecimento passa a ser aplicado ao conhecimento em si, se tornando rapidamente o único fator de produção, abandonando os principais até então: o capital e a mão-de-obra. É notória a essencialidade e a importância do conhecimento, gerador da intelectualidade, comunicado através das tecnologias de informação e comunicação e como peça fundamental da engrenagem que move a economia, deixando clara a relevância do capital intelectual para as organizações modernas.

Poderíamos aqui citar outros diversos, mas não menos importantes autores que pactuam com tudo o que foi descrito neste início; gradativas e aceleradas mudanças na economia mundial que caracterizam a passagem do modelo desenhado pela Sociedade Industrial (máquinas como principal ativo) para um modelo onde o conhecimento, gerado a partir do “capital intelectual”, toma *status* de principal ativo dentro das empresas orientando o modelo social econômico dentro dos conceitos, de Sociedade do Conhecimento ou Sociedade da Informação, ou ainda, Sociedade em Rede. Mas qual o conceito de capital intelectual? Qual sua contribuição em uma economia que não distingue os pequenos dos grandes empreendimentos?

O capital intelectual é a parcela intangível de uma empresa, é inerente às pessoas, aos recursos humanos. Por apreensão dos conceitos desvelados nas literaturas acerca do assunto e compreensão a partir da vivência neste modelo atual é que se faz possível uma apreciação a respeito do dito conceito. Tendo como base mudanças que acontecem em ritmo acelerado todos os dias, promovidas pela globalização mundial das informações, possível pelo avanço da tecnologia da informática e da comunicação que permitem o surgimento de novos meios de produção, fica inegável a responsabilidade do homem sobre o novo modelo. A geração de um novo produto e/ou meio de produção hoje, que atenda as demandas de uma sociedade em constante mudança de desejos e necessidades, exige que outros produtos e meios de produção entrem no mercado amanhã. Os recursos principais de uma empresa – terra, capital e trabalho – utilizados até então como o “coração” da empresa, divide lugar com outro recurso que vem produzindo benefícios intangíveis e agregando ainda mais valor a organização, o “cérebro”, o

conhecimento, o capital intelectual. Um não substitui o outro, ao contrário, completam-se criando uma relação de mutualidade, consentindo na formação de um “corpo” completo. Novas formas de administrar, novas filosofias nas concepções, mercados novos, novas estratégias em busca do desenvolvimento de novas habilidades com a finalidade de promover vantagens competitivas. Isto muda por completo a forma de avaliação da empresa, transferindo o maior valor para o capital intelectual.

No arranjo de 1998 de Thomas Stewart, o capital intelectual é pariforme com matéria intelectual e é descrito com vários sinônimos: conhecimento, informação, propriedade intelectual e experiência, ativos fundamentais para as inovações, transformações e mudanças utilizadas na geração de riqueza. Não podemos esquecer que além das habilidades que podem ser adquiridas, os seres humanos são dotados de habilidades inatas e ambas devem ser aperfeiçoadas com o desenvolvimento do capital humano.

Na teoria Schumpeteriana vemos o capital intelectual representado no conceito do processo de produção, que é determinado por dois fatores. O primeiro é o crescimento – produzido por K (meios de produção produzidos) + N (recursos naturais – terra) + L (força de trabalho) que leva ao aumento populacional, aumento do poder aquisitivo e do crescimento lento. Enquanto o segundo fator refere-se ao desenvolvimento/evolução – representado por S (conhecimento/tecnologias) + U (meio ambiente sociocultural) e é responsável pelo impacto nas transformações sociais, culturais e institucionais. Para o autor S+U, ou seja, conhecimento + as características da mão de obra local + o ambiente onde a empresa está inserida gera o impulso necessário no sistema econômico, social e tecnológico e determina a trilha de tempo da produção. Novamente vemos o modelo econômico atual e a importância do capital intelectual implícitos em conceitos e teorias fundamentais. Desta forma podemos entender que capital intelectual exhibe um conceito amplo que está condicionado pelo capital humano, que é um e não o único fator do conceito como um todo.

Seguindo a mesma influência observada nas obras de diversos autores na área, explorar Schumpeter como o mais rematado é uma forma de contemplar estes importantes autores e garantir uma análise geral deste conceito. Iniciemos pelo desmembramento dos elementos dos fatores de produção de Schumpeter, o capital humano, estrutural, organizacional e os processos. Consideremos que o sistema econômico é um reflexo do processo de produção, que se apresenta a passos largos em uma direção que é determinada por diversos elementos organizacionais. É imprescindível que estes elementos estejam claros e tenham seu valor individual bem estabelecido para uma aplicação correta. Neste contexto

devemos dizer que capital intelectual nada mais é do que a soma do capital humano + capital estrutural + capital organizacional + os processos, fatores que viabilizam o sucesso na atuação do capital intelectual em uma organização. Aclarando detalhadamente e iniciando por aquele considerado a universalidade de todos os ativos, o conceito de capital humano é inerente às competências do indivíduo sendo ele funcionário ou empreendedor, estes são seus valores e capacidade de relacionar-se. Assim como os demais fatores, as competências humanas podem ser desenvolvidas através de investimentos em atividades que transmitam o conhecimento e no fomento a um ambiente que promova sua capacidade de criação permanente. O capital humano formado tem como características principais a atitude, o conhecimento, a coragem, a atenção, a decisão, a habilidade e o entusiasmo, características, que natas ou inatas, são um efeito do ambiente sociocultural.

O capital estrutural diz respeito à infraestrutura com um sistema físico capaz de transmitir e armazenar o conhecimento humano outorgado à empresa pela reversão do processo de aquisição do conhecimento em informação. Ambiente que possibilite que o capital humano desenvolva suas habilidades com excelência, que garanta a qualidade dos produtos ou serviços por meio de sistema informatizado e/ou automatizado, com banco de dados completo e acessível, com equipamentos e maquinários adequados e com o patenteamento e o registro de marcas.

Já o capital organizacional refere-se à capacidade de gerenciamento dos processos e das pessoas, da relação da empresa com seus agentes internos ou externos. Este é o fator responsável pela geração de metodologias, de modelos produtivos operacionais e pela otimização das rotinas. Este “gerente” é o dirigente do “desenho” da estrutura interna da empresa: do planejamento estratégico e organizacional, do modelo de trabalho/produção, do *company profile* e do *business profile*. É este profissional o responsável por incentivar, coordenar e alinhar os interesses no domínio da estratégia. É agente catalisador capaz de transformar a organização em um organismo vivo, em constante processo de evolução em um ambiente em constante mutação.

O capital de processos representa o ativo projetado para aquele uso, que conjuga atividades a serem executadas, recursos a serem utilizados e tempo a ser investido em busca da produção para aquele seguimento ou demanda. É a padronização de métodos, a divisão de tarefas de modo a normatizar as ações, simplificando e agilizando os processos diários. Este é o fator que permite à empresa uma gestão do conhecimento e de competências através de

indicadores de desempenho resultantes da padronização dos procedimentos. Os processos devem estar alinhados as estratégias da empresa.

A visão clara da função de cada uma destas peças leva ao entendimento da funcionalidade de uma engrenagem capaz de mover uma pequena ou grande máquina, carregada de ativos a um destino e em um período de tempo determinado pelo mentor responsável pelo desenvolvimento e evolução da organização, o capital intelectual. Drucker (1992) completa dizendo que cada vez mais os investimentos das empresas são direcionados para a aquisição de conhecimento pelo trabalhador e menos em maquinários e ferramentas, pois sem este conhecimento as máquinas são improdutivas, mesmo com a mais alta tecnologia, avanço e sofisticação. Investimentos que exigem um retorno às organizações e ao mercado, com profissionais que tragam soluções para os problemas, sejam proativos e inovadores, que sejam criativos, que tenham um perfil empreendedor e o conhecimento adquirido com o aprendizado técnico e prático, na busca pela excelência no resultado.

Os profissionais com estas características ganham espaço por serem interessantes em todos os seguimentos do mercado. São indivíduos com o mesmo comportamento dentro das organizações ou de sua própria empresa, agindo como “donos do negócio” e buscando alcançar o sucesso. Veem as oportunidades de maneira ousada, desafiadora, precedentes básicos para a inovação, além de serem persistentes, autoconfiantes, dedicados, disciplinados, atentos e decididos, levando-os a identificar e criar novas oportunidades de crescimento pessoal e para a empresa. Estas características engendram indivíduos com a capacidade de reconhecer seu diferencial e entender, não somente suas possibilidades dentro de uma organização, mas sim a de manobrar seu próprio destino e criar seu próprio negócio. São três atores principais no processo de desenvolvimento econômico de Schumpeter: o capitalista (quem financia), o empresário (aquele que administra, gerencia) e o empreendedor (o criador, o construtor). Com o entendimento da complexidade, das viabilidades e expectativas arbitradas pelo capital humano no contexto econômico e social, vamos balizar este estudo utilizando as características de capital intelectual, para projetar o perfil do individuo empreendedor.

1.2 Indivíduo com perfil empreendedor, produto da intelectualidade como capital principal

Os Empreendedores são pessoas independentes e com sensibilidade para detectar os problemas inerentes aos negócios associado à coragem, à criatividade inovadora e

principalmente, alcançam o sucesso por acreditarem em suas habilidades pessoais para superar os problemas.

Schumpeter (1997) destaca o empreendedor como um indivíduo que age por instinto, defendendo que o sucesso da atividade “depende da intuição, da capacidade de ver as coisas de uma maneira que posteriormente se constata ser correto mesmo que no momento isso não possa ser comprovado”, neste destacando a sensibilidade e a coragem de assumir riscos, “e de se perceber o fato essencial, deixando de lado o perfunctório, mesmo que não se possa demonstrar os princípios que nortearam a ação” (SCHUMPETER, 1997, p.92), aqui conferindo a capacidade de independência na tomada de decisão e habilidade em superar os possíveis problemas. São estas as particularidades do empreendedor “agente do processo de destruição criativa” de Schumpeter, aquele que move a economia capitalista a partir de suas inovações nos produtos, métodos de produção e mercados.

Dornelas, Timmons e Spinelli (2010) declaram que “[...] talento sem idéias é como uma semente sem água.”. Para este autor o perfil do empreendedor está calcado na percepção, direção e dedicação ao trabalho, fazendo as coisas acontecerem. O empreendedor é um talento que suscita a oportunidade de diversificar, desenvolver novos negócios e novas oportunidades de crescer.

É certo que os indivíduos com perfil empreendedor são responsáveis pela geração de riquezas e competências utilizando o conhecimento aplicado no produto ou serviço, nas demandas, nos nichos ou no mercado comum. Quanto mais se aprende, conhece ou entende mais se quer realizar. A troca de energia gerada entre o conhecimento e o resultado é que cria uma força motriz que move este sistema. O conhecimento associado ao instinto e necessidade de realização, de inovação, de coragem de investir e de determinação pelo sucesso é que traçam um perfil *sui generis*, confirmado pelos estudiosos da área.

Para melhor entendimento quanto à fonte para definição dos conceitos do perfil dos empreendedores, McClelland (*apud* CHIAVENATO, 2004), descreve o resultado da pesquisa de vários estudiosos realizados em 34 países, que determinam as características que os empreendedores devem possuir ou desenvolver. De acordo com o autor estes indivíduos devem ter iniciativa e buscar as oportunidades; serem persistentes e comprometidos sempre buscando informações. Devem buscar qualidade e eficiência; terem coragem para assumir riscos calculados; devem fixar metas objetivas e planejar e monitorar estas metas, possuir capacidade de persuasão e de estabelecer um *networking* e por fim serem independentes, com poder de autonomia e autocontrole. Como resultado desta pesquisa, foram definidas três

características principais para o empreendedor: a necessidade de realização, a disposição para assumir riscos e a autoconfiança. As duas primeiras são manifestadas por uma variação de níveis enquanto a última garante a execução das primeiras. Os diferentes níveis da necessidade de realização vão da manutenção na posição atualmente ocupada até a sua colocação à frente na realização das tarefas como forma de garantir a excelência dos resultados destas, atribuindo a si este resultado. Já na disposição de assumir riscos este indivíduo demonstra sua autoconfiança quando investe de maneira cautelosa, seus recursos financeiros, de tempo, relacionamento e emocionais. É a terceira característica, a autoconfiança, que garante o enfrentamento dos desafios e problemas pertinentes à situação. Logo podemos dizer que este indivíduo tem um foco bem definido, autoconhecimento e controle, pois colocam seu sucesso como resultado de seus esforços e habilidades, trazendo para si a responsabilidade de suas ações e os resultados destas, diferenciando-se dos demais indivíduos.

Outra característica do empreendedor, apontada por vários autores, é a da observação, da análise do meio em que está estabelecido, mantendo-se atento às mudanças na vida de seus clientes, no mercado e na sociedade, buscando a melhoria na qualidade de seus produtos com o objetivo de atender as mudanças do mercado. O empreendedor é aquele que apresenta conhecimento técnico e prático, com determinadas habilidades e competências que associadas à percepção das oportunidades e possibilidades do mercado, assegura a criação e a gestão de um negócio que contribua para o desenvolvimento da sociedade.

Dantas (2008) mostra-se crítico quando afirma que grande parte das literaturas que tratam do conceito de empreendedorismo apresenta o assunto como uma solução simples para os problemas econômicos das sociedades, o que pode provocar resultados negativos no mercado econômico em função da falta de conhecimento claro sobre o assunto, levando a falta de percepção do todo do mercado empresarial e assim a falência prematura do negócio. Apesar de sua manifestação contrária, Dantas concorda como os demais autores, que o empreendedorismo traz grandes vantagens para o mercado, promovendo o crescimento econômico a partir da geração de renda, de fatores como a competição saudável que resulta na criação de produtos com mais qualidade e em maior quantidade, da possibilidade de se desenvolver novos mercados e da utilização da tecnologia em todos os nichos do mercado.

Ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática ideias próprias, características de personalidade e comportamento que nem sempre são fáceis de encontrar, elevado o grau de realização profissional e pessoal por terem

o trabalho e o prazer andando juntos. São pessoas apaixonadas pelo que fazem, querem deixar um legado e serem reconhecidas. São indivíduos que buscam, incessantemente, pelo conhecimento e autoconhecimento para criar e recriar novos conceitos e produtos.

A inovação é uma característica fundamental no empreendedorismo de sucesso, que deve ser vista como uma vantagem competitiva no mercado para este prosperar ao invés de sobreviver. Aqueles que não sabem como lidar com este novo cenário movimentado pelas mudanças que explodem todos os dias, provocadas pelas inovações, que não reagem e não se adaptam, não sobrevivem. É evidente que o empreendedorismo torna-se essencial para a geração de riquezas de uma sociedade, por fornecer empregos e renda, promovendo o crescimento socioeconômico, melhorando as condições de vida da população. Mas é preciso que este conceito esteja inequívoco. Não é incomum encontrar literaturas que exibem o empreendedorismo como a solução mágica para os problemas econômicos e sociais. Ter a clareza a cerca das vantagens e desvantagens deste caminho garante a consciência quanto ao nível de riscos e benefícios a ser assumidos e a possibilidade de resultados negativos que podem levar ao fracasso, fato provocado pela ilusão incoerente destas escritas associada à falta de conhecimento axiomático do quadro apresentado pela realidade como um todo, pelas diferenças culturais e pela falta de percepção destas.

Além dos fatores econômicos, os fatores de satisfação do indivíduo enquanto profissional, como o estímulo a pesquisas e estudos para o desenvolvimento de máquinas e equipamentos modernos impostos pelas exigências dos novos mercados e profissões, o estímulo ao desenvolvimento de mais qualidades e atitudes empreendedoras nos potenciais que podem contribuir para as desejadas mudanças em áreas necessitadas e a criação de um ambiente adequado para o desenvolvimento das características empreendedoras o que contribui para a permanência dos talentos desejados em seus postos de trabalho. Reconhece-se que o empreendedorismo brasileiro não oferece a contribuição ao país na proporção que deveria, devido à falta de conhecimento correto e concreto sobre o assunto por parte daqueles que se propõem a atuarem como empreendedores e pela exiguidade de apoio dos atores fundamentais – hélice tripla: governo, universidade e empresa/sociedade, apontando, fortemente, a responsabilidade das faculdades e universidades que estimulam o empreendedorismo prático em detrimento do conhecimento teórico aprofundado.

Nas bibliografias que tratam do desenvolvimento socioeconômico das nações a partir do fomento à cultura empreendedora fica clara a relevância da participação das instituições de ensino como promotoras do conhecimento teórico e prático necessários a este

desenvolvimento. Consorciado as instituições de ensino aparecem os órgãos governamentais com o incentivo por meio de políticas públicas favoráveis à realidade do país e com as alianças firmadas com outros países em projetos de sucesso, além da participação da iniciativa privada como promotora das novas ideias e negócios, formando a “Tripla Hélice”. Em uma realidade onde esta tríade fornece os recursos necessários para o desenvolvimento dos negócios e de uma região, que serve de modelo e referencia, é evidente o mérito deste conceito. O conceito de Tripla Hélice refere-se à importância da relação entre essas organizações para a geração do “ecossistema empreendedor”, ambiente formado pelo conjunto: empresas (investidores, clientes e fornecedores), governo (leis de incentivo, agência de fomento) e as instituições de ensino (em todos os níveis da educação, programas de desenvolvimento – empresa júnior, incubadoras e empresas experimentais -, centros de pesquisa), para dar vida ao modelo de negócio gerador de renda e emprego capaz de transformar a sociedade e a economia de uma região.

1.3 O papel das instituições de ensino na formação de empreendedores

É fundamental falar sobre a importância do conhecimento e da educação para o desenvolvimento de um indivíduo ou uma sociedade.

Lakatos e Marconi (2003) descrevem dois dos principais tipos de conhecimento em um exemplo simples para o entendimento desta teoria. Na antiguidade os camponeses mesmo sem o conhecimento técnico, sabem o momento certo da sementeira, a época da colheita, a necessidade da utilização ou não de adubos, as providências quanto à defesa das plantações de ervas daninhas e pragas e o tipo de solo adequado para as diferentes culturas. Sabem também as técnicas para o cultivo do mesmo tipo de cultura, todos os anos, no mesmo local, para não estafar o solo. Já no período feudal o sistema de cultivo era em faixas: duas cultivadas e uma em repouso, alternando-as de ano para ano com o objetivo de não esgotar o solo. No período da Revolução Agrícola, na segunda metade do século XVII, via-se a cultura do nabo e do trevo que evitava o desperdício de deixar a terra em repouso, permitindo o uso constante. Hoje a agricultura utiliza-se de sementes selecionadas que são plantadas por máquina de alta tecnologia, de adubos químicos e fertilizantes com ativos que não agredem o meio ambiente, de defensivos contra as pragas e controle biológico de insetos daninhos com tecnologias muito avançadas.

Na primeira parte do texto de Lakatos e Marcone observamos o uso do conhecimento vulgar ou popular, transmitido de geração para geração por meio da educação informal e

baseado em imitação e experiência pessoal, portanto empírico e desprovido de conhecimento técnico sobre a área de atuação; no segundo momento o mesmo conhecimento aplicado com as técnicas apreendidas com a experimentação, no terceiro trecho, o conhecimento científico, transmitido por meio de treinamento apropriado, obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos que visam explicar os fenômenos numa visão mais globalizante do que a relacionada com o simples fato. Desta forma fica claro que com o advento da tecnologia o conhecimento científico adquirido por meio da educação é uma consequência e que, associado ao conhecimento popular adquirido a partir de experiências práticas, resultam em ações concretas e positivas.

Investir em conhecimento com o propósito de transformá-lo em desenvolvimento é uma exigência, em todas as áreas, para acompanhar a velocidade que a informação se move no mundo atual e globalizado. Informação, nada mais é que a comunicação, a notícia trazida ao conhecimento de uma pessoa ou do público.

Souza e Guimarães (2005) dizem que os desafios das instituições direcionadas à educação referem-se não só às mudanças no ensino, mas, também, à visão do mundo sobre a importância da informação e do conhecimento voltados ao desenvolvimento de competências empreendedoras no sentido de atender o perfil das novas carreiras, qualificações e ocupações que surgem, requerendo do sistema de ensino a reformulação da metodologia utilizada para passar este conhecimento.

A educação brasileira é marcada por dois momentos importantes de mudanças: a primeira com a nova Constituição Federal brasileira que determina a educação como direito de todos e dever do Estado e da família (art. 205 da CF/88) e o segundo a partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que assegura ao ensino superior maior flexibilidade na organização curricular dos cursos. No art.53 no exercício de sua autonomia ficam assegurados às universidades as seguintes atribuições: inciso III – estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de extensão. Parágrafo único: III – elaboração da programação dos cursos e IV – programação das pesquisas e das atividades de extensão.

O parecer do Conselho Nacional de Educação e da Câmara de Educação Superior, CNE/CES 776/97 estabeleceu orientação geral para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação e entre outras considerações assinala:

Visando assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes, as diretrizes curriculares devem observar os seguintes princípios:

- 1) Assegurar às instituições de ensino superior ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas;
- 5) Estimular práticas de estudo independente, visando uma progressiva autonomia profissional e intelectual do aluno;
- 6) Encorajar o reconhecimento de conhecimentos, habilidades e competências adquiridas fora do ambiente escolar, inclusive as que se referiram à experiência profissional julgada relevante para a área de formação considerada;

O Plano Nacional de Educação (PNE), Lei 10.172 de janeiro de 2001, define nos objetivos e metas:

[...]11. Estabelecer, em nível nacional, diretrizes curriculares que assegurem a necessária flexibilidade e diversidade nos programas oferecidos pelas diferentes instituições de ensino superior, de forma a melhor atender às necessidades diferenciais de suas clientelas e às peculiaridades das regiões nas quais se inserem [...].

Completando a ideia de que no contexto atual as mudanças e o avanço tecnológico que levam a informação globalizada, transformam o mercado e exigem à reformulação na estrutura do processo ensino-aprendizagem, Souza e Guimarães (2005, p.201 a 203) dizem que é preciso;

“[...] rever a importância da adoção de projetos pedagógicos desenhados com metodologias alternativas e inovadoras.[...]” buscando novas estratégias institucionais e estruturas curriculares, além de alternativas metodológicas inovadoras, surgem movimentos de inserção da cultura empreendedora das universidades, com o propósito de redirecionar seu processo de ensino-aprendizagem.

Este conjunto de circunstâncias endossa que a formação profissional que antes atendia às demandas de um tipo de mercado deve sofrer alterações e precisam ser revistas. É preciso que estudantes e graduados criem seus postos de trabalho, para isto é essencial à revisão e adequação dos processos do ensino utilizando procedimentos para a valorização da cultura empreendedora no sistema educativo. As Instituições de Ensino Superior (IES) sempre estiveram preocupadas em formar excelentes profissionais voltados para as grandes empresas. O conhecimento adquirido na academia deve ser transformado em produtos ou serviços para atender o mercado atual, mas para isso, mais do que o conhecimento técnico-científico, é necessário desenvolver a capacidade empreendedora para a execução das novas ideias e para isso é importante ressaltar a criação de um ambiente voltado ao conhecimento do empreendedorismo nas instituições de ensino superior.

Quanto ao desenvolvimento do espírito empreendedor é preciso citar Mintzberg, Ahlstrand e Lampel, Degen e Drucker, autores de obras importantes sobre o assunto, considerados referências na articulação entre o empreendedorismo e a educação por serem unânimes quando discorrem sobre o tema e sobre a importância dos indivíduos empreendedores para o desenvolvimento socioeconômico de uma sociedade. Os conceitos escritos por estes autores dizem que as características do empreendedor baseiam-se na inovação, na recriação do que já existe com maior eficiência e mais qualidade e no comprometimento destes ousados indivíduos que entendem de maneira clara, o nível de riscos que devem correr. Características que podem ser adquiridas por meio de transferência do conhecimento técnico e da vivência em um ambiente adequado, certificando que o empreendedor é produto do meio em que vive, é um ser social.

Indivíduos com características empreendedoras são foco de interesse por parte do mercado mundial e tomam maior importância no período da economia em que as mudanças tornam-se evidentes. O mercado toma novo rumo com mais exigências, ficando clara a necessidade do fomento à formação e à capacitação deste novo perfil de profissionais, permitindo a criação de valor social e econômico, o que favorece o crescimento de uma região.

O aprendizado como criação de conhecimento é tratado na obra de Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000, p.157) que cita as teorias de Nonaka e Takeuchi que discutem sobre a forma de escolha dos profissionais pelas organizações baseado na formação tradicional.

[...] precisam deixar o velho modo de pensar que o conhecimento pode ser adquirido, ensinado e treinado através de manuais, livros ou palestras. Em vez disso, eles precisam prestar mais atenção ao lado menos formal e sistemático do conhecimento e começar a focalizar discernimentos, intuições e palpites, altamente subjetivos, obtidos pelo uso de metáforas, quadros ou experiências.

Para desenvolver a cultura empreendedora nas sociedades é preciso a criação de estratégias que visem incentivar e valorizar o ensino do empreendedorismo nas instituições, com uma educação voltada ao ensino de atitudes empreendedoras que desenvolvam suas habilidades individuais. As instituições de ensino e organizações devem ser as promotoras do conhecimento que somente pode ser produzido pelos indivíduos. Para esclarecer melhor sobre esta teoria Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000) apresentam um esquema que analisa as formas de conversão do conhecimento com um espiral que aponta a socialização como sendo

o início da divisão do conhecimento tácito com o ambiente por meio, muitas vezes, da troca de experiências (sem o uso da linguagem tradicional), seguindo para a exteriorização que transforma o conhecimento implícito em explícito a partir de metáforas e análises. O próximo segmento apresenta a teoria que combina e passa o conhecimento codificado de uma pessoa para outra e, finalmente, a interiorização que converte o conhecimento explícito em implícito por meio do fazer para aprender.

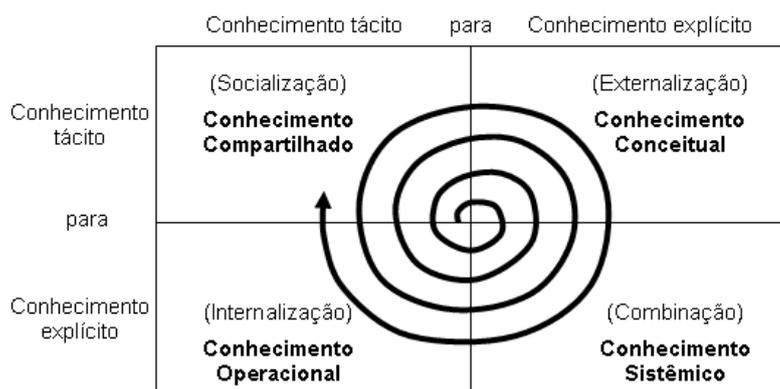


Figura 1 - A espiral do conhecimento.

Fonte: Adaptada de Nonaka e Takeuchi (1995,p. 71 *apud* MINTZBERG, 2000, p.158)

Este esquema, muito utilizado na contextualização das características do indivíduo empreendedor e/ou gestor, mostra que todo indivíduo detém conhecimento próprio e que pode ser convertido para um grupo ou atividade utilizando métodos práticos ou teóricos que o oriente e estimule quanto ao desenvolvimento da sua capacidade empreendedora. Como consequência o indivíduo transforma conhecimento em um produto a partir de ações empreendedoras com resultados satisfatórios.

É importante dizer que o comprometimento da educação com o preparo destes indivíduos não deveria ser desempenhado apenas pelas universidades e cursos técnicos, mas sim pelas escolas primárias e secundárias, ou seja, na fase inicial da educação, revelando aos jovens a importância deste conceito para o seu futuro profissional e conscientizando-os quanto ao seu papel na sociedade e na economia. Será necessária uma mudança que possivelmente será mais um marco na história da educação no país. Deixar o modelo tradicional e teórico de educação voltado à formação de profissionais que ainda não se enxergam “donos” de suas ações e decisões, para um modelo onde a multidisciplinaridade, a “troca” e não mais a transferência de conhecimento técnico e a vivência como permuta do

conhecimento tácito, asseguram a construção do perfil empreendedor nos indivíduos e a manutenção do ambiente adequado a esta prática.

É possível aprender sobre empreendedorismo e a ser um empreendedor, pois ambos fazem parte dos contextos social, econômico, cultural e de negócios, em todas as áreas de atuação, por isso, é importante que o ensino de empreendedorismo em IES se torne uma realidade e que ofereçam disciplinas específicas que abordem a essência do assunto: a inovação. A inovação não apenas com o sentido da criação de novos negócios, empreendimentos ou formas de capitalização de recursos financeiros, mas, “substituindo o foco de se formar apenas bons empregados de empresas multinacionais para indivíduos empreendedores de seus próprios negócios e das próprias carreiras.” (SEGeT, 2008)¹.

Realidades podem ser transformadas a partir de estratégias coerentes. São indivíduos ou grupos de indivíduos conscientes e habilidosos que reescrevem a trajetória histórica de uma nação.

¹ SEGeT – V Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia 2008. As Características da Disciplina de Empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior do Estado de Santa Catarina. Disponível: http://www.aedb.br/seget/artigos08/312_caracteristicasdiciplinaempreendedorismo.pdf. Acesso em: 8 de agosto de 2009.

2 EVOLUÇÃO HISTÓRICA E O FOMENTO A CULTURA EMPREENDEDORA COMO ESTRATÉGIA DE TRANSFORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE OU REGIÃO

É inegável que o mercado requer empreendimentos preparados que possam atender a suas necessidades em evolução permanente. Arraigado nesta estrutura, o empreendedorismo se revela como uma atividade que acompanha a raça humana em toda sua trajetória. Exemplos como Marco Polo que no ano de 1270 já buscava grandes ações em terras distantes e Thomas Edison que em 1860 já havia construído um protótipo do primeiro telégrafo, e entre uma e outra invenção realizava pesquisas, 1.200 mais precisamente, em busca da eletricidade e da lâmpada, são relevantes e devem ser lembrados.

A teoria de Drucker (2003) de que as inovações primordiais resultam, em sua grande maioria, não da técnica e sim da necessidade experimentada, é de grande deferência, principalmente neste momento. O autor menciona casos que explicam seus conceitos e crêdulos com maestria. A marinha mercante que teve a maior expansão de suas operações registradas com a criação dos containers que quadruplicou o poder de carga dos navios e diminuiu o tempo de atracação destes nos portos, provocou o maior progresso dentre as atividades na época e contribuiu para um dos maiores crescimentos do comércio mundial a partir da década de 1940. Esta inovação surgiu a partir da percepção do navio enquanto instrumento de carga e foi criado pela astúcia daquele que vivenciava as manobras da rotina desta atividade e observava que os caminhões na íntegra ocupavam grandes espaços, mas que seus dispositivos de armazenagens, as carrocerias, não. Logo os caminhões perderam seus rodados e suas carrocerias foram transformadas em containers.

Mas um dos marcos na história da evolução do empreendedorismo em função de sua contribuição para as mudanças econômicas e inovações da época é a Segunda Guerra Mundial, período onde o conhecimento passa a ser aplicado ao conhecimento em si, tornando-se o principal fator de produção, que até então eram o capital e a mão-de-obra. Este período exige que as descobertas tecnológicas passem a ser uma constante, abandonando os processos de natureza mecânica concentrados no aumento da velocidade, da temperatura e da pressão das máquinas. Certamente este momento de transformação na forma de pensar os recursos trouxe a este contexto processos mais eficientes, bem definidos, organizados e executados a partir da informação e do conhecimento. Um exemplo simples ocorrido neste período, mas importante que deve ser citado aconteceu na Índia, quando uma empresa inicia a fabricação de uma bicicleta motorizada de projeto europeu, provavelmente testado e projetado para a região de origem. A proposta não teria sido um total fracasso se os clientes não tivessem comprado o

objeto para utilizar o motor como bomba de irrigação que vendido aos milhões revolucionaram os processos de plantação na Ásia.

As mudanças no cenário econômico e dos negócios a partir deste século deixam claras as novas configurações do mercado, que passa a ter como principal foco a competitividade promovida pelo conhecimento e pelo empreendedorismo. Também para Degen (1989) o cenário muda a partir da Segunda Guerra Mundial, período que acaba com o perfil tecnológico de natureza mecânica que vinha se desenvolvendo até então e passa à busca do “saber o que acontece dentro de uma estrela.” (DEGEN, 1989, p. 5).

Diversos estudos apontam que existem quatro principais motivos para o empreendedorismo: a) aquele iniciado por vocação e caracterizado pela identificação das oportunidades de mercado e a liberdade de acesso a estas oportunidades, transformando-as em produtos ou serviços; b) já o empreendedorismo por necessidade é quando o indivíduo não tem a condição necessária, muitas vezes financeira, para se inserir no mercado por meio da oportunidade, praticando atividades de subsistência; c) o empreendedorismo inercial que define os negócios que têm vantagens e privilégios em sua estrutura tributária e mercados preferenciais que viabilizem o empreendimento mesmo que não exista o indivíduo empreendedor e por fim, mas não menos importante d) o empreendedorismo pelo conhecimento. Com o avanço da tecnologia e formas de comunicação este é o empreendedorismo que deve dominar por unir o perfil do empreendedor com o conhecimento sobre o ambiente empresarial, econômico e social, em uma visão macro da realidade local e de sua capacidade em um universo sem fronteiras.

O empreendedorismo traz como vantagem para o mercado o crescimento econômico e em consequência o crescimento social, a partir da geração de renda, da competição que resulta na criação de novos produtos com mais qualidade, maior quantidade com menores custos, a possibilidade de se desenvolver novos mercados e da utilização da tecnologia em todos os nichos destes, a autonomia no mercado de empregos e a redução da economia informal. O Japão, que hoje é a terceira maior economia do mundo, vivia uma realidade completamente diferente até 1965. Um país que acordava sua economia para as novidades da época recebia neste período o automóvel, mas não contava com estrutura de pavimentação e iluminação em boa parte de suas cidades menores. Isso não seria o problema, a pavimentação foi feita e o volume de transportes aumentou desenfreadamente e, novamente, a estrutura não atendia, com estradas mal projetadas e sem iluminação adequada. O problema vira oportunidade nas mãos do empreendedor Tamon Iwasa que cria o “olho de gato”, utensílio que reflete a luz dos

carros auxiliando a visibilidade e resolvendo os problemas nas estradas; tão eficiente que se transformou no principal meio na época e é utilizado até hoje no restante do mundo.

As oportunidades identificadas pelos indivíduos com o perfil empreendedor e com capacidade de gerenciamento pode mudar radicalmente toda uma sociedade. Uma evidente realidade observada cada vez mais e em maior escala são as pequenas e médias empresas disputando espaço no mercado com grandes empresas. Segundo a Revista Época, as pequenas e microempresas representam pelo menos 20% da produção, 40% da massa de salários e 52% dos empregos privados formais do Brasil². Esta competitividade entre empresas de diferentes portes acontece porque cada vez mais o conhecimento oportuniza esta relação, considerando como fator mais importante a administração por indivíduos que possuem o conhecimento científico, a capacidade empreendedora e o entendimento da contribuição do capital intelectual na gestão dos negócios e no contexto atual da sociedade do conhecimento. Uma experiência a ser citada foi a vivenciada por Thomas Edison, referido anteriormente. Um dos maiores gênios das invenções modernas e empreendedor astucioso, foi em gestor fracassado. Como empresário fracassou na gestão de todas as suas empresas que só eram salvas com a entrada de outra equipe de gestores e sua saída categórica. Foco no mercado, processos administrativos bem definidos e uma equipe preparada demonstram a maturidade dos envolvidos no desenho do negócio e sua possibilidade de permanência no mercado.

Sempre foi uma necessidade, mas cada vez mais se faz necessário o estímulo a pesquisas e estudos para o desenvolvimento de tecnologias, máquinas e equipamentos e a criação de um ambiente adequado para o desenvolvimento das características e atitudes empreendedoras que alimentem ou gerem novos talentos. Somente assim haverá condições para a manutenção destes talentos em postos adequados produzindo mudanças em áreas necessitadas. Ambientes que tem estas características vivas são alvo de estudos e pesquisas por importantes e confiáveis meios.

2.1 Empreendedorismo no mundo: ambientes e políticas adequadas

O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 1999), programa do Reino Unido, anunciou em seu primeiro relatório, em 1998, dados sobre o futuro competitivo daquele complexo, enfatizando a necessidade de se desenvolver uma série de iniciativas para intensificar o empreendedorismo na região. O Reino Unido é uma potência econômica

²Revista Época. 23 ideias para o Brasil crescer. Disponível: <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2014/05/23-ideias-para-o-bbrasil-crescerb.html>. Acesso em: 22 de setembro de 2015.

mundial desde o século 18, mas em 2008 a crise econômica financeira mundial abateu a saúde financeira britânica. Um relatório do *Institute For Fiscal Studies*, de 2014, indica que cerca de 23% dos britânicos estão pobres, percentual alarmante para os padrões britânicos. Em 2010, o PIB do Reino Unido caiu para a oitava colocação mundial, ficando atrás do Brasil³.

A Alemanha, quinta maior economia do mundo, vem promovendo um número crescente de programas que destinam recursos financeiros e apoio na criação de novas empresas. Um exemplo bem sucedido é a do brasileiro Fabio Wahl, que chegou ao país em 1996 com vontade, sem recursos, mas encontrou oportunidade e apoio para se estabelecer. A criatividade brasileira levou-o a investir na rede de alimentos. Iniciou vendendo bolo de chocolate e hoje a receita é utilizada para a produção da principal sobremesa em sua rede de restaurantes.

Na Finlândia, em 1995, foi lançado o decênio do empreendedorismo, visando à criação de uma nação empreendedora, promovendo o empreendedorismo como uma forma de geração de emprego e incentivo à criação de novas empresas. Da mesma forma Israel cria o Programa de Incubadoras Tecnológicas, incentivando muitos negócios novos e mais de 500 já foram registrados como bem sucedidos. Aqui a principal importância das incubadoras está no processo de transição destas para indústrias de base científica e tecnológica. Na França há iniciativas para promover o ensino de empreendedorismo nas universidades e a criação de incubadoras. Neste último, cabe salientar que Paladino (2009) já descreve em seu trabalho sobre o sucesso da educação empreendedora na Europa e, principalmente, na França, onde o destaque são as empresas juniores, a educação executiva, a participação de cientistas e doutores nas empresas e a Lei de Inovação para o desenvolvimento do conhecimento sobre empreendedorismo nas IES e seus reflexos econômicos.

A tecnologia a cada dia se transforma em uma ferramenta para a solução de questões resultantes do que existe e/ou a geração de novos acervos, agiliza dados e informações que tornam os bens e serviços à fonte para recursos, melhora os ganhos e benefícios, reduz os custos e possibilita a paridade na competitividade entre as maiores e menores iniciativas. A sociedade assume o “perfil mutante” das transformações permanentes causadas pela evolução tecnológica, que geram maior rapidez na transferência de informações e promovem mudanças no perfil das relações de trabalho.

Estas mudanças podem ser observadas claramente quando vemos as pequenas e médias empresas disputando espaço no mercado com grandes empresas, quando

³ Guia Geográfico. Disponível: <http://www.reino-unido.net/economia.htm>. Acessado em: 15 de setembro de 2015.

administradas por indivíduos com o perfil empreendedor. Klein (1998) faz um desenho da relação entre mercado e as pequenas e grandes empresas. Para o autor, as pequenas empresas têm mais vantagens competitivas por terem no capital intelectual seu maior bem, fazendo com que se propunham a correr riscos, lançando novos produtos e assim se firmando cada vez mais no mercado. As grandes empresas, além do capital intelectual possuem o capital financeiro e físico, isto faz com que estas empresas se mostrem mais cautelosas em relação a sua atuação no mercado. O autor confirma estes fatores como sendo um dos motivos para o reconhecimento, por parte de um crescente número de organizações, de que o capital intelectual é a nascente da vantagem competitiva.

Para Neto (2005), o empreendedorismo origina o crescimento na formação de novas pequenas empresas que atuam em todas as áreas, o que faz surgir todos os dias, novos concorrentes, indicando que as grandes empresas devem se preparar para a renovação, ou estarão perdendo a competitividade para as pequenas empresas, que aparecem para aproveitar oportunidades atendendo à necessidade não suprida pelas grandes. E isto somente é possível porque as empresas de menor porte precisam ser criativas e inovadoras, agentes de mudanças, transformando sonhos e oportunidades em negócios viáveis. Drucker (1992) afirma que a igualdade na competitividade está na diversidade do uso da tecnologia em uma única empresa e no uso da mesma tecnologia por várias empresas, independente de seu porte, possibilitando as mesmas oportunidades a todas. Já para Paladino (2003), as empresas de menor porte se estabelecem a partir de habilidades para responder às mudanças nas demandas do mercado, tornando-se as responsáveis pela transformação, a partir da competitividade, do cenário atual.

Para Souza e Guimarães (2005, p. 165), “o empreendedorismo tem prosperado porque pessoas com mentes independentes optaram por abandonar posições de segurança como forma de promover idéias inovadoras ou ingressar em novos mercados [...]”. A visão do empreendedor o mantém fora da zona de conforto endossando sucesso ao seu negócio e exigindo dos demais o mesmo exercício. “Assim, um forte impulso para atividades de geração de negócios é o espírito independente necessário para conduzir o novo empreendimento” (SOUZA E GUIMARÃES, 2005, p. 165).

São as atividades empreendedoras que conduzem as sociedades ao desenvolvimento, a prosperidade, ao dinamismo, adequando-as e preparando-as para a competitividade do mercado globalizado que é a realidade mundial atual e do futuro.

Segundo o *Human Development Report* – HDR, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), realizado em mais de 166 países, a má distribuição de renda é

um dos principais freios para o desenvolvimento da expansão econômica dificultando que os pobres se beneficiem com o crescimento. No Brasil o que se vê é que uma minoria da população detém a maioria da riqueza gerada confirmando a relação inversa, de que a maioria da população detém uma parcela muito pequena desta mesma riqueza, mantendo o *status* do país como o de uma “nação de pobres”, onde um dos desafios para o desenvolvimento está na percepção de sua capacidade pelos indivíduos com perfil para empreender e nos recursos em potencial disponíveis.

Degen (2008) diz que nos últimos 40 anos a geração de riqueza realizada pelos empreendedores se apresenta em maior escala nos países industrializados ao contrário dos países em desenvolvimento como o Brasil, Equador, Peru, Bolívia entre outros da América Latina e Caribe. Neste contexto as atividades empreendedoras só causam consequências positivas quando motivadas por oportunidades, pois fazem com que os empreendedores mais bem preparados desenvolvam negócios fundamentados na inovação e nas novas tecnologias. Para o autor estes negócios têm mais chance de serem bem sucedidos gerando mais riquezas e empregos. Sendo assim podemos afirmar que o empreendedor é produto do ambiente onde vive, é um ser social, capaz de movimentar a economia acompanhando as mudanças.

É necessário que análises, conhecimento e intuição, sejam uma constante consagrada em um ambiente empreendedor. Estar atento às oportunidades e saber escolher o negócio certo dentro do cenário atual é decisivo para tornar um empreendimento bem-sucedido. Assim é indubitável a necessidade de fomento a um ambiente/ecossistema voltado ao desenvolvimento das características e habilidades individuais deste sujeito, a oferta de recursos para o estudo de novos métodos de trabalho e tendências e a possibilidade de concepção de um novo negócio, produto ou serviço, ou até mesmo, do redirecionamento do já existente, adequando-os às demandas apresentadas.

A compreensão terminante da extensão dos efeitos destes ambientes em uma sociedade ou região levou países a investirem em iniciativas compatíveis com os fatores necessidades & demandas & realidades.

Como mencionado anteriormente, Paladino (2003) apresenta a Lei de Inovação brasileira, projeto que foi escrito aos moldes da Lei Francesa, um dos países mais desenvolvidos do primeiro mundo e referência em educação como uma proposta de fomento ao ambiente empreendedor. Também são citados outros projetos de fomento ao empreendedorismo desenvolvidos na Europa e em algumas instituições e organizações no Brasil, como as empresas juniores, a participação de cientistas e doutores nas empresas,

incubadoras de empresas, investimentos em iniciação científica, educação executiva e os empréstimos a juros zero, reembolsáveis apenas quando o empreendimento for bem sucedido. Um dos exemplos é a Campus Venture, uma incubadora de empresas da cidade de Manchester, que na década de 90 registrava mais pesquisas e tecnologias desenvolvidas e em desenvolvimento do que empreendedores locais disponíveis para transformar os projetos em empreendimentos. Com o apoio de agências de desenvolvimento a Campus Venture passa a formar novos empreendedores e a estimular os já existentes “[...] evitando-se que as tecnologias produzidas nas instituições locais fossem compradas e transferidas para outras regiões e países.” (PALADINO, 2009, p.35 e 36). Como resultado destas ações, foram contabilizadas 81 empresas de base tecnológica que receberam apoio, sendo que 70 iniciaram, imediatamente, suas operações, gerando 700 empregos diretos de alto nível em diversos setores da economia.

Notadamente os sistemas sociais e econômicos de apoio aos novos empreendimentos, através de políticas públicas de incentivo e financiamentos e instituições de fomento a cultura e conhecimento empreendedor apresentam-se, em sua maioria, nos países mais desenvolvidos. Exemplos como Espanha, Alemanha, Itália e Suíça que trabalham organizadas em prol das empresas juniores, demonstram a importância do fomento ao aperfeiçoamento do espírito empreendedor por meio destas empresas como forma de desenvolvimento econômico para o país. As vantagens para as pequenas e microempresas é o suporte técnico que é prestado pelas empresas juniores, possibilitando o crescimento no número de novas empresas juniores e na qualidade dos serviços prestados pelos futuros profissionais. E a vantagem para as empresas juniores está na oportunidade de vivência prática de seus integrantes. Os acadêmicos envolvidos nestas empresas estão diretamente ligados a trabalhos práticos como forma de complemento às atividades acadêmicas, promovendo a ligação entre o ensino superior e o mercado.

Outro ambiente empreendedor, considerado propício, que oferece um meio adequado à transmissão de conhecimento, suporte contábil, jurídico e financeiro, são as incubadoras de empresas, instituídas pelas instituições de ensino superior. Da mesma forma os eventos de fomento a criação e aceleração de novos negócios, o aprendizado coletivo a partir da vivência com empreendedores, mestres e investidores e, principalmente, com os *cases* de sucesso. Como atores principais nesta construção vemos as universidades como mentoras de pesquisas na área tecnológica transferindo este conhecimento técnico para o mercado, o Estado com leis e medidas voltadas ao empreendedorismo e a iniciativa privada com investimentos financeiros

e tecnológicos, além do *know-how*. Estes são fatores que promovem a multidisciplinaridade, fundamental na criação deste ambiente.

Refletindo sobre os elementos que determinam o empreendedorismo enquanto agente da transformação observada no cenário mutante atual é elementar assinalar a existência do modelo de empreendedorismo *startup*⁴. Este modelo configurou-se por volta dos anos 2000, com a “bolha da internet”⁵, propondo um padrão diferente que anda a passos rápidos, mas atento ao controle do caos, efeito possível com a dinâmica econômica variável. Atua em prazos mais curtos, cria estratégias e culturas organizacionais peculiares, busca investimentos em capitais de risco, é geralmente administrado por jovens, tem sua base na tecnologia e busca a geração de riqueza e inclusão social. Este modelo é um espelhamento das características do mercado mundial atual, que não se sabe se é o gerador ou o resultado deste panorama.

Mas bem antes do início deste período a literatura sobre modelos de gestão mais eficientes, já apresentava como fatores decisivos para o sucesso os mesmos fatores apontados como fundamentais no modelo mais moderno de administração. Na obra de Degen (1989) observa-se uma descrição detalhada dos seis estágios de crescimento de uma empresa sendo que apenas duas fases são as determinantes do sucesso em cada estágio. A primeira é a fase de administrar e a segunda é a fase de empreender, ambas dependentes de indivíduos preparados e qualificados para o seu exercício. Com profissionais qualificados à frente da gestão da empresa, as etapas para alcançar o sucesso do produto e a permanência desta empresa no mercado estão mais próximas de serem alcançadas. A perspectiva para identificar a oportunidade de negócio, a eficiência para implementar o empreendimento e a capacidade

⁴ Diversos são os conceitos para o termo *startup*, um deles diz que qualquer pequena empresa em seu período inicial pode ser considerada uma *startup*, outros defendem que é uma empresa inovadora com custos de manutenção muito baixos, mas que consegue crescer rapidamente e gerar lucros cada vez maiores. Em uma definição mais atual e direta, que atende ao conceito popularizado por especialistas e investidores, uma *startup* é um grupo de pessoas que procura um modelo de negócios repetível e escalável, trabalhando no ambiente das incertezas econômicas atuais. Este modelo de negócio tem em sua base a tecnologia para a geração de novos produtos e/ou serviços, que somente são desenhados a partir de um estudo das demandas, necessidades e desejos do mercado consumidor.

⁵ Na década de 90, empresas, serviços, políticos, ONGs e tantos outros puseram-se no universo virtual, formando uma grande “bolha”. O dinheiro de outros setores começava a ser canalizado para *sites*, produtos e serviços da rede. O *e-commerce* surgia como um novo canal de vendas. A *Internet* prometia um futuro rico, infinito e cheio de possibilidades. As ações das empresas pontocom e de alta tecnologia subiram vertiginosamente. Foi criada uma nova bolsa de valores especialmente para o ramo: a Nasdaq. Em maio de 2001, a “Bolha da Internet”, ou seja, o fenômeno de supervalorização das empresas pontocom e de suas ações, estourou. Foi o fim de centenas de pequenas empresas virtuais que davam seus primeiros passos. No entanto, empresas sólidas saíram praticamente ilesas. Viu-se que o mercado de Internet gera lucros e que, apesar de extenso, tem limites. Apesar do abalo, a rede mundial segue influenciando na economia.

técnica para desenvolver o conceito do negócio são as etapas a serem edificadas por estes profissionais.

A obra de 2003, que é uma tradução da obra original escrita em 1986 por Drucker, não é diferente da obra de Degen citada anteriormente. Nesta vê-se, claramente, uma reprodução do cenário da administração e modelo de negócios atuais antes mesmo deles terem início em 2000. Para o autor os negócios já existentes tinham como obstáculo a incorporação do empreendedorismo em uma administração tradicional enquanto os novos negócios tinham como provação a implantação de uma administração empreendedora. É necessário que todos dentro de uma organização estejam cientes do modelo e dos processos, conheçam as metas, a missão e os valores da organização e efetivamente entendam qual o caminho seguir, onde devem chegar e de que forma. O autor se refere na obra, a um modelo de empresa como empresa de risco, que tem o mercado como foco, o planejamento financeiro bem definido com investimento programado, uma equipe administrativa eficiente e a atuação do empreendedor nos negócios da organização bem definida, ou seja, um plano de negócios preciso e claro, modelo das empresas *startup*. *Startup* é com certeza um novo termo para denominar o empreendedorismo já conhecido, com características de um modelo de negócios resultante das exigências da velocidade da economia de mercado, padrão econômico vigente, e de um ambiente propício.

Aqui diversos exemplos de ambientes ou ecossistemas que transformam uma sociedade e/ou região podem ser apresentados. Um dos maiores do mundo é o Vale do Silício nos EUA. Este ambiente totalmente favorável à promoção do empreendedorismo com base tecnológica, as *startups*, responsáveis pela criação de novos postos de trabalho e pela extraordinária capacidade de geração de riqueza, faz da região uma referência mundial no que refere à alavancagem de empreendimentos com base na exploração do conhecimento científico e tecnológico com vistas no desenvolvimento socioeconômico.

Pedro Sisnando⁶, em sua crônica sobre os efeitos da relação universidade, empresa e governo para a inovação no Japão, Índia e China, enfatiza a importante função da “Tripla Hélice”. Em sua afirmação está a de que os países menos desenvolvidos não têm mais

⁶ Economista com pós-graduação em desenvolvimento econômico e planejamento regional em Israel. Atualmente é vice-presidente do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico) e da Academia de Ciências Sociais do Ceará, bem com sócio fundador da Academia Cearense de Ciências. É professor titular (aposentado) do programa de mestrado (CAEN) da Universidade Federal do Ceará, onde foi também Pró-Reitor de Planejamento. Publicou cerca de 40 livros em sua área de especialização e escreveu muitos artigos para jornais e revistas.

Relações universidade-indústria-governo para a inovação no Japão, Índia e China. Disponível: <http://www.econometrix.com.br/colunistas.php?id=22145>. Acesso em: 28 de junho de 2014.

condições de crescimento diante das exigências impostas pela globalização sustentado apenas na mão de obra mais barata, fato que vem acontecendo há muito tempo. A condição primária e consolidante para o desenvolvimento sustentável de forma igualitária entre os centros mundiais e os chamados países periféricos, está na educação e treinamento para formação profissional de uma força de trabalho criativa, corajosa e capaz de resolver problemas.

O autor cita como principal fonte de informações e dados para a construção deste ecossistema *startup*, os estudos feitos pela Organização Mundial de Propriedade Intelectual (WIPO), realizados nos países asiáticos que apontam lições úteis para orientar decisões políticas para melhorar a relação academia, empresa e governo. Outra fonte de consulta é a mesa redonda realizada no *Risaburo Nezu-Fujitsu Research Institute* em Tóquio em 2005, que culminou em um documento que estabelece diretrizes para a parceria universidade-indústria com foco na promoção da inovação e transferência de tecnologia. Os resultados da pesquisa da WIPO são importantes casos de análise.

A economia japonesa é a terceira maior do mundo com US\$ 4,5 trilhões de PIB e uma renda per capita de US\$ 36.000, com uma taxa de desemprego de 4,4% e de inflação de 0,1%. Mas o país vem perdendo espaço para outros países da Ásia e EUA. O Japão por ter parte de suas “super universidades” geridas pelo governo, e estas não terem contato com os interesses das empresas privadas por serem anticapitalista, criou um ambiente de desinteresse entre os acadêmicos em relação aos negócios e uma desatualização do ensino, privando os alunos do conhecimento necessário para auxiliar as empresas a resolverem seus problemas técnicos. É reconhecido o êxito da industrialização do país no pós-guerra, mas também é notório o reconhecimento da necessidade de mudança na relação entre estas instituições de ensino e o setor produtivo. Isto ocorreu em função da perda da competitividade do Japão frente aos EUA, Coréia e China, que se tornaram uma ameaça ao mercado japonês, sendo inevitável a construção da relação entre universidades-empresas-governo, dando início uma nova fase. Esta nova fase iniciou em 1983, mas somente em 1996 com a criação do Plano Básico de Ciência e Tecnologia, aprovado pelo Conselho de Ministros é que ficam evidentes estas mudanças. Outro fator para esta mudança foi a influencia do novo modelo da indústria americana, surgido a partir de 1990, com os empreendimentos de alta tecnologia e as *startups*, frutos do ambiente bem estruturado nos EUA.

No caso da Índia, país emergente, seu avanço aconteceu de forma gradual. Foi de uma economia fechada para uma gestão mais aberta e desregulamentada, com destaque para a atuação promovida pelas relações entre universidades e indústria. As principais mudanças

estão fundamentadas na relação entre as universidades e o meio produtivo visando às inovações e melhorias na competitividade do setor industrial desse país. Foi a partir de 2003 com a criação de uma lei que regulamenta os incentivos a pesquisa e inovação nas áreas de relevância econômica, sobretudo na promoção do relacionamento entre instituições públicas, privadas e as instituições governamentais de ciência e tecnologia, que se confirmou o período de avanços. Neste contexto, os maiores investimentos estão nas áreas da educação, saúde, indústria, agricultura e energia considerando, ainda, as renováveis. Certamente este panorama influencia nas taxas da economia do país, por isto se faz importante citar que a taxa de crescimento anual do PIB da Índia em 2013/14 foi de 4,6% enquanto a taxa de desemprego no último semestre de 2012 foi de 5,2%.

O processo de modernização da indústria de outro país emergente, a China, teve início com a reforma do sistema científico e tecnológico realizada pelo Comitê Central do Partido Comunista em 1985. Mas desde a década de 50 o governo já havia definido que as universidades desenvolvessem mecanismos que contribuíssem para o aumento da produtividade da economia e que estes deveriam acontecer por meio da transferência de conhecimento universidade-indústria. Com a criação de leis de incentivo aos pesquisadores o governo chinês passou a atuar na orientação e supervisão dos mecanismos adotados pelas universidades, como forma de garantir a transferência de conhecimento, de patentes, de tecnologias, da incubação dos empreendimentos e dos financiamentos nesta área. Vale ressaltar que a China é a segunda maior economia mundial com o crescimento do PIB registrado em 2013 em torno de 7% em relação ao ano anterior e a taxa de desemprego no primeiro semestre de 2014 de 4,1%.

Um exemplo das transformações possíveis através do empreendedorismo é o caso de Israel. Um país semidesértico, em razão da escassez de chuvas, aonde não há fontes abundantes de água e nem grandes reservatórios de água subterrânea. Mais da metade do território do país, dentro da Linha Verde, é árido e grande parte do terreno é montanhoso, inadequado à atividade agrícola. Dos 21 mil km² de território dentro da Linha Verde, somente 20% é adequado à lavoura. A isto se acrescenta a total falta de experiência agrícola da maior parte dos novos imigrantes que chegaram a Israel com a criação do Estado, e suas dificuldades de adaptação ao clima e ao terreno. As grandes ondas de imigração exigiram um enorme aumento da produção de alimentos frescos para a população. O principal esforço foi o investimento na racionalização do uso da água, que é um fator limitante ao desenvolvimento da agricultura intensiva. Neste ambiente árido e dependente de um método eficiente para o

uso da água, foi inventado o primeiro emissor para irrigação por gotejamento do mundo pelo engenheiro Simcha Blass. Em 1965, em conjunto com o Kibbutz Hatzerim, foi fundada a Netafim Companhia de Irrigação, em Israel. Graças à invenção criativa e a conquista do desenvolvimento do método de irrigação por gotejamento, que se tornou desde então a marca registrada da agricultura israelense, o uso da água para irrigação em Israel, atualmente, é dos mais eficientes do mundo e foi adotado por diversos países.

2.2 Empreendedorismo no Brasil, incentivos ao desenvolvimento das iniciativas

O *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2000) aponta que nos fatores que dizem respeito a políticas, educação e programas, os especialistas acreditam que o Brasil oferece poucas condições de bases e estímulo à iniciativa empreendedora e acrescentam que estas áreas demandam de intervenções do setor público e privado. Na pesquisa realizada no ano de 2002, vemos que 42% das pessoas abriam uma empresa por identificar demanda no mercado, enquanto os demais, 58%, tinham o empreendedorismo como única opção, por não encontrar alternativas no mercado de trabalho. Já em 2013 os resultados dizem que a cada 100 brasileiros que iniciam um negócio, 71 são motivados pela oportunidade, e não pela necessidade, como era mais comum antigamente. Esse é o melhor índice registrado desde o início do levantamento, em 2000⁷.

Alguns fatores registrados na pesquisa de 2013 precisam ser analisados, para isto é preciso esclarecer algumas definições apresentadas pelo programa. Primeiramente, os países são organizados conforme seu nível de desenvolvimento econômico. Estes níveis são divididos em três grupos estabelecidos por seus agentes de impulso: a) fatores - trabalho e recursos naturais; b) eficiência - industrialização, produção em escala; c) inovação - conhecimento, modernidade. O GEM (2012) também apresenta diferentes denominações para os empreendedores, os iniciais, em dois estágios, e os estabelecidos. Os iniciais subdividem-se em: a) nascentes/novos - sem remuneração dos proprietários por mais de 3 meses; b) novos - com remuneração dos proprietários entre 3 e 42 meses. Já os empreendedores estabelecidos têm seus proprietários recebendo remuneração por mais de 42 meses e maior chance de permanecerem no mercado.

⁷ Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBPQ). Disponível: <http://www.ibpq.org.br/noticia/97/divulgados-os-dados-da-pesquisa-gem-2013>. Acesso em: 3 de outubro de 2015.

Na pesquisa de 2012, a classificação econômica do Brasil aparece no grupo das economias impulsionadas pelo fator eficiência, ou seja, com uma economia baseada na indústria, na produção em escala. Quando analisamos os gráficos que mostram as taxas referentes aos estágios das atividades empreendedoras vemos o Brasil em oitava colocação no ranking dos empreendedores iniciais, com cerca de 21 milhões de novos empreendedores e em terceiro lugar no ranking dos empreendedores estabelecidos com um percentual de 15% que somam cerca de 19 milhões de empreendedores com mais de 3,5 anos no mercado. Em relação ao crescimento do Brasil em atividades empreendedoras considerando todo o período de 2000 a 2012, o estudo apresenta dados que demonstram o crescimento percentual de 4% nas taxas para o empreendedor inicial e 7%, quase dobrando o percentual, para o empreendedor estabelecido, configurando o aumento do número de empreendimentos e, essencialmente, da permanência destes no mercado, configurando o empreendedorismo como alternativa de vida. Outro dado que eleva as taxas de empreendedorismo no Brasil, revela que ter seu próprio negócio é um dos três principais sonhos do brasileiro, atrás apenas de comprar a casa própria e viajar pelo país. Fazer carreira em uma empresa vem em oitavo lugar entre os desejos dos entrevistados.

Na percepção do brasileiro, 84% consideram que abrir sua própria empresa é uma opção desejável de carreira. Para Sandro Vieira, diretor presidente do Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP), também chama a atenção o fato do brasileiro estar mais atento às oportunidades do ambiente. “O percentual da população que afirma perceber oportunidades de negócio para os próximos seis meses nas proximidades onde vive subiu de 41,2%, em 2002, para 50%, em 2013, com média de 45,1% no período.”

A Política Nacional de Empreendedorismo e Negócios – PNEN (2012) é um documento construído com o propósito de apoiar o desenvolvimento e disseminação de metodologias inovadoras de educação empreendedora inserindo conteúdos e práticas empreendedoras em todos os níveis de ensino e incentivar o reconhecimento social do empreendedor e a formação de redes, dentre outras ações. Para a construção deste relatório foi considerado como alvo dos resultados a ser alcançado com a nova proposta, a vertente empresarial com a geração de capital e riqueza e a vertente social, com a geração de emprego e renda. Os cenários analisados foram o ambiente econômico, governança, educação, capacitação e disseminação e a cultura e perfil do empreendedor no Brasil. Para a análise, foi disponibilizado para todos os Estados da Federação um questionário eletrônico que associado

a uma oficina realizada com profissionais das maiores capitais de cada região, desenha o cenário e formaliza as estratégias à nível nacional.

A Universidade de Passo Fundo⁸ desenvolve projetos de pesquisa nas áreas da interação universidade-empresa, transferência de tecnologia e da gestão da propriedade intelectual utilizando dados do WIPO. Em levantamento apresentado em 2013, apesar das oscilações, o Brasil apresenta uma queda de posição no cenário mundial da inovação em função dos baixos índices de avaliação, principalmente, das instituições que se refere aos ambientes políticos, regulatórios e empresariais; da sofisticação do mercado que aborda o crédito, investimento e competitividade e da pesquisa e capital humano que retrata a realidade da educação em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Estes dados são resultado do Índice Global de Inovação, uma linha de estudo dentro do WIPO, que defende que mudanças nos critérios de avaliação destes índices e, principalmente, a descentralização geográfica da inovação, os países emergentes passam a ter vantagens, colocando no topo da lista das boas perspectivas o Brasil, China e outros. É importante evidenciar que estes que se apresentam como principais fatores para os baixos índices brasileiros são os diretamente relacionados à falta do vínculo entre governo, universidade e empresa/sociedade.

Assim como nos países desenvolvidos, também no Brasil, um dos mecanismos para a promoção do ambiente adequado são as incubadoras de empresas e a bolsa de iniciação científica, que oferecem condições e capacitação para o incremento de novos empreendimentos. A Lei de Inovação cria as bases legais para a geração e comercialização dos produtos destes empreendimentos, “estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação e ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento industrial do País [...]”.⁹

Seguindo este exemplo, a Câmara Municipal de Goiânia aprova em janeiro de 2006 o Programa de Apoio ao Empreendimento Digital de Tecnologia de Informação e Comunicação - Estação Digital de Goiânia, através da Lei nº 8.402¹⁰. O Programa objetiva o

⁸ Universidade de Passo Fundo, UPFTEC. Divisão de TI. Disponível: http://www.upf.br/upftec/index.php?option=com_content&view=article&id=83:resultado-reflete-movimento-da-maioria-dos-paises-emergentes&catid=1:noticias&Itemid=8. Acesso em: 15 de setembro de 2015.

⁹ Lei de Inovação - Decreto n 5.563, de 11 de Outubro de 2005 que Regulamenta a Lei no 10.973, de 2 de dezembro de 2004, que dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5563.htm. Acessado em: 15 de setembro de 2009.

¹⁰ Dispõe sobre a regulamentação da Lei nº 8.402, de 04 de janeiro de 2006, que institui o Programa de Apoio ao Empreendimento Digital de Tecnologia de Informação e Comunicação – ESTAÇÃO DIGITAL DE GOIÂNIA. Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/download/estacaodigital/Minuta%20Decreto%20Estacao%20Digital.pdf>. Acessado em 15 de setembro de 2009.

desenvolvimento social-econômico sustentável e integrado de Goiânia a partir da capacitação da economia local na produção de bens e serviços e na geração de emprego, renda e receitas tributárias.

Apesar dos programas e leis de incentivo, o Brasil é um país que ainda engatinha no entendimento quanto ao modelo mais atual de empreendimento, mas com alguns importantes destaques. Um deles é a capital paulista que ficou na 13ª colocação entre as 20 melhores cidades do mundo para abrir e desenvolver novos negócios de base tecnológica, segundo o estudo do *Startup Ecosystem Report 2012*. Em São Paulo existe o registro de 600 *startups* e no bairro ABC Paulista, onde está instalada a ABC Startup, foram registradas 15 destes empreendimentos. Esta instituição é uma associação que foi criada em maio de 2013 para disseminar a cultura do empreendedorismo. O bairro foi escolhido em função da existência de muitas universidades e faculdades, que associadas à estrutura empresarial do estado, cria um ambiente adequado ao fomento das *startups*. Segundo Katia Angeline, cofundadora da ABC Startup, “os universitários e recém-formados são quem normalmente se arriscam em um negócio como as *startups*”¹¹ em função do pouco investimento inicial necessário e a possibilidade de geração de resultados mais rápidos. Esta geração de universitários ou recém-formados, em sua maioria da Geração Y¹², vem transformando o cenário global e suas estruturas gradativamente e dá grande valor a tecnologia, podendo realizar diversas tarefas ao mesmo tempo. Para esta geração, a velocidade do mundo é outra, os resultados precisam ser mais rápidos, os desafios constantes e por isso, o cenário mundial tem ganhado um maior dinamismo que somado a sede por liberdade e inovação dos jovens, vem transformando o cenário econômico.

Também a Associação Brasileira de Startups – ABStartups, criada em 2012 em São Paulo, com o objetivo de preparar aqueles que querem se inserir no mundo das inovações, contribui para a formação e incremento do ambiente adequado ao empreendedorismo tecnológico. De acordo com Gustavo Caetano, um dos fundadores da ABS, a carência de projetos inovadores em áreas estratégicas no Brasil motiva o progresso deste modelo de negócio do mercado brasileiro, principalmente nas áreas de educação, saúde e finanças. A associação conta com o apoio da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e

¹¹ VALVERDE, Thaís. BRANDITINERIS, Oscar. ABC Começa a Criar Ambiente para surgimento de *Startups*. Disponível: <http://www.metodista.br/rroonline/noticias/tecnologia/2013/2013/11/cidades-do-grande-abc-conquistam-destaque-no-setor-de-startups-e-tecnologia>. Acesso em: 22 de setembro de 2014.

¹² Geração Y são os nascidos a partir de 1978 até metade da década de 1990, na relativa estabilidade global, a sociedade valorizava intensamente a inovação, além de serem “filhos da tecnologia”.

Investimentos (APEX) e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequena Empresas (SEBRAE), dentre outras instituições.

Outro modelo de incentivo ao empreendedorismo em São Paulo é a empresa UP Global que, no início de 2014, montou seu escritório na capital. E o *Campus Google* São Paulo, anunciado pelo *Google* no início de 2016. Em ambos, os empreendedores recebem orientação e treinamento de integrantes da comunidade local, profissionais experientes e especialistas, além de terem acesso a um ambiente de trabalho propício ao surgimento de grandes ideias. Os programas foram implementados no Brasil em função da natureza empreendedora dos brasileiros que apesar de todos os desafios e obstáculos comuns a falta de recursos, inovam e constroem novos negócios. O segundo projeto faz parte do *Google for Entrepreneurs*, que já mantém campus em Londres (Inglaterra), Tel Aviv (Israel) e anunciou recentemente um novo em Varsóvia (Polônia).

Mas São Paulo não é o único ambiente empreendedor brasileiro, outros estados já entenderam a proporção desta estrutura e a dimensão deste cenário. A cidade de Belo Horizonte - MG é apontada também como um dos maiores polos de empreendedorismo do país e da América Latina. San Pedro Valley é um dos maiores ecossistemas de *startups* brasileiro – criado em alusão ao Vale do Silício e ao bairro municipal São Pedro, que concentra grande número de empreendimentos. O ambiente começou informal em 2013, com 45 *startups* e hoje conta com mais de 100 empresas. Um dos diferenciais da região é a integração com esferas diversas da sociedade, como universidades e o governo. Merece destaque também o *Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development* - SEED do governo mineiro, um programa de aceleração de ideias que, junto com a comunidade de San Pedro Valley, trabalha pelo empreendedorismo tecnológico, apostando no modelo *startup*. O estado conta ainda com um polo avançado de tecnologia em Santa Rita do Sapucaí.

Outras cidades brasileiras também contam com polos de desenvolvimento de empreendimentos com base tecnológica, Campinas – SP com a Associação Campinas Startups (ACS), Florianópolis – SC, Recife – PE, Rio de Janeiro – RJ e a Universidade Federal do Amazonas que está se estruturando para criar um polo tecnológico, com o objetivo de despertar e incentivar iniciativas inovadoras e empreendedoras na área de Tecnologia da Informação, o Polo Tecnológico de *Software* de Japiim, que tem seu nome inspirado em pássaro típico da Amazônia que voa em alturas elevadas.

A participação da iniciativa privada se dá por meio de investimentos com alto potencial de impacto na criação de empresas de alto valor agregado. Este apoio apresenta-se

através de investimentos financeiros, transmissão de conhecimento, experiência e rede de relacionamentos, acelerando o crescimento do empreendimento, gerando empregos mais qualificados, *know-how* e tecnologia para o país. Uma iniciativa deste tipo de fomento é a empresa Anjos do Brasil. A parceria entre aceleradoras privadas e o programa Start-Up Brasil do Governo brasileiro, um dos maiores programas de incentivo as empresas de base tecnológica, nacionais e internacionais de até 04 anos de existência, que desenvolvam produtos ou serviços inovadores e utilizem infraestrutura de tecnologia da informação, é outro exemplo de iniciativa bem sucedida. Em 2013 mais de 1600 empresas se inscreveram no programa. Dessas, 118 foram selecionadas e 87 foram apoiadas e entre as apoiadas 01 é amazônica, do Estado do Pará, e outras são dos grandes centros como São Paulo e Rio Grande do Sul, além dos Estados da Colômbia, Irlanda, Índia, Chile e Estados Unidos. A maioria das empresas é do setor de educação (17%), Tecnologia da Informação e Telecom (13%), e Varejo (9%) e 47% das apoiadas são B2B, ou seja, focadas em soluções para empresas. Os investimentos financeiros das aceleradoras e do Governo totalizaram R\$ 19,6 milhões aplicados, destes mais de R\$ 15,4 milhões em infraestrutura, *workshops*, capacitações, parcerias, bolsas, etc., no mesmo ano.

Cada vez mais se confirmam quatro máximas: a) a procura pelo atendimento das demandas em diferentes escalas e conceitos a partir de serviços ou produtos inovadores e tecnológicos; b) neste contexto, a importância da relação entre academia, empresa e governo na construção de um ambiente empreendedor que busque o desenvolvimento da sociedade e da região; c) as atividades empreendedoras como meio de conduzir as sociedades ao desenvolvimento, favorecendo a prosperidade e tornando-as mais dinâmicas, adequando-as e preparando-as para a competitividade do mercado globalizado e d) as dificuldades existem para serem superadas por indivíduos criativos, inovadores e corajosos, são estes que alcançam o sucesso.

Bertha Becker, grande estudiosa da Amazônia, defende que ciência e tecnologia aprofundam e aceleram o conhecimento e a inovação. Em Becker e Stenner (2008), a autora afirma que existe uma carência de empreendimentos regionais e nacionais focados no desenvolvimento da região da Amazônia. Os autores defendem também a formação de empreendedores capazes de gerar inovações baseadas na cultura local como forma de utilizar as potencialidades amazônicas de maneira a promover a inclusão social e o desenvolvimento regional sem degradar o meio-ambiente. Mas além destes fatores vemos a necessidade de apoio das organizações. São as “organizações econômicas” coordenadas e eficientes, as

responsáveis pelo desenvolvimento a partir do crescimento da inovação, da economia em escala e do acúmulo de capital.

O desenvolvimento das cidades da região Amazônica precisa ser fundamentado em um olhar apurado e específico. Combinar, na velocidade vivenciada em todo o mundo, os avanços das ciências, da tecnologia e das descobertas da industrialização, da inovação e da criação e formação do conhecimento com a constituição geográfica da região amazônica, a consciência de suas potencialidades e limitações e o respeito às técnicas e conhecimentos acumulados são fundamentais na formação do perfil do “indivíduo estratégico”, o empreendedor consciente, para o desenvolvimento sustentável da região e, mais precisamente, de Roraima.

1.3 Ações empreendedoras na formação do Estado de Roraima: evolução histórica

Para contextualizar a história da estruturação do Estado de Roraima serão utilizados dois autores e historiadores locais, que vivenciaram esta construção, Aimberê Freitas e Adair Santos. Segundo Aimberê (2000) as terras do extremo norte recebiam a visita constante, desde 1741, dos Holandeses e Espanhóis que vinham em busca de índios como mão-de-obra escrava e ovos de tartaruga para produção de manteiga. Por volta de 1750 foi fundada a Capitania de São José do Rio Negro, com sede na vila de Barcelos, Amazonas, onde os Portugueses se instalam em condições precárias. Alguns anos depois eles se firmam com a construção do Forte São Joaquim, Roraima, no encontro dos rios Uraricoera e Tacutu, em 1775. O Forte foi construído para defender as terras dos invasores internacionais e manter a soberania de Portugal que inicia a criação de povoados reunindo os índios da região que anos após abandonam os locais por não se sujeitarem às imposições dos Portugueses. A primeira denominação das terras recém descobertas foi Território Federal do Rio Branco que se torna Território Federal de Roraima em 1962.

Inicia-se a formação do novo Território com a construção das primeiras fazendas a partir de 1789, a de São Bento as margens do Rio Uraricoera, seguida da de São José no Tacutu e por fim a fazenda São Marcos, que existe até hoje e se encontra em terras indígenas.

Santos (2004), completa afirmando que a construção do Forte São Joaquim somada à certeza de oportunidades econômicas foram os responsáveis por trazer ainda mais famílias de militares para a região. Com a necessidade de se instalarem melhor, dá início a construção das três fazendas citadas levando ao primeiro período de migração para o Estado. Estes migrantes começam as novas propriedades rurais que eram destinadas à agricultura familiar e ao

extrativismo vegetal e mineral. Com o aumento da população vem o aumento do consumo, principalmente dos gêneros de primeira necessidade, conduzindo aos primeiros movimentos comerciais ainda tímidos, mas que precisavam continuar para atender à demanda.

Anos após a desativação destas fazendas o comandante Manoel da Gama Lobo D'Almada reintroduz o gado nos campos de lavrado destes latifúndios, considerados ideais para a prática, contando, para isto, com o trabalho dos homens ditos civilizados. A criação de gado se expande por todo o território firmando a ocupação do Estado no final do século XVIII.

Santos afirma que tudo isso “avança sem uma conscientização global sobre objetivos definidos, nem escalas de prioridades a serem observadas em metas administrativas destinadas ao desenvolvimento regional nos campos político, econômico e social.” (SANTOS, 2004, p.29). Não havia planejamento quanto ao fomento ao desenvolvimento ordenado e sustentável socioeconômico. Na continuidade o autor escreve que “[...] Lobo D'Almada deu os primeiros passos para o desenvolvimento socioeconômico do vale. Era, portanto o alvorecer do comércio local do atual Estado de Roraima.” (SANTOS, 2004, p.33).

Este dado é favorecido pelas primeiras exportações de gado para Manaus em troca de gêneros de primeira necessidade como sal, querosene, açúcar e tecidos. Mas o crescimento considerável da população com a chegada de mais migrantes provoca o aumento do consumo de carne, levando à escassez do produto, o que em pouco tempo acaba com o sistema de troca com o Território vizinho. O gado que era criado nos campos das fazendas, que continuavam sem estrutura necessária para o controle do rebanho, se espalhava pelos lavrados possibilitando a criação de novas fazendas com a apreensão dos animais que não possuíam marcas de identificação. Logo se vê a necessidade de mão-de-obra para cuidar dos rebanhos dando uma ocupação para os índios: a de vaqueiro, que deu a fama aos índios da tribo Macuxi.

Aimberê Freitas reitera que até a década de 30 o extrativismo mineral não apresentava grande importância, mas este cenário muda entre os anos de 1934 e 1936 quando se instala o primeiro garimpo de diamantes na Serra do Tepequém. Adair Santos completa dizendo que em 1938 foi encontrada uma considerável quantidade de ouro no igarapé do Encrenca, confirmando o período de exploração. Estes dois fatos chamam a atenção dos exploradores de todo país fazendo com que o extrativismo mineral amplie suas atividades, aumentando a busca pelos garimpos existentes e provocando a abertura de novos. Começa a sair de Boa

Vista um grande número de homens e mulheres rumo ao interior em busca destas riquezas¹³ (informação verbal). Para este historiador a colonização se dá de maneira desorganizada por falta de leis que regulamentassem a estrutura administrativa do Território, configurando a urgência de instituir a Divisão de Produção, Terras e Colonização (DPTC), por meio do Decreto Lei n. 1.115 de 24 de julho de 1945, pelo então Presidente da República por solicitação do primeiro Governador do Território. O projeto tinha como objetivo: realizar pesquisas e levantamentos sobre os recursos naturais do Território, cadastrar as terras, organizar colônias agrícolas e estimular o aproveitamento dos recursos naturais existentes.

Como resultado do novo decreto e dos recursos colocados à disposição do governo local, começam a serem desenvolvidos projetos importantes como: a montagem do Parque Aviário, o serviço de combate a saúva, a assistência aos agricultores, a instalação de uma máquina de beneficiamento de arroz e farinha de mandioca, a cooperação com a Carteira de Crédito Agrícola Industrial do Banco do Brasil, a organização de um curso para auxiliares veterinários e a venda de ferramentas e material agrícola. O comércio de produtos voltados aos produtores ganha reforço no seu abastecimento de materiais gerando o aumento nas vendas do pequeno comércio que começava a ganhar força.

Os governos seguintes investem na construção da cidade de Boa Vista e na estrada que liga Mucajaí a Caracará deixando de lado o setor agrícola, prejudicando os projetos já então iniciados. Em 1943 Boa Vista passa a capital do Território e mantém as características administrativas, levando a um desenvolvimento lento em virtude da crise na economia, acompanhando a crise da região norte que iniciou em meados de 1910, somado a redução de maneira rigorosa das suas atividades econômicas, mantendo apenas pequenas indústrias e a extração da borracha, com menor importância, nada mais era representativo na economia da região. A causa disto foi à falta de investimentos do governo federal na região, que na época passa a investir no sul do país associado ao descaso dos barões da borracha com o produto e a mão-de-obra.

Somente em 1951 inicia-se um novo movimento econômico com o maior projeto registrado na época de colonização agrícola, por meio de Valério Magalhães com a formação de novas colônias com doações de passagens para vinda dos nordestinos que tinham apoio na hospedagem, ferramentas, semente e mudas para a lavoura e transporte para escoamento da produção, assistência médica e assistência técnica, utensílios pessoais e o valor de 30 mil

¹³ Dados obtidos em entrevista com o historiador Aimerê Freitas em 08 de agosto de 2009 às 16h.

cruzeiros por colono. Esta iniciativa aumenta a população com a chegada dos novos habitantes que vinham em busca das oportunidades prometidas.

O governo que assume o Estado em 1964 é formado por oficiais militares da aeronáutica, que se voltam ao término da construção das rodovias BR 174 e BR 210 que ligam o Território de Roraima a Manaus e a Perimetral Norte onde foram implantados os novos núcleos agrícolas que somavam 42 colônias em 1982. Novamente, neste período, houve um movimento migratório, desta vez de proporções maiores, quando se estima que 65% dos novos habitantes vinham do Maranhão. Com o aumento da população e a falta de políticas públicas para investimentos nas áreas voltadas ao desenvolvimento econômico sustentável, o Estado revive a situação de colônia do Brasil. Até a década de 80 os movimentos eram apenas de colonização visando o aumento da população que passa a viver as dificuldades econômicas de um território sem bases para seu desenvolvimento, caracterizando um período conturbado da história de Roraima.

As mudanças na economia do Estado iniciam com o Art. 14 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Brasileira de 1988 diz que: O Território Federal de Roraima passa a Estado Federado. Esta transformação é vista como uma oportunidade para o desenvolvimento e auto sustentabilidade da região. Mas as mudanças não aconteceram como eram esperadas. O Estado mantém características de território, com o domínio da União sobre 150 km da faixa de fronteira, reservas ecológicas e indígenas que crescem constantemente, impedindo que o governo trabalhasse livremente.

A partir dos anos 80 acontece a explosão da extração mineral que vai até 1990 e ganha o mercado marcando o segundo período da economia e um dos mais importantes para o crescimento e desenvolvimento do Estado. Com a descoberta destes minérios uma nova invasão de habitantes, na sua maioria temporários, fazem a exploração de maneira desordenada, levando o capital para fora do Estado, deixando de gerar sustentabilidade para Roraima. É neste período que a economia toma novos rumos com investimentos feitos pelos novos empreendedores. Garimpeiros que faziam a exploração do ouro viram no Estado a possibilidades de crescimento e lucro imediato, investindo no comércio local.

Novos empreendimentos surgem com o propósito de atender a uma demanda de compra e venda de minérios (ouro e diamantes) que aumenta a cada dia. Neste período o aeroporto internacional de Boa Vista, era um dos mais movimentados do país. Daqui saíam e chegavam em torno de 400 voos diários tanto para o escoamento da produção destinado à

venda local quanto para a chegada de novos imigrantes de todo o Brasil com destino aos garimpos.

Em 15 de novembro de 1991, o então Presidente Fernando Collor de Mello assina o decreto que demarca a Reserva Ianomâmi, com uma área em torno de 10 milhões de hectares, quase do tamanho de Portugal, acabando com o período de grande exploração de ouro e diamantes, riquezas minerais que abasteciam a economia do mercado local. Após este período o Estado, membro da Federação, segue dependente economicamente da União.

Com a nova Constituição, Roraima tem seu primeiro Governador eleito em 1990 pelo voto, o Brigadeiro Ottomar de Souza Pinto que nomeia os seus auxiliares (secretários de estado), por meio da Medida Provisória. Inicia-se a criação das secretarias: Secretaria de Estado da Administração, Secretaria de Estado da Fazenda, Secretaria de Estado do Planejamento, Secretaria de Estado da Educação, Secretaria de Estado da Saúde, Secretaria de Estado do Trabalho e Bem Estar Social, Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento, Secretaria de Estado de Obras e Serviços Públicos, Secretaria de Estado da Segurança Pública, Secretaria de Estado de Interior e Justiça, o Gabinete Civil, Militar e a Procuradoria Geral do Estado.

Os novos habitantes que vêm à procura de melhores condições econômicas, estimulados pelas possibilidades de uma nação em formação e o apoio e ajuda constante dos governantes, continuam chegando, agora não só do Nordeste, mas de todas as partes do país. Com um mercado enfraquecido após tantas mudanças, a falta de indústrias e o despreparo estrutural da cidade e do estado para atender às necessidades desta demanda a realidade toma nova forma, sobra mão-de-obra e diminui a renda, levando o governo a assumir a absorção desta fatia da população, iniciando a chamada economia do contracheque, marcando o terceiro período econômico de Roraima. Esta realidade pode ser observada até hoje e comprovada pelos números apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria do Tesouro Nacional e Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento de Roraima (SEPLAN-RR). Os últimos dados da SEPLAN apresentados em 2014 demonstram que o poder público continua com uma participação considerável no Produto Interno Bruto (PIB) do Estado.

Roraima apresentou ao longo dos anos um crescimento econômico positivo de 3,7%, mas existem grandes diferenças na participação de cada setor no total geral e uma participação muito pequena no PIB nacional, de 0,17%. Boa Vista concentra ainda, 72,83%

do PIB estadual, ocupando o primeiro lugar no *ranking* dos municípios, conforme os dados apresentados em 2014 pelo IBGE e SEPLAN (RORAIMA, 2014).

Em termos populacionais, em 2010 a capital abrigava 284.313, alcançando 320.714 pessoas em 2015. O aumento populacional médio do Estado é de 10,3% ao ano, sendo que o maior aumento é registrado na capital com 24,4%, somando 63,32% da população total do Estado.

Em relação ao PIB os três setores da economia do Estado contribuíram da seguinte forma: primário (0,93%), secundário (12,35%) e terciário (86,72%). Dentro do setor terciário, os serviços cresceram em volume 3,1% em termos reais, sendo um dos menores crescimentos para o ano de 2011. Destaca-se neste setor, a atividade de transportes com 14,7%, a financeira (6,7%), a saúde e educação (16,2%) e em seguida aparece a administração pública, que mesmo com um crescimento menor, continua sendo a principal atividade econômica de Roraima com uma participação de 49,4% no PIB estadual. Já o comércio apresentou o maior crescimento com 13,3% do total da economia, onde a construção civil fica com 7,9% deste percentual. Aqui um detalhe importante deve ser comentado. O poder público tem aqui uma participação fundamental neste crescimento em função das obras de projetos federais como Minha Casa, Minha Vida que culminam no aumento da venda de materiais de construção e contratação de mão-de-obra, interferindo diretamente também neste setor (RORAIMA, 2014).

O setor da indústria, que em 2011 superou os demais setores, com a atividade extrativa mineral (9,7%) e a indústria de transformação (8,8%), em 2014 ocupou o segundo lugar neste ranking. Já a agropecuária teve um crescimento, em volume, de 4,6% (2011), com destaque para a lavoura temporária, principalmente a cultura do arroz, soja, milho, mandioca e tomate. Em 2014 o maior destaque fica por conta da agricultura familiar. É importante esclarecer que mesmo ocupando o lugar de menor crescimento nos índices gerais, este é o setor que vem apresentando o maior crescimento em termos de avanço tecnológico. A utilização de máquinas, equipamentos e processos tecnológicos vem mudando o perfil deste setor no estado, acompanhando as tendências do resto do país. Na pecuária destaca-se o rebanho de galináceos, bovinos e suínos.

A realidade econômica da capital está assentada, principalmente, no setor terciário, mais precisamente na administração pública e em seguida no setor comercial. A produção primária baseia-se na pecuária e na cultura do arroz, soja e milho. Já o setor secundário apresenta a maior produção industrial do estado, tendo como principais ramos: madeireiros, metalúrgico, alimentos, oleiro-cerâmico e construção civil. Outro fator importante para a

economia de Boa Vista foi à criação da Área de Livre Comércio de Boa Vista (ALCBV) que é um regime de benefícios fiscais diferenciados nas operações comerciais internas de produtos importados ou adquiridos de outras unidades da federação brasileira, criada com a finalidade de promover o desenvolvimento da região fronteira e incrementar as relações com os países vizinhos, Venezuela e Guiana (RORAIMA, 2014).

1.3.1 Potencialidades para o desenvolvimento do empreendedorismo em Roraima: um breve relato

Considerando a importância destes dados e como forma de ilustrar toda a contextualização anteriormente apresentada, particularidades precisam ser citadas como potenciais possibilidades de mudanças na realidade econômica do Estado.

Para conhecer as potencialidades de um Estado é importante conhecer os dados demográficos referentes à região. Roraima, situado no extremo setentrional do Brasil, possui uma área de 224.131,3 km², o que equivale a 2,6% da superfície do Brasil e a 5,9% da Região Norte. Limita-se ao norte com a Venezuela e com a República Cooperativa da Guiana; ao sul, com o Estado do Amazonas; a leste, com a República Cooperativa da Guiana e com Estado do Pará; e a oeste com o Estado do Amazonas e com a República da Venezuela. Suas fronteiras internacionais estendem-se por 958 km com a Venezuela e por 964 km com a Guiana. Possui 15 municípios com pouco menos de 500 mil habitantes referentes à contagem populacional feita pelo IBGE em 2014 e uma densidade demográfica de 1,75 hab/km².

Conforme Becker e Stenner (2008) para se estabelecer propostas de desenvolvimento para uma região é necessário que se entenda o valor estratégico das riquezas desta região no mundo globalizado. Desta forma, é preciso conhecer o potencial do Estado de Roraima, as possibilidades de utilização deste potencial e as inovações técnicas e tecnológicas que possibilitem este uso de maneira consciente e sustentável. Isto somente é possível com a utilização da ciência e da tecnologia, ferramentas que aprofundam e aceleram o conhecimento e a inovação. Ainda conforme os autores a Região Amazônica esbarra em alguns problemas que merecem atenção, principalmente dos pesquisadores e dos dirigentes das instituições de ensino. Os principais problemas referem-se à ausência de conhecimento científico e tecnológico necessários e a carência de empreendedores nacionais e regionais interessados em investir na região e capazes de utilizar seus recursos de maneira sustentável.

Roraima, Estado que vive esta realidade, demonstrada pelos números do IBGE (2014) e de SEPLAN (2014), precisa entender seu papel na formação econômica da região e do país

e mais, conhecer suas potencialidades, a necessidade de formar profissionais qualificados e esclarecidos quanto a estas potencialidades e manter um ambiente que crie e sustente um perfil empreendedor nas instituições de ensino superior. Isto fica ainda mais evidenciado quando se analisa a Geração Y, geração que forma grande parte do público de acadêmicos e de recém-formados no ensino superior, com jovens de até 35 anos, que cada vez mais se propõem a criar seus próprios negócios, apresentando características empreendedoras que precisam ser estabelecidas.

Como parte essencial do processo de transformação da realidade econômica necessária para o estado, o ensino superior é imprescindível para a criação de uma cultura empreendedora em Roraima por meio da promoção do ensino do empreendedorismo, do fomento ao espírito empreendedor e necessariamente o conhecimento a cerca das potencialidades do estado.

O agronegócio é uma atividade que independente do modelo de produção a ser adotado, tem no estado um vasto potencial para o empreendedorismo. As características de extensão territorial em sua maioria compreendem as áreas de savana, que são indicadas para as atividades de agropecuária e o manejo florestal possibilitado por uma área florestal significativa em todo o estado. Os fatores que favorecem a prática agrícola no estado são as condições climáticas, terrenos planos que auxiliam a mecanização do processo (área de savanas) e o mercado favorecido pelas fronteiras, principalmente pela proximidade com o mar do Caribe que facilita o contato com a Europa e a América do Norte, para onde é escoada boa parte da produção agrícola do país. Áreas como a das matas de transição encontram-se solos de textura média e de fertilidade natural baixa que são compensadas pelo afloramento de basalto onde são encontrados solos de alta fertilidade para utilização no plantio do arroz, milho, feijão, mandioca, soja, fruticultura e culturas perenes. Por ser uma atividade nova a fruticultura ainda é uma atividade pouco explorada. Dentre os cultivos destaca-se a melancia, maracujá, manga e banana e, em menor escala o limão e o abacaxi. Dentre estas a produção de banana da região sul do estado, nos municípios de Caroebe e Rorainópolis, representam 60% da produção total de frutas, tendo sua maior parte exportada para Manaus-AM.

Nos últimos anos o número de novos investidores na exploração das culturas de grãos, em especial a soja, chegam ao estado motivados pelas possibilidades de competitividade nos mercados importadores da Venezuela, Europa e outros. A soja vem apresentando um crescimento considerável nos municípios de Alto Alegre, Boa Vista, Bonfim, Cantá e Caracaráí. Outro exemplo de cultivo crescente é o milho cultivado em Alto Alegre, Boa Vista,

Bonfim e Cantá. O cultivo da cana-de-açúcar em Roraima tem vantagens em relação a outros estados em função do clima. As altas temperaturas e a insolação permanente são favoráveis ao ciclo rápido do plantio a colheita desta cultura levando em torno de 8 meses, enquanto no sudeste este período leva de um ano a um ano e meio.

A pecuária, atividade tradicional no estado, concentra-se nos campos lavrado e ocupa uma grande extensão de área. A quantidade e a qualidade dos pastos são alteradas, principalmente, no período de seca. Como alternativa para recuperação da fertilidade do solo, apresenta-se a alternância entre o plantio do pasto com a de grãos. Esta atividade diversificada além de ser vantajosa para a produção de pastagens e forrageiras de qualidade, também oportuniza a interação entre agricultura e pecuária criando alternativas de rentabilidade para os criadores. Com o pasto de qualidade aumenta a massa corpórea dos animais e, em consequência, a rentabilidade para os produtores. As raças mais criadas são nelore, gir e guzerá, por serem mais resistentes e adaptadas à região e são voltadas para produção de carne. Na produção de leite, faz-se uso da raça mista, denominada girolanda. Na criação de suínos, o destaque fica para os municípios de Alto Alegre e Bonfim, Boa Vista está à frente na produção de aves.

A piscicultura apresenta um grande potencial, favorecida pelos recursos hídricos, genéticos, climático e técnico, permitindo, atualmente, uma razoável produção. Nos segmentos que formam o Agronegócio, independentemente do modelo de produção (pesca esportiva, ornamentação, supermercados e feiras) os incentivos adotados pelo governo do estado para o fortalecimento do setor pesqueiro, traz para o segmento, atrativos e um vasto potencial para os empreendedores, principalmente no cultivo do tambaqui, tanto para o mercado nacional como para o internacional.

A apicultura, atividade promissora, que apesar de recente vem crescendo a cada ano e contribuindo para uma melhor condição das famílias com um rendimento extra, é uma atividade desenvolvida no meio rural com foco, principalmente, no mercado da capital. Roraima apresenta diversidade nas formações vegetais nativas que não sofreram ações antrópicas e, este fato aliado às técnicas e aos equipamentos adequados, possibilita a produção do chamado mel “orgânico”, que é isento de qualquer tipo de contaminação, tanto no manuseio quanto no uso de produtos químicos. Atualmente a produção apícola busca aliar-se à Confederação Brasileira de Apicultura (CBA) com o georreferenciamento dos apiários e cadastro dos produtores, para controle da produção no estado.

Para o setor de turismo no Brasil existe uma formulação da base de políticas e de estratégias de expansão do ecoturismo ou turismo ecológico receptivo (inter-regional e internacional), levando em conta a infraestrutura e a rede de serviços na área. As belezas naturais e diversidades do ecossistema de Roraima dispõem de grandes possibilidades de incremento deste tipo de turismo. O turismo ecológico com a “exploração” da diversidade biológica dos ecossistemas de fauna e flora e o turismo de aventura com a grande variedade de cachoeiras e corredeiras, estações ecológicas, serras, parques nacionais, sítios arqueológicos e os Montes Caburá e Roraima.

Além destes, outros potenciais do estado se mostram fortes por serem únicos no mundo. Outras áreas mostram-se de grande interesse por terem sua principal influência na arte indígena: o artesanato e a cultura roraimense. Em Roraima existem nove etnias indígenas com o domínio dos Macuxis, Wapixanas e Yanomamis que mantêm parte das tradições culturais por meio do artesanato, das danças, da música, culinária e crenças pouco exploradas e registradas.

As cestarias, leques, chapéus, bolsas e sacolas em trançado com fibra de buriti, cipós, casca de árvores e tala de arumã, são a marca registrada do artesanato indígena que são comercializados em São Paulo, França e Itália, além de outros artefatos como painéis, canecas, pratos e etc em barro que também são apresentados e vendidos fora do estado. Peças em madeira entalhada e marchetaria, móveis em madeira e bambu e bijóias em sementes e pedra sabão saem do anonimato em feiras e mostras nacionais e internacionais.

A literatura e a música são marcadas por nomes reconhecidos não só nos limites do território roraimense, mas em outros estados e países também. Os grupos folclóricos de boi-bumbá, cirandas e cangaço, que são dançados nas festas folclóricas, trazem turistas dos estados fronteiriços e outros, que lotam os hotéis e pousadas, e que apreciam não só a dança, mas a gastronomia local com forte influência nordestina em um vasto cardápio regional e exótico. Peixes tradicionais como o tambaqui e o tucunaré são consumidos em vários pratos oferecidos em uma grande rede de restaurantes especializados nesta culinária. Cardápios oferecem a moqueca, a telha com pirão e a damurida. As frutas regionais como o buriti, açai, bacaba e o cupuaçu, riquezas exploradas em pequena escala, acabam por ser consumidas basicamente pelo mercado local, em sucos e doces produzidos artesanalmente.

A mineração é uma vocação do estado e talvez seu maior potencial econômico, mas precisa de leis sérias que regulamentem as propostas para exploração. É inexistente, atualmente, a atividade de lavra industrial neste segmento, o pouco garimpo restringe-se ao

ouro e diamante, mas o estado dispõe de urânio, cobalto, zinco, ferro, manganês, cobre, tantalita, molibdenita, bauxita, columbita e muitos outros. Segundo dados da SEPLAN (RORAIMA, 2014) as principais jazidas minerais do estado encontram-se localizada nas áreas indígenas, demarcadas pelo Governo Federal. Para que esta atividade possa gerar um ganho econômico para Roraima é imprescindível à regulamentação da exploração ordenada mineral nas áreas indígenas. Atualmente, a atividade extrativa mineral que mais gera recursos e aproveitamento de mão-de-obra situa-se em Boa Vista, resumindo-se àquela direcionada à indústria da construção civil, representada pela extração de areia, seixo, argila, brita e piçarra.

Roraima possui uma área florestal significativa, reservas estas suscetíveis à prática do manejo florestal. Apesar da exportação de madeira constituir pauta nas exportações do estado, no contexto da Amazônia esses valores ainda são muito tímidos, tendo um grande potencial para o crescimento, em função dos entraves que se constituem um obstáculos para que a indústria florestal possa continuar a busca por seu espaço produtivo para dinamização de sua economia local. Dentre eles alguns aspectos merecem destaque: a situação fundiária e as unidades de conservação. A produção de matéria prima destinada ao setor moveleiro se concentra nos municípios do Cantá, Mucajaí e Rorainópolis e em Boa Vista, onde está localizado o maior setor industrial. Uma das iniciativas de fomento ao desenvolvimento deste setor no estado está na criação do Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Madeira e Moveis de Roraima¹⁴ que tem alcançado resultados positivos. Um deles é a utilização de matéria prima de forma sustentável e certificada e a abertura do mercado por meio de parceria do setor moveleiro com o setor madeireiro expandindo suas vendas no mercado local e nacional. Dados descritos no Plano mostram que este é um setor dos mais promissores do estado, por ser um dos maiores segmentos do parque industrial com um enorme potencial de mercado interno e externo.

Uma das maiores vantagens para a produção do biocombustível no Brasil é que além de renovável permite a economia de divisas com a importação de petróleo e óleo diesel e também reduz a poluição ambiental. Com a produção em escala, aumenta a geração de empregos em áreas geográficas menos atraentes para outras atividades econômicas, promovendo a inclusão social. Quanto às terras necessárias para a produção das espécies base para extração de óleo vegetal e produção do biodiesel, o Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (MAPA) recomenda que sejam utilizadas as áreas de expansão dos cerrados,

¹⁴ Plano de Desenvolvimento do Arranjo Produtivo Madeira e Móveis de Roraima. Disponível em WWW.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1248265984.pdf

as de integração pecuária-lavoura, as de paisagens degradadas e as áreas de reflorestamento, chamadas de áreas “novas”, áreas características em parte do território do Estado de Roraima.

Além destas outras possibilidades devem ser consideradas como potencialidades, que associadas aos benefícios oportunizados pelas fronteiras nacionais e internacionais permitem maior oportunidade de desenvolvimento econômico para o estado. Neste aspecto destaca-se a ligação do Estado de Roraima a estratégicos centros comerciais, a partir de fronteiras nacionais e internacionais que permitem a realização de negócios nas mais variadas áreas de seu potencial. Em busca de uma maior participação do setor produtivo na formação do PIB estadual, podemos destacar que Roraima interliga-se a estratégicos centros comerciais, estando integrado nacional e internacionalmente por meio do chamado “Arco Norte” (Mapa 1), que compreende a Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname e aos Estados do Amazonas, Amapá e Pará (negócios nacionais), configurando-se numa importante fronteira internacional. A produção roraimense pode ser escoada pelos portos: Maracaibo, Puerto Cabello, La Guaira, Guanta Ciudad Bolívar na Venezuela; Georgetown, na Guiana e Itacoatiara, no Estado do Amazonas.



Mapa 1: Demonstrativo da Inserção Econômica do Estado de Roraima.
 FONTE: Governo do Estado de Roraima, 2007.

Políticas públicas criaram medidas importantes. A Medida Provisória 458, de 10 de fevereiro de 2009, que dispõe sobre a regularização fundiária das ocupações incidentes em terras situadas em áreas da União, no âmbito da Amazônia Legal, criou expectativa para o trabalhador do campo, pois além de propor a legalização das propriedades rurais, também

propôs aos agricultores financiamentos para fomentar a produção agrícola. A criação da Lei nº. 11.732, de 30 de junho de 2008 que dispõe sobre o regime tributário, cambial e administrativo das Zonas de Processamento de Exportação (ZPE) (BRASIL, 2008a), e a Lei nº. 8.256, de 25 de novembro de 1991, que cria Áreas de Livre Comércio (ALC) nos municípios de Boa Vista e Bonfim (BRASIL, 1991), se configuram como fatores importantes para a promoção da economia de Boa Vista e do Estado. Em Roraima, no ano de 2007 foi criado o Núcleo Estadual de Apoio aos Arranjos Produtivos (APL's). Atualmente destacam-se os seguintes APLs: fruticultura, grãos, apicultura, piscicultura, mandiocultura, pecuária de corte e leite e madeira, móveis e artefatos (RORAIMA, 2014).

Somente com a participação ativa do setor produtivo e empresarial, das instituições de ensino/de apoio e dos governos, ter-nos-emos a condição necessária para um desenvolvimento social e econômico sustentável em Roraima.

Sendo o capital intelectual o fator que define a forma de avaliação da empresa, seu lugar no mercado e o desenho do modelo econômico do cenário atual e futuro e tendo como principal ativo o capital humano, é correto afirmar que é o conhecimento que promove a equidade da vantagem competitiva no mercado moderno. Os indivíduos com o conhecimento e consciência do cenário e contexto atual como um todo, com capacidade de aprendizado e observação permanente, com potencial para gerenciamento de um complexo de “capitais” ou com a capacidade de criação de um negócio viável que ofereça um produto repetível ou recriável que garanta sua escalabilidade como forma de manter-se no mercado, são o motor da economia e uma esperança de solução para os problemas sociais e econômicos da nação.

3 EDUCAÇÃO SUPERIOR EM RORAIMA – O CASO ATUAL DA AMAZÔNIA

Dentro desta perspectiva, a educação tem papel fundamental no fomento à cultura empreendedora em Roraima como forma de desenvolver competências, promovendo a inovação das empresas existentes e a criação de novas com estrutura profissionalizada, garantindo produtividade, lucro e aumento das chances de sucesso destes empreendimentos, mudando o cenário local.

Camargo (*apud* INEP, 2009) relata que os primeiros movimentos voltados à Educação Superior em Roraima tiveram início em agosto de 1969 com a implantação do projeto Rondon (Campus Avançado do Ensino Superior da Amazônia - CAESA), uma parceria do Estado de Roraima com a Universidade Federal de Santa Maria/RS. O projeto visava à articulação e complemento aos estudos universitários unindo aprendizado teórico e prático. Em 1971 o Estado de Roraima recebe as primeiras qualificações voltadas aos professores e técnicos na área de educação superior, por meio da Universidade Federal do Pará. Através da Lei 7.364 de 1985 é autorizada a primeira Instituição de Ensino Superior do estado, a Universidade Federal de Roraima - UFRR que só tem sua implantação quatro anos após sua autorização, no ano de 1989. A partir destas ações e das mudanças na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a realidade do ensino superior no estado vem mudando.

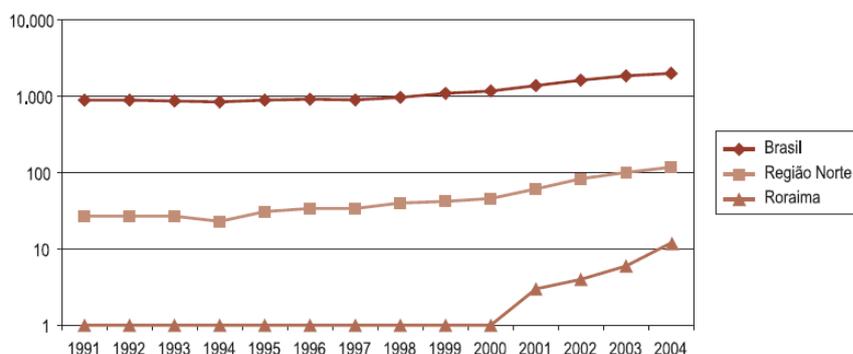


Gráfico 1 – Crescimento das Instituições de Ensino Superior – Brasil, Região Norte e Estado de Roraima

Fonte: MEC/INEP/DEAES

A análise da dinâmica da expansão das instituições, observando-se a categoria administrativa, reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC) e com ensino presencial, aponta que em Roraima, o crescimento no número de instituições aconteceu até 2004. O setor privado inicia sua participação no sistema de educação superior no estado em 2001. As IES em Roraima ficam divididas da seguinte maneira: na esfera pública conta-se com a

Universidade Federal de Roraima (UFRR), o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR-RR), e a Universidade Estadual de Roraima (UERR). Na esfera privada tem-se: a Faculdade Cathedral de Ensino Superior (FACES), a Faculdade de Teologia de Boa Vista (FATEBOV), a Faculdade Roraimense de Ensino Superior (FARES), Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (FACETEN) e a Faculdade Atual da Amazônia (FAA) conforme quadro 2.

QUADRO 2 – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DE RORAIMA

Instituição de Ensino Superior	Cidade	UF	Organização Acadêmica	Categoria Administrativa
Faculdade Atual da Amazônia - FAA.	BOA VISTA	RR	Faculdade	Privada
Faculdade Cathedral - FACES.	BOA VISTA	RR	Faculdade	Privada
Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil - FACETEN.	BOA VISTA	RR	Faculdade	Privada
Faculdade de Teologia de Boa Vista - FATEBOV.	BOA VISTA	RR	Faculdade	Privada
Faculdade Roraimense de Ensino Superior - FARES.	BOA VISTA	RR	Faculdade	Privada
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima -IFRR	BOA VISTA	RR	Instituto Federal	Federal
Universidade Estadual de Roraima - UERR.	BOA VISTA	RR	Universidade	Estadual
Universidade Federal de Roraima - UFRR.	BOA VISTA	RR	Universidade	Federal

Fonte: SiedSup – IES, INEP (2009) – modificado.

3.1 Faculdade Atual da Amazônia: formação empreendedora

Passemos a considerar a Faculdade Atual da Amazônia - FAA, objeto deste estudo. O projeto construído a partir de um minucioso diagnóstico sobre a realidade do ensino superior no Estado de Roraima em 1999, teve início em 2000, com uma pequena turma de Especialização em Consultoria Empresarial, em parceria com a UFRR e SEBRAE. Em 2012 passa a Faculdade Estácio da Amazônia e em junho de 2015 à Centro Universitário Estácio da Amazônia. A Instituição tem como Missão: contribuir para o desenvolvimento sustentável, pela formação de profissionais capazes e comprometidos com região amazônica. Sua Visão é ser reconhecida como a melhor instituição de ensino superior privada na Região Norte com

Valores como o diálogo e participação, compromisso com o social, empreendedorismo, comprometimento e identificação e a busca da qualidade e excelência.

Em 2001 tem início o primeiro curso de graduação da instituição, de Bacharelado em Administração de Empresas, com duração de 8 semestres divididos em 4 anos, formando em 2005 sua primeira turma. Em 2002 a faculdade passa a oferecer o curso de Bacharelado em Ciências Contábeis, em 2004 os cursos de Bacharelado em Sistemas de Informação e Tecnologia em Gestão Pública e em 2005 a primeira licenciatura com o curso de Pedagogia. Assim a instituição se firma no mercado local e hoje conta com mais de 160 professores nas diversas áreas do conhecimento, 90 colaboradores trabalhando na administração da instituição e 6.000 alunos distribuídos nos cursos de Graduação em Administração, Ciências Contábeis, Direito, Publicidade e Propaganda, Sistemas de Informação, Computação, Redes de Computadores, Serviço Social, Engenharia Civil, Design Gráfico, Gestão Ambiental, Pedagogia, Gestão Pública, Gestão em Agronegócios e Gestão de Recursos Humanos, pós-graduação em convênio com a Fundação Getúlio Vargas e cursos estruturados pela Estácio, além dos cursos de extensão para aproveitamento da demanda acadêmica.

O curso de Bacharelado em Administração, no período de seu início em 2001 até 2008 era o único curso da instituição que apresentava em seu currículo, disciplinas específicas de empreendedorismo e outras com a proposta de desenvolver o assunto, além de atividades extracurriculares e de extensão com foco na vivência do tema. O curso foi criado com o objetivo de propiciar ao acadêmico o desenvolvimento de competências que consolidem a capacidade crítica e reflexiva para a formação de um profissional empreendedor e gerenciador de negócios, com condições de compreender a complexidade e as contradições que delineiam a dinâmica organizacional do mercado e da sociedade, valorizando a inovação e o desenvolvimento sustentável conforme Projeto Pedagógico do Curso - PPC (ANEXO A).

As disciplinas específicas de Empreendedorismo I e II (ANEXO B), aplicadas no 6º e 7º períodos, com carga horária de 60h a serem desenvolvidas em cada semestre, apresentavam a dinâmica do mercado empresarial com foco na gestão e inovação baseado no comportamento humano, além de possibilitarem ao aluno conhecer e desenvolver suas características empreendedoras, servindo como instrumento para ampliar sua visão tanto pessoal, como profissional sobre o mercado de trabalho e empresarial. Sendo disciplinas essências para o aluno e para o egresso, pois os prepara enquanto profissionais para traçarem metas pessoais e identificarem características profissionais que os diferencie da concorrência, características necessárias para um gestor de negócios, são mantidas no programa do curso.

Além do desenvolvimento destas características o programa oferece a vivência das etapas necessárias para identificação, formatação e implantação de uma ideia de negócio e o reconhecimento e desenvolvimento das características de comportamento empreendedor.

Baseando no Programa das Disciplinas do curso (ANEXO C), aplicado entre os anos de 2001 e 2005, período de interesse desta pesquisa, as demais disciplinas com conteúdo voltado ao conhecimento elementar para a formação empreendedora, eram ministradas no decorrer de todo o curso. No 1º período o currículo do curso oferecia a disciplina de Fundamentos de Gestão Empresarial onde o aluno era iniciado no entendimento quanto à importância, para a empresa e o mercado, do desempenho do gestor e as características do empresário/gestor dentro do contexto atual. No 2º e 3º períodos a disciplina de Teoria das Organizações I e II, respectivamente, era responsável pelo conhecimento a cerca da importância da gestão estratégica para o desempenho da empresa no mercado moderno. Este conteúdo era reforçado, de maneira mais específica, no 7º período com a disciplina de Gestão Estratégica e Negócio. Enquanto as disciplinas de Gestão Mercadológica I e II, dos períodos 3º e 4º, respectivamente, eram as encarregadas pela análise do mercado e o planejamento estratégico das ações necessárias para a inserção e permanência da empresa neste. No penúltimo período, o 7º semestre, o aluno recebia um reforço na formação de seu perfil profissional com a disciplina de Criatividade e Negociação, fechando a oferta de conteúdos macro, voltado a estruturar o perfil do gestor/empreendedor, a percepção da importância do planejamento estratégico da empresa e o entendimento do mercado e da economia moderna. As disciplinas gerais juntamente com as demais de conteúdo específico, fundamentavam o programa do curso de Bacharelado em Administração no compromisso com o progresso de Roraima, programa elaborado com a perspectiva do desenvolvimento e crescimento da atividade empresarial no estado.

Ainda hoje, a aplicação do conhecimento a cerca do assunto empreendedorismo ocorre com o uso de ferramentas e métodos dinâmicos de trabalho. A exposição dialogada; dinâmicas de grupo; *brainstorming*; jogos de empresas; apresentação de filmes; palestras com empresários; estudo de casos; atividades práticas (elaboração do plano de negócio) e prática direcionada (empresa experimental e consultoria de gestão) são as técnicas utilizadas pela instituição para a transferência e troca de conhecimento, principalmente no curso em questão. Para ministrar as disciplinas com conteúdo voltado ao empreendedorismo, no período em que apenas o curso de Bacharelado em Administração oferecia este conhecimento, até 2008, a instituição contava com um número gradativo de 4 (quatro) a 6 (seis) professores, um

aumento relacionado diretamente ao aumento do número de alunos, sendo todos profissionais com formação específica na área. Para constituição de um ambiente adequado a promoção de uma área específica é fundamental que os envolvidos estejam dispostos a enfrentar o desafio da aplicação de novos conteúdos com a utilização de novos processos e ferramentas, atualizações que surgem com a inovação, exigência relacionada ao perfil do professor. São as diversas formas de aplicação de conteúdos relativos ao empreendedorismo que proporciona a alunos e jovens profissionais a oportunidade de refletir quanto ao papel da criatividade e da inovação na formação de riqueza, além da regularidade na utilização de métodos e técnicas de gestão, apropriados ao planejamento e gestão dos negócios estáveis.

Outras ações de fomento ao ambiente de formação empreendedora são desenvolvidas pela instituição. A Faculdade Atual da Amazônia cria em 2005 o Atual Empreendedor, evento com o objetivo de promover a criação da cultura empreendedora no meio acadêmico, iniciativa privada e poder público, proporcionando a alunos e jovens profissionais a oportunidade de refletir quanto ao papel da criatividade e da inovação na formação de riqueza, estimulando o surgimento de novos negócios e a consolidação dos já existentes. O Atual Empreendedor passa a ser uma oportunidade para os acadêmicos mostrarem seus projetos desenvolvidos na academia, relacionando o conhecimento técnico com a prática experimentada durante o evento através da aproximação com o mercado de trabalho, estreitando relações com o empresariado local e internacional. Momento em que as empresas constituídas convidadas têm a possibilidade de incrementarem seus negócios e identificarem outras oportunidades nos trabalhos apresentados durante o evento, contribuindo para a criação do ambiente voltado a vivência empreendedora, com a prática experimentada a partir da teoria da sala de aula. Assim sendo, o Atual Empreendedor promovia até 2012, ano de realização da última edição do evento, o fomento ao empreendedorismo por meio da geração de oportunidades de negócios como alternativa para fortalecer o setor produtivo e a economia local. Nesta mesma linha a Feira do Empreendedor, realizada pelo SEBRAE RR, já teve três edições realizadas no estado em parceria com a Faculdade Atual. A primeira edição em 2005, a segunda em 2010 e a terceira em 2013, todas com um espaço destinado a apresentação das empresas experimentais criadas pelos acadêmicos do curso de Bacharelado em Administração da Faculdade.

Além destas ações a instituição oferece programas de incentivo ao empreendedorismo como as bolsas de iniciação científica e as empresas experimentais ou núcleos de práticas nos cursos de Direito, Serviço Social, Publicidade e Propaganda conjuntamente com Design

Gráfico, Ciências Contábeis, Agronegócio e Gestão Ambiental, Pedagogia, Computação e a mais importante para este estudo, a empresa experimental do curso de Administração: a empresa júnior. Para justificar a relevância do universo criado e evoluído dentro da Faculdade Atual é preciso recapitular a premissa teórica dos diversos autores citados em todo contexto desta pesquisa, que tratam o conhecimento como fator central na formação do capital intelectual e este como fonte principal na concepção do empreendedorismo de sucesso: a) a importância de se agregar várias formas de transferência do conhecimento, que deve estar disponível, para tornar possível a concepção de produtos inovadores em um mercado em constante transformação; b) as instituições de ensino como facilitadoras e estimuladoras da geração de um ambiente oportuno para o desenvolvimento do perfil empreendedor e c) a criação e efetivação de um ambiente ou ecossistema voltado ao fomento da cultura empreendedora adequado ao desenvolvimento dos potenciais da região e de seus indivíduos.

Com a missão de educar para transformar, a Faculdade Atual da Amazônia tem como premissa a formação de capital intelectual com capacidades empreendedoras, alternativa para o fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista com foco em transformações positivas para o estado.

4 EXPRESSÃO DA FORMAÇÃO EMPREENDEDORA DA FACULDADE ATUAL DA AMAZÔNIA NO SETOR PRODUTIVO DE BOA VISTA

Considerando a missão da Faculdade Atual da Amazônia, este trabalho de pesquisa se voltou a investigar a colocação dos graduados no curso de Bacharelado em Administração, formados entre 2005 e 2008, atuando no mercado local entre os anos de 2008 e 2014, com o objetivo de apresentar a contribuição desta atuação para o fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista, projetando às transformações sociais e econômicas no estado.

Conhecer estes graduados exigiu uma pesquisa em fonte primária, no Sistema de Informação Acadêmica – SIA, onde constam os registros de 100% dos alunos matriculados na instituição. O sistema permite administrar as questões acadêmicas dos cursos regulares oferecidos pela instituição, indo desde a criação e manutenção de cursos e seus currículos, o planejamento acadêmico, o controle acadêmico até o cadastro completo de alunos, sistematizando e padronizando os processos para garantir um melhor desempenho no tratamento das peculiaridades de cada um dos cursos e alunos. Este sistema, o SIA, foi implantado em 2011, após a aquisição da Faculdade Atual da Amazônia pelo grupo Estácio. Na época uma empresa terceirizada foi contratada pela Estácio para transferir as informações do sistema utilizado até então, o Eptus, para a nova plataforma. Este trabalho foi realizado de maneira manual, por uma equipe de cinco profissionais que durante três meses realizaram o processo de migração das informações e dados dos alunos matriculados entre 2001 e 2011, para o novo sistema.

Durante esta pesquisa encontrou-se dados divergentes entre o sistema virtual e os documentos físicos arquivados nas pastas dos alunos, carecendo de uma nova estratégia de pesquisa que garantisse o resultado pretendido. Os graduados até o ano de 2008 no curso de Bacharelado em Administração, gênero de interesse desta pesquisa, somente foram identificados e confirmados a partir da análise realizada nos “livros ata de colação de grau”, documento oficial assinado pelos formandos no momento da conferência de grau, mantido em arquivo restrito pela instituição. Nestes documentos foi identificado um grupo de 391 graduados até o ano de 2008, no curso de Bacharelado em Administração pela Faculdade Atual da Amazônia, grupo que passa a ser cognominado neste trabalho como “estrato”, termo que na sociologia tem como definição a faixa ou camada de uma população com níveis iguais, sendo um deles a educação, foco central nesta discussão.

Somente de posse da lista que identifica este estrato, foi possível delimitar as informações acadêmicas e pessoais (números de telefone) a serem pesquisadas, constantes no

sistema virtual (SIA). Desta forma a pesquisa no sistema virtual passa a ser individual, não possibilitando a geração de um relatório geral, mas sim um relatório específico de cada um dos graduados, com nome, ano de formação e número de telefone, único contato encontrado.

Este número de telefone foi utilizado, inicialmente, para realizar a comunicação com 100% do estrato. Entretanto por serem cadastros antigos, principalmente os de 2005 a 2007, uma totalidade de 308 destes contatos estava desatualizada impondo a necessidade de uma nova estratégia que certificasse esta informação. Considerando que as redes sociais são atualmente um dos canais mais acessíveis para comunicação, a atualização destes contatos foi buscada nestas redes. Como embasamento para o uso deste canal como fonte de pesquisa, é ponderoso citarmos que diversos estudos científicos já foram realizados a cerca dos fatores que envolvem a relação entre as redes sociais e a transferência de informação e conhecimento.

É patente que o conceito de rede está diretamente relacionado às formas de agrupamento e relações estabelecidas pelo ser humano no decorrer de sua trajetória. Relações estas de interesses mútuos e que se modificam acompanhando as transformações individuais, expandindo ou delimitando sua rede conforme sua incorporação na realidade social ou seu desejo de projeção. Desta forma as redes sociais constituem um método latente utilizado pela sociedade, não só para a transferência, mas também para o compartilhamento de informações que facilitem os processos entre os atores que as integram. A gestão do conhecimento da sociedade do conhecimento de Klein (1998), passa pelo compartilhamento de informações de maneira mais informal, mais casual sugerindo os encontros, improvisações e redes sociais como ambientes para este compartilhamento, conferindo a este canal uma fonte preliminar para consulta.

Em decorrência desta nova estratégia de comunicabilidade com a parcela de 308 indivíduos do estrato, foram encontrados nas redes sociais 141 indivíduos e enviadas mensagens de solicitação de intercomunicação a todos estes, tendo como resultado o retorno de 82 destes indivíduos. Foram realizados um total de 165 contatos diretos, na ocasião, 63 indivíduos se disponibilizaram a participar da entrevista. A denominação “estrato”, assente nesta pesquisa como forma de abreviar a menção relacionada ao grupo de graduados em questão, passa agora a especificar os 63 indivíduos entrevistados. Para esta importante etapa do processo de investigação, foi utilizada, como ferramenta para coleta dos dados fundamentais, um questionário semiestruturado com 13 (treze) perguntas fechadas e 01 (uma) aberta, realizado no período de 09 a 22 de dezembro de 2015 e de 15 de janeiro a 04 de

fevereiro de 2016, com a participação direta do pesquisador em busca de resultados mais fidedignos.

É central sustentar a definição de um dos objetivos primaciais deste trabalho de pesquisa, que é apurar a expressividade da atuação dos profissionais com capacidade empreendedora, graduados no período de 2005 a 2008 pela Faculdade Atual da Amazônia (estrato), no fortalecimento do setor produtivo de Boa Vista no período compreendido entre 2008 e 2014, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento do Estado de Roraima. Este resultado permitirá o entendimento quanto à contribuição da formação empreendedora da Faculdade Atual da Amazônia para o sucesso da atuação destes profissionais e a contribuição destes para o mercado de Boa Vista, objetivo principal deste trabalho.

Diversas são as literaturas que tratam do tempo de sobrevivência de uma empresa no mercado como expressão de seu sucesso para permanência no mesmo, dividindo em etapas com períodos diferentes para definir os empreendimentos como iniciais ou estabelecidos. Neste caso, consideremos os empreendimentos estabelecidos e, para basear o período inicial do recorte temporal delimitado para mensurar a atuação do estrato, utilizaram-se como base os conceitos de duas consideráveis instituições de pesquisa no assunto: SEBRAE e GEM. Para o SEBRAE (2013) o tempo de atuação de uma empresa no mercado para que esta deixe a faixa de maior risco de falência, refere-se à soma do tempo de constituição de uma empresa (formalização do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica - CNPJ), que é de até 12 (doze) meses, com o tempo da primeira Declaração de Imposto de Pessoa Jurídica (DIPJ), que é de 12 (doze) meses após sua formalização, resultando em 24 (vinte e quatro) meses. O relatório do GEM (2012) classifica como empreendimento estabelecido aquele que têm seus proprietários recebendo remuneração por mais de 42 meses.

Desta forma, ficou definida como eixo para o referido recorte temporal a média aproximada do tempo considerado por estas duas instituições, totalizando 33 (trinta e três) meses que foram somados ao ano de 2005, ano de formação da primeira turma do estrato, estabelecendo o ano de 2008 como inicial da pesquisa. A disponibilidade de dados de outras importantes fontes utilizadas na pesquisa ajudou a elucidar o período a ser estudado. Os relatórios disponibilizados pelo IBGE e SEPLAN apresentam subsídios formalizados até o ano de 2014, relatórios considerados axiomáticos no que refere as informações socioeconômicas do município e do estado, dados estes, que foram considerados e adicionados ao recorte temporal para determinar o período final da contribuição do estrato a economia roraimense. Como decorrência deste levantamento realizado para delimitação do

recorte temporal do estudo efetuado, chegamos ao período de tempo inicial de 2008 e final de 2014.

O questionário aplicado na entrevista realizada com o estrato inicia interpelando sobre uma questão indispensável para identificação dos indivíduos centrais para o resultado desta pesquisa, dentro do universo do estrato. Identificar este grupo é oportuno quando nos referimos ao fortalecimento produtivo de Boa Vista. Uma região, seja ela desenvolvida ou em desenvolvimento, possui uma parcela da população ativa economicamente. Essa parcela representa todas as pessoas que trabalham e produzem, gerando renda e melhoria da qualidade de vida, se integrando ao sistema produtivo/econômico daquela região, indivíduos fundamentais para o desenvolvimento econômico e social de uma sociedade.

A tabela a seguir apresenta o número de indivíduos que atuaram profissionalmente no setor produtivo de Boa Vista, entre 2008 e 2014, configurando estes como parte da parcela da população ativa economicamente na capital. Neste caso o que podemos confirmar é que mais de 95% do universo do estrato estavam trabalhando.

TABELA 1 - VOCÊ ATUOU PROFISSIONALMENTE (TRABALHO) NO MERCADO DE BOA VISTA ENTRE OS ANOS DE 2008 E 2014?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Sim	60	95,23
2	Não	3	4,76

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Os 60 entrevistados que responderam afirmativamente a questão anterior, confirmando que estavam trabalhando no mercado de Boa Vista entre os anos de 2008 e 2014, a partir desta questão passam a ser o grupo respondente das demais perguntas desta entrevista.

Sendo o sistema econômico um reflexo dos processos de produção, devemos considerar o capital organizacional de Schumpeter, que refere-se à capacidade de gerenciamento dos processos e das pessoas e da relação da empresa com seus agentes internos ou externos, fatores relacionados ao comportamento dos indivíduos enquanto profissionais. Este capital/profissional é o responsável pela geração de metodologias, de modelos produtivos operacionais e pela otimização das rotinas. Este “gerente” é o dirigente do “desenho” da estrutura interna da empresa: do planejamento estratégico e organizacional, do modelo de trabalho/produção, do *company profile* e do *business profile*. Também é facultativo considerar

as estratégias adotadas por seus dirigentes, fundamento de seu desempenho, como um dos fatores que determinam o empreendimento na fase de estabelecido (GEM, 2012). Os conceitos descritos por diversos autores, dizem que as características do indivíduo empreendedor baseiam-se em fatores que satisfaçam suas necessidades de realização, a inovação, a recriação do que já existe com maior eficiência e mais qualidade e o comprometimento destes indivíduos que entendem de maneira clara, as necessidades e oportunidades do mercado e o nível de riscos os quais devem correr. Para McClelland (*apud* CHIAVENATO, 2004), os diferentes níveis da necessidade de realização vão da manutenção na posição atualmente ocupada até a sua colocação à frente na realização das tarefas como forma de garantir a excelência dos resultados destas, atribuindo a si este resultado.

Foi questionado ao grupo sobre o cargo que desempenhavam naquela oportunidade, se sua função exigia a tomada de decisão e qual o setor de atuação da organização onde trabalhavam. Neste caso verificamos na tabela 2 que mais de 56% destes entrevistados desempenhavam cargo de dirigente nas organizações onde trabalhavam e mais de 76% dos mesmos disseram que sua função exigência a tomada de decisão. Este cenário acontece em organizações do setor privado em sua maioria, 56%, setor que tem a tomada de decisão como crucial, exigindo profissionais que sejam devidamente qualificados para exercerem a função. O que podemos constatar é que o número de profissionais com um cargo de gestão é menor do que o número de indivíduos com função de tomada de decisão, elegendo um perfil de liderança a estes indivíduos, independente do cargo. Também outro ponto importante é que a atuação destes indivíduos com perfil para liderança era em sua maioria como colaborador tanto no setor privado quanto na administração pública. Neste sentido as características empreendedoras presentes naqueles com perfil de liderança sejam eles colaboradores ou donos do próprio negócio, conceito proferido anteriormente pelos principais autores sobre o assunto, podem ser verificados nos indivíduos respondentes.

TABELA 2 - CONSIDERANDO SUA ATUAÇÃO, QUAL CARGO VOCÊ DESEMPENHAVA?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Colaborador sem função de chefia	26	43,33
2	Gestor, gerente ou administrador da empresa	22	36,66
3	Empreendedor, dono do próprio negócio	12	20

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

TABELA 3 – NESTA ORGANIZAÇÃO SUA FUNÇÃO EXIGIA A TOMADA DE DECISÃO?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Sim	46	76,66
2	Não	14	23,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

TABELA 4 – A ORGANIZAÇÃO ONDE VOCÊ ATUOU É DO SETOR?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Público	26	43,33
2	Privado	32	53,33
3	Mista	2	3,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

São diversas as literaturas que tratam do tempo de sobrevivência de uma empresa no mercado com base em seus estágios. É o estágio onde a empresa se encontra que determina se esta tem maior ou menor possibilidade de permanência no mercado e é no estágio de estabelecido que suas chances de sucesso aumentem, segundo GEM (2012). Para o SEBRAE (2013) o tempo de atuação de uma empresa no mercado para que esta deixe a faixa de maior risco de falência é de 24 (vinte e quatro) meses.

Nos mesmos termos apresentados como base para o cálculo do recorte temporal desta pesquisa, o período entre 2008 e 2014, utilizaremos a média do tempo apresentado pelo GEM e pelo SEBRAE, para fazermos a análise do tempo de existência das organizações onde o estrato atuou no período. Assim consideremos a organização como estabelecida e com maior chance de permanência no mercado, aquelas que estiverem no setor produtivo de Boa Vista por um tempo mínimo de 33 (trinta e três) meses.

As tabelas a seguir apresentam o ano de início e término das atividades das organizações onde o estrato atuou no período. Como podemos observar 95% das referidas organizações apresentam em 2014 mais de 33 meses de existência, qualificando estas como estabelecidas e desta forma com maiores probabilidades de permanência no mercado. Além disto, também devemos considerar que a atuação de uma empresa em um mercado interfere

no crescimento e desenvolvimento deste mercado, logo devemos ponderar seu tempo de atuação.

TABELA 5 – EM QUE ANO ESTA EMPRESA INICIOU SUAS ATIVIDADES NO MERCADO DE BOA VISTA?

Nº	Ano	Resposta	%
1	2008	0	0
2	2009	1	1,66
3	2010	3	5
4	2011	0	0
5	2012	2	3,33
6	2013	0	0
7	2014	1	1,66
8	Antes de 2008	53	88,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

TABELA 6 – ESTA ORGANIZAÇÃO ESTEVE ATIVA ATÉ O ANO DE 2014?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Sim	60	100
2	Não	0	0

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

A literatura sobre a importância do indivíduo com perfil empreendedor afirma a necessidade de permanência destes indivíduos em seus postos de trabalho como forma de garantir o crescimento da organização e o desenvolvimento econômico e social daquela região. Afirma também que além dos fatores econômicos, os fatores de satisfação do indivíduo enquanto profissional, com o estímulo a pesquisas e estudos para o desenvolvimento de máquinas e equipamentos modernos impostos pelas exigências dos novos mercados e profissões, o estímulo ao desenvolvimento de mais qualidades e atitudes empreendedoras podem contribuir para as desejadas mudanças em áreas necessitadas e para a criação de um ambiente adequado para o desenvolvimento das características empreendedoras o que contribui para a permanência dos talentos desejados em seus postos de trabalho. São estes os profissionais satisfeitos os responsáveis por incentivar, coordenar e alinhar os interesses no domínio da estratégia, são os agentes catalisadores capazes de transformar a

organização em um organismo vivo em constante processo de mudança e evolução em um ambiente em constante mutação. Assim configuram-se como organismos vivos, em crescimento, as organizações que empreendem mudanças em busca da satisfação de seus profissionais bem como pelas mudanças resultantes do trabalho eficiente destes profissionais.

Para entendermos a contribuição dos indivíduos com perfil de liderança apresentados na tabela 3 para suas organizações, questionamos sobre o tempo de permanência destes na organização. O maior percentual de entrevistados, 69%, iniciou suas atividades na organização até o ano de 2008 e 65% permaneciam na mesma organização em 2014.

TABELA 7 – EM QUE ANO VOCÊ INICIOU SUAS ATIVIDADES NESTA ORGANIZAÇÃO?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	2008	10	16,66
2	2009	3	5
3	2010	6	10
4	2011	1	1,66
5	2012	3	5
6	2013	3	5
7	2014	2	3,33
8	Antes de 2008	32	53,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

TABELA 8 – EM QUE ANO VOCÊ ENCERROU SUAS ATIVIDADES NESTA ORGANIZAÇÃO?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	2008	0	0
2	2009	0	0
3	2010	3	5
4	2011	1	1,66
5	2012	3	5
6	2013	3	5
7	2014	2	3,33
8	Após 2014	9	15

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
9	Continua atuando na mesma empresa	39	65

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

A tabela 9 apresenta os elementos de maior crescimento na organização observados pelos entrevistados. Apenas 3,33% disseram que a empresa não apresentou crescimento. Os 26% que não souberam ou não quiseram responder não poderão ser contabilizados no total. Mas mesmo assim o que se percebe é que a maioria confirmou um ou mais fatores de crescimento na organização, caracterizando esta como uma organização que empreende mudanças em busca da satisfação de seus clientes e profissionais. Este crescimento pode ser entendido também como um reflexo do trabalho eficiente destes profissionais/colaboradores satisfeitos.

TABELA 9 – DURANTE SUA ATUAÇÃO NESTA ORGANIZAÇÃO, NA SUA AVALIAÇÃO, QUAL FATOR APRESENTOU MAIOR CRESCIMENTO?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Financeiro	18	30
2	Número de funcionários	23	38,33
3	Estrutura predial	21	35
4	Equipamentos e maquinários utilizados no desenvolvimento do produto da empresa	36	60
5	Volume de compra de matéria prima para o desenvolvimento do produto da empresa	18	30
6	Não apresentou crescimento	2	3,33
7	Não soube ou não quis responder	16	26,66

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

A economia do estado cresceu nos últimos anos da seguinte forma: setor primário (0,93%), secundário (12,35%) e terciário (86,72%). No setor terciário, o serviço como atividade econômica, teve um dos menores crescimentos. A administração pública, que mesmo com um crescimento menor ano a ano, continua sendo a principal atividade econômica de Roraima com a maior participação no PIB estadual. Ainda neste setor o comércio apresentou o maior crescimento com 13,3% do total da economia. Lembrando que o

poder público tem uma participação fundamental no crescimento do comércio em todo estado em função das obras de projetos federais como Minha Casa, Minha Vida que findam no aumento da venda de materiais de construção e contratação de mão-de-obra IBGE e SEPLAN (RORAIMA, 2014).

Para entendimento do entrevistado, a pergunta descrevia os setores da economia como: a) primário – agricultura, pecuária e extrativismo mineral, vegetal e animal; b) secundário – indústria como transformação de matéria prima e c) terciário - comércio e serviços – serviço público, transporte, comunicações, bancário, financeiros, turismo, lazer, cultura e venda de produtos.

Mais de 98% dos respondentes confirmaram que a organização onde desenvolviam suas atividades profissionais atuava no setor terciário, comprovando os dados do IBGE e SEPLAN.

TABELA 10 – ESTA ORGANIZAÇÃO ATUAVA EM QUAL SETOR DA ECONOMIA?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Primário	1	1,66
2	Secundário	0	0
3	Terciário	59	98,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Na tabela 8 vimos que 65% dos entrevistados permanecem até hoje desenvolvendo seu trabalho na mesma organização, logo 45%, ou seja, 21 dos 60 entrevistados deixou de trabalhar na mesma organização. Para entendermos, por fim, quantos estão ativos atualmente no mercado de trabalho, questionamos todo o grupo de 63 entrevistados sobre sua situação atual. Do total, 51 dos entrevistados confirmaram que estão trabalhando atualmente, enquanto 12 estão fora do mercado de trabalho. Dentre estes 12 estão contabilizados os 3 entrevistados que afirmaram na primeira pergunta que não atuaram no mercado de trabalho entre 2008 e 2014 e que continuam fora do mercado, resultando em 9 os entrevistados que saíram e permanecem fora do mercado de trabalho. Resultados apresentados na tabela 11 em que podemos verificar que o desemprego é uma realidade e que deve, mesmo não sendo o objetivo deste trabalho, ser salientado.

TABELA 11 – ATUALMENTE, VOCÊ ESTÁ ATUANDO NO MERCADO DE TRABALHO DE BOA VISTA?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Sim	51	85
2	Não	12	20

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Se 39 dos 60 entrevistados permanecem até hoje desenvolvendo seu trabalho na mesma organização, e 21 deixaram de trabalhar na mesma organização, sendo que 9 destes continuam desempregados, é necessário conhecermos a nova realidade de 12 dos entrevistados que estão atuando em outras organizações. Para isto foi perguntado a esta parcela de 12 indivíduos em qual setor a organização em que trabalha atualmente atua?

A tabela 12 apresenta o total dos 51 profissionais que estão trabalhando atualmente, como forma de elucidar este novo cenário na íntegra. Relacionando os resultados da tabela 12 com os da tabela 3, o que se percebe é que os profissionais que estão fora do mercado de trabalho são os que atuavam na administração pública, assim, o desemprego apontado anteriormente refere-se aos trabalhadores do serviço público, atestando que a administração pública vem apresentando um crescimento menor, deixando de não absorver a demanda de profissionais disponíveis.

TABELA 12 – ATUALMENTE SUA ATUAÇÃO É EM UMA ORGANIZAÇÃO DO SETOR?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Público	17	28,33
2	Privado	32	53,33
3	Mista	2	3,33

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

É preciso falar sobre a importância do conhecimento e da educação para o desenvolvimento de um indivíduo ou uma sociedade. O conhecimento adquirido na academia deve ser transformado em produtos ou serviços que atendam as demandas do mercado atual, que além do conhecimento técnico-científico, precisa das capacidades empreendedoras para a execução das novas ideias criando novos cenários. Schumpeter, Mintzberg, Ahlstrand e

Lampel (2000), Degen (1989, 2008) e Drucker (1992, 2003), revelam a importância da articulação entre o empreendedorismo e a educação quando discorrem sobre a importância dos indivíduos empreendedores para o desenvolvimento econômico de uma sociedade. Tudo isto somente é possível com a criação de um ambiente adequado, voltado à geração e transferência do conhecimento a cerca do empreendedorismo nas instituições de ensino superior, resultando em um ecossistema de fomento ao conceito. No subcapítulo 3.1 é apresentado o ambiente criado pela Faculdade Atual da Amazônia para a formação de profissionais com perfil empreendedor e que segue os moldes dos ambientes considerados como adequados. A tabela 13 mostra o resultado da pergunta feita aos 63 participantes desta pesquisa, quando foi questionado sobre a contribuição da formação no curso de Bacharelado em Administração para seu sucesso profissional. Um total de 84% dos entrevistados disse que o curso contribuiu para a sua atuação enquanto profissional.

TABELA 13 – VOCÊ CONSIDERA QUE O CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO CONTRIBUIU PARA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Sim	53	84,12
2	Não	10	15,87

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da pesquisa

Foi realizada uma pergunta aberta, com o intuito de verificar se existem e quais as metas projetadas pelo grupo de 60 entrevistados, apresentadas na tabela 14. O que se constatou foi um grande número de profissionais preocupados com sua atuação, 93,33%.

TABELA 14 - O QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE PARA O ALCANCE DE SEU SUCESSO PROFISSIONAL?

Nº	Resposta	Número de Respostas	%
1	Continuar seu trabalho com qualidade	38	63,33
2	Dar continuidade aos estudos	18	30
3	Quer empreender	4	6,66

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estado de Roraima, criado pela Constituição de 1988, a partir do então Território Federal do Rio Branco (1943), começa a construir sua trajetória na educação superior em 1989 com a Universidade Federal e em 1993 com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, instituições federais, que permanecem únicas até a criação da primeira instituição privada, a Faculdade Atual da Amazônia em 1999. É em 2001 que tem início o primeiro curso de graduação da instituição, o curso de Bacharelado em Administração, apenas treze anos depois da institucionalização do estado. Resultado da visão empreendedora de seus idealizadores que vieram para este estado em 1999, sem experiência de atuação direta na área da educação, viram aqui a oportunidade de investir em um setor ainda em fase inicial, em uma cidade que apresentava taxas de aumento populacional altas, consequência das promessas do governo da época que oferecia oportunidades de melhoria nas condições econômicas e apoio e ajuda constantes, motivando os moradores, recém chegados, a criarem novos negócios. A história de crescimento da instituição e do estado, andam lado a lado, realidade possível de ser observada neste estudo.

A instituição foi criada com a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável do estado pela formação de profissionais capazes e comprometidos com a região amazônica. O curso de Bacharelado em Administração foi o primeiro curso da instituição, sendo o protagonista da história da faculdade, foi criado com o objetivo de preparar profissionais para a gestão dos negócios já existentes e daqueles que se iniciavam. Para isto o plano de ensino do curso estava à época, todo planejado para o desenvolvimento de competências, capacidades críticas e reflexivas quanto às potencialidades e peculiaridades do estado, com o propósito de formar profissionais empreendedores e gerenciadores de negócios, que valorizassem a inovação e o desenvolvimento sustentável. Os profissionais formados entre 2005 e 2008 enfrentavam uma realidade econômica onde a administração pública incorporava a maior parcela de mão de obra e era responsável por quase 70% da economia que movimentava este estado. Esta realidade começa a apresentar transformações mais evidentes a partir de 2011 e hoje este percentual corresponde a menos de 50%, deixando claro que o mercado se obriga a criar novos negócios, que ofereça novos postos de trabalho, exigindo mais profissionais, cada vez mais capacitados. Atualmente parte destes negócios novos são empresas que prestam serviços à administração pública, se fazendo necessária a contratação de profissionais, aumentando as possibilidades e exigências neste sentido.

Com o redesenho do mercado econômico, os reflexos são direto na qualificação profissional da mão de obra local, torna-se importantíssima à graduação e, principalmente, quando esta forma profissionais em um ambiente que fomenta o desenvolvimento da capacidade empreendedora, pois é esta capacidade que leva a criação de novos negócios com maior possibilidade de sucesso e permanência no mercado. Ademais coloca nas empresas, colaboradores que se propõem a assumir cargos de chefia e funções que exigem a tomada de decisão, por serem indivíduos com coragem e conhecimento para isto.

A partir de 2005 a Faculdade Atual da Amazônia forma suas primeiras turmas, em um curso todo voltado à formação de indivíduos com capacidade de liderança e com perfil de gestor, características elaboradas a partir do conteúdo programático de seu plano de ensino, aplicado em oito semestres, desenvolvido através de disciplinas específicas de empreendedorismo, em três semestres, e gerais com abordagem do tema, no decorrer de toda a faculdade. Como complemento, a realização de atividades extra curriculares, com eventos, cursos e programas que proporcionam a vivencia prática e contato com o mercado. Condições que criam um ambiente de transferência de conhecimento técnico e experiências práticas necessárias ao desenvolvimento das características empreendedoras de um indivíduo. Por assim dizer, se o empreendedor é resultado do meio em que vive e se é possível desenvolver características empreendedoras nas pessoas então podemos afirmar que a Faculdade Atual da Amazônia formou profissionais com características empreendedoras para atuarem no mercado de Boa Vista entre os anos de 2008 e 2014. O interesse desta pesquisa relacionava-se ao fato de conhecer a realidade vivida por estes profissionais após a graduação, como forma de avaliar a qualificação recebida pela Faculdade.

No momento inicial para o alcance deste resultado, o que observou-se foi a dificuldade para encontrar estes indivíduos. O sistema virtual, SIA, utilizado pela instituição como fonte de cadastro de todos os alunos matriculados na Faculdade não apresenta dados totalmente seguros. Parte dos cadastros encontrados registram informações equivocadas em relação à formação dos graduados no período de 2005 a 2008 e, na sua maioria, as informações referentes aos contatos estão desatualizados, obrigando a busca nas redes sociais. Destes uma pequena parcela teve seus dados atualizados por terem voltado à instituição para fazer uma pós graduação, atestando que a procura pela continuidade dos estudos, ao menos na Atual da Amazônia, foi muito pequena.

Outra dificuldade encontrada foi o fato das pessoas terem em sua rede social nomes incompletos ou um cognome. Isto impossibilitou que parte dos graduados buscados neste meio fossem encontrados, reduzindo, consideravelmente, o número pretendido de entrevistas.

Os profissionais encontrados, que se propuseram a participar da pesquisa, apresentaram informações que vieram ao encontro do objetivo deste trabalho. Pouco mais de 50% do total trabalhavam com cargos de chefia, mas mais de 75% desempenhavam uma função com tomada de decisão tanto em organizações públicas quanto privadas em um percentual muito próximo. Isto configura que estes profissionais ocupavam uma função de relevância nestas organizações, provavelmente por suas competências.

Pois se é a parcela ativa da população a responsável pela geração de renda e melhoria da qualidade de vida então é evidente que estes indivíduos estivessem contribuindo com o setor produtivo de Boa Vista. Outro resultado inegável é que estes tiveram uma evolução em seu desenvolvimento profissional após a conclusão do curso, visto que a maioria avaliou o curso como importante para seu desenvolvimento.

Quanto à permanência destes indivíduos mais capacitados em seus postos de trabalho como forma de garantir o crescimento da organização observou-se, novamente, uma grande maioria trabalhando durante anos na mesma empresa, aplicando a capacidade adquirida e o conhecimento apreendido naquela corporação, melhorando o desempenho também da empresa. Considerando isto como uma evidencia é preciso lembrar que 95% das organizações onde estes profissionais estavam inseridos, estão no mercado há mais de quatro anos, conferindo a estas uma maior possibilidade de continuidade de suas atividades, por estarem fora da crucial faixa de risco de falência. Novamente podemos atribuir uma parcela de responsabilidade disso aos profissionais formados pela Atual da Amazônia. A quase totalidade dos entrevistados observou fatores de crescimento na empresa durante seu tempo de atuação. Neste caso devemos considerar dois elementos importantes que podem ter contribuído para isto. O primeiro é que com colaboradores capacitados, principalmente em cargos de liderança, as melhorias são mais prováveis de acontecer por sua intervenção e a segunda é que as organizações investem em estrutura com foco no crescimento de seu empreendimento, mas também, na satisfação de seu colaborador para manutenção deste.

Em uma análise rápida o que vimos é indicativo de transformações positivas tanto para os profissionais formados pela instituição quanto para as empresas onde estes atuavam. Nesta pesquisa, as empresas de atuação destes profissionais eram majoritariamente do setor terciário. Então também neste ponto, os dados aqui apresentados, revelam-se como uma

verdade quando confrontados com os dados econômicos apresentados pelo IBGE e SEPLAN de 2014, que afirmam que Boa Vista concentra a maior participação no PIB do estado, 72,83%, e que o setor terciário detém quase 90% deste percentual.

Um dado preocupante apurado por esta pesquisa diz respeito aos profissionais entrevistados que estão fora do mercado de trabalho desde 2015. O IBGE informou em abril deste ano que mais de 10% da população brasileira está desempregada atualmente em função da crise econômica do Brasil e o mais grave é que em outubro de 2015 esta taxa era de pouco mais de 7%. Podemos entender que a crise está sendo vivida em Boa Vista também, causando preocupação quanto ao desfecho disso para os trabalhadores nos próximos meses e para a economia do estado a médio e longo prazo. Outro indicador constatado foi o de que o desemprego apontado nesta pesquisa afetou diretamente a administração pública, o setor da economia de Roraima com menor crescimento nos últimos anos.

Podemos afirmar que a Faculdade Atual da Amazônia oferecia um ambiente voltado ao fomento do empreendedorismo orientado para o desenvolvimento de atitudes, de características comportamentais de liderança nas pessoas para que estas fizessem a diferença. Pode-se assim concluir que a Faculdade Atual da Amazônia formou profissionais com perfil empreendedor que atuaram de 2008 a 2014 no mercado de Boa Vista, promovendo transformações no setor produtivo da capital, conseqüentemente, contribuindo para a economia do estado. Assim certificamos que a instituição objeto deste estudo de caso, promoveu entre 2005 e 2008, o desenvolvimento das habilidades gerenciais, empreendedoras e inovadoras em seus alunos da graduação em Administração criando profissionais com competência que atuaram como empreendedores dentro das empresas, no período de interesse para a análise da atuação dos mesmos.

Neste momento cabem alguns questionamentos: onde está o profissional com perfil empreendedor que cria seu próprio posto de trabalho, seu próprio negócio? Seriam as questões culturais, as econômicas ou políticas as responsáveis pelo desvio destes indivíduos para a posição de trabalhador empregado? Ainda há muito a ser modificado para que possamos transformar esta realidade, contribuindo efetivamente com a criação de novos negócios gerenciados por estes profissionais.

Enquanto isso é preciso que se observem com atenção as possíveis mudanças ocasionadas pela crise nacional. Esta crise pode aumentar ainda mais o desemprego em Boa Vista acabando com a meta de mais de 60% dos entrevistados de se manterem em seus postos

de trabalho, de outros 30% darem continuidade aos seus estudos aperfeiçoando seu conhecimento e dos 6% que querem empreender.

REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. **Recuperação das áreas desflorestadas da Amazônia: será pertinente o cultivo da palma do óleo (Dendê)?**, 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6609>> Acesso em: 11 jun. 2014.

BECKER, Bertha K.; STENNER, Claudio. **Um futuro para a Amazônia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008. (Série Inventando o Futuro).

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988**. Capítulo III da educação, da cultura e do desporto. Seção I. Da educação. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília; DF: 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 04 out. 2009.

_____. Decreto-lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília; DF: 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110172.htm>. Acesso em: 22 out. 2009.

_____. Lei nº 8.256, de 25 de novembro de 1991. **Cria áreas de livre comércio nos municípios de Boa Vista e Bonfim, no Estado de Roraima e dá outras providências**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília; DF: 1991. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989_1994/L8256.htm>. Acesso em: 05 out. 2009.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília; DF: MEC, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 04 out. 2009.

_____. Lei nº 11.732, de 30 de junho de 2008. **Altera as Leis nos 11.508, de 20 de julho de 2007, que dispõe sobre o regime tributário, cambial e administrativo das Zonas de Processamento de Exportação, e 8.256, de 25 de novembro de 1991, que cria áreas de livre comércio nos municípios de Boa Vista e Bonfim, no Estado de Roraima; e dá outras providências**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília; DF: 2008a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/Lei/L11732.htm>. Acesso em: 05 out. 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação**. Brasília; DF: MEC, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/1997/pces776_97.pdf> Acesso em: 04 out. 2009.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Proposta de teses e diretrizes para a política nacional de empreendedorismo e negócios**. Brasília; DF: MDIC, 2012. Disponível em:

<http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1364215966.pdf>. Acesso em 05 jun. 2014.

CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; LEMOS, Ana Heloisa da Costa; VIANA, Mila Desouza de Aquino. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais?. **Caderno EBAPE. BR.** vol.10, n. 01, Rio de Janeiro, mar. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512012000100011&lang=pt> Acesso em: 26 ago. 2014.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**, 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: Dando Asas ao Espírito Empreendedor**. São Paulo: Saraiva, 2004.

DANTAS, Edmundo Brandão. **Empreendedorismo e intra-empreendedorismo: é preciso aprender a voar com os pés no chão**. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/dantas-edmundo-empreendedorismo.pdf>> Acesso em: 18 ago. 2009.

DEGEN, Ronald. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. 8. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

_____. Empreendedorismo: uma filosofia para o desenvolvimento sustentável e a redução da pobreza. **Revista de Ciências da Administração**, v.10, n. 2, p. 15 a 19, 2008.

DORNELAS, José; TIMMONS, Jeffry; SPINELLI, Stephens. **Criação de novos negócios: empreendedorismo para o século 21**. 8 ed. adapt. americana. Tradução de Cláudia Mello. São Paulo: Elsevier, 2010.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Administração para o futuro: os anos 90 e a virada do século**. Tradução de Nivaldo Montegelli Jr. São Paulo: Pioneira, 1992. (Biblioteca Pioneira de Administração e Negócio).

_____. **Inovação e espírito empreendedor (Entrepreneurship): pratica e principio**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

_____. **O melhor de Peter Drucker: o homem**. Tradução de Maria Lúcia L. Rosa. São Paulo: Nobel, 2001.

FECOR. FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO DE RORAIMA. **Guia Turístico Roraima: Ecológico, Histórico e Cultural**. Boa Vista; RR: Editare Editora Ltda, 2009.

FREITAS, Aimberê. **Geografia e Historia de Roraima**. Boa Vista: DLM, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2002.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM. **Empreendedorismo na Região Norte do Brasil**. 2012.

<[http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6bf38d1ee8a8ecd329c06a144c2739d3/\\$File/4572.pdf](http://bis.sebrae.com.br/GestorRepositorio/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/6bf38d1ee8a8ecd329c06a144c2739d3/$File/4572.pdf)>. Acessado em: 05 fev.15.

HISRICH, Robert D.; Peters, Michael P. **Empreendedorismo**. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estados. Roraima. População estimativa 2014**. 2014. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=rr>> Acessado em: 23 ago. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. Educação Superior Cursos e Instituições de 2009. Disponível em:
http://www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_ies.asp. Acesso em: 19 out. 2009.

KLEIN, David A. **A gestão estratégica do capital intelectual**: recursos para a economia baseada em conhecimento. Tradução de Bazán Tecnologia e Linguística, Carlos Henrique Trieschman, Ronaldo de Almeida Rego e Maria Cristina Ribeiro Bazán. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1998.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. **Safári de Estratégia**: um roteiro pela selva do planejamento estratégico. Tradução de Nivaldo Montingeli Jr. Porto Alegre: Bookman, 2000.

MOREIRA, Sinair Santana; RAMIREZ, Nataly Carmem; RASKOPF, Karla Rosane. **A contribuição do ensino superior para o desenvolvimento da cultura empreendedora no Estado de Roraima**: caso atual empreendedor. 2009. 121p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Atual da Amazônia, Boa Vista, 2009.

PALADINO, Gina Gulineli. **Empreendimentos Inovadores**: Relatos de uma Jornada na Europa. Brasília: IEL Nacional, 2003.

_____. **Programas de Intra-empendedorismo**. Disponível em:
<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=704> Acessado em: 17 ago. 2009.

RORAIMA. Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento de Roraima. **Produto Interno Bruto Estadual e Municipal**. Boa Vista: CGEES/SEPLAN - RR, 2014. 1 CD – ROM

SANTOS, Adair J. **História da Livre Iniciativa: no Desenvolvimento Socioeconômico do Estado de Roraima**. Boa Vista: FECOMÉRCIO RR, 2004.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Tradução de Maria Silvia Possas. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. Coleção Estudos e Pesquisa. Brasília – DF, 2013. Disponível em:
http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Sobrevivencia_das_empresas_no_Brasil=2013.pdf Acessado em: 05 jan. 15

SENHORAS, Elói Martins. **Estruturas da gestão estratégica da inovação em universidades brasileiras**. Boa Vista: Ed. da UFRR, 2012.

SISNANDO, Pedro. **Relações universidade-indústria-governo para a inovação no Japão, Índia e China.** Disponível em: <http://www.econometrix.com.br/colunistas.php?id=22145>. Acessado em: 28 jun. 2014.

SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES, Tomas de Aquino; (org). **Empreendedorismo além do plano de negócios.** São Paulo: Atlas, 2005.

ANEXOS

ANEXO A - PPC - Projeto Pedagógico do Curso (resumo)

CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO

Concepção do Curso

O Curso de Bacharelado em Administração obedece às Diretrizes Nacionais e está organizado de modo a oferecer aos acadêmicos referenciais teórico-práticos que colaborem na aquisição de competências cognitivas, habilidades e atitudes e que promovam o seu pleno desenvolvimento como pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

O Curso de Bacharelado em Administração tem como missão “Formar bacharéis em administração, profissionais de elevado nível de consciência crítica, competência técnica, empreendedora, engajamento ético e responsabilidade social, comprometidos com a produtividade, com a gestão do conhecimento, com a sustentabilidade e com o desenvolvimento social e econômico do país, e em especial da região amazônica”.

Competências e Habilidades

- a) reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo produtivo, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo da tomada de decisão;
- b) desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais;
- c) refletir e atuar criticamente sobre a esfera da produção, compreendendo sua posição e função na estrutura produtiva sob seu controle e gerenciamento;
- d) desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas presentes nas relações formais e causais entre fenômenos produtivos, administrativos e de controle, bem assim expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- e) ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;
- f) desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos organizacionais, revelando-se profissional adaptável;
- g) desenvolver capacidade para elaborar, implementar e consolidar projetos em organizações; e

- h) desenvolver capacidade para realizar consultoria em gestão e administração, pareceres e perícias administrativas, gerenciais, organizacionais, estratégicos e operacionais.

O administrador estará habilitado a atuar nos seguintes ramos da administração: Administração de pessoas; Administração de Materiais; Administração de Produção; Administração Financeira; Organização, Sistemas e Métodos; Administração de marketing, Administração de serviços gerais (logística); Auditoria; Estratégia Empresarial; Planejamento, Organização, Direção e Controle de Negócios Empresariais.

Objetivo Geral

O Curso de Bacharelado em Administração objetiva propiciar ao acadêmico o desenvolvimento de competências que consolidem a capacidade crítica e reflexiva para a formação de um profissional empreendedor e gerenciador de negócios, com condições de compreender a complexidade e as contradições que delineiam a dinâmica organizacional do mercado e da sociedade, valorizando a inovação e o desenvolvimento sustentável.

Objetivos Específicos

- a) Capacitar o aluno para compreender a dinâmica empresarial, aplicando recursos humanos, físicos e organizacionais de forma coerente e alinhada com a missão, os objetivos e as estratégias para a tomada de decisão;
- b) Desenvolver no aluno atitudes e comportamentos, adotando uma atitude de autocrítica permanente, visando mantê-lo atualizado profissionalmente para possibilitar a transferência do aprendizado na organização.
- c) Preparar o aluno para atuar em ambiente de mercado globalizado e de grande competitividade.
- d) Dotar o aluno de competências para saber liderar, negociar, planejar e organizar trabalhos em equipe;
- e) Gerenciar a dinâmica empresarial para otimizar a aplicação de recursos de forma coerente e articulada com a missão, os objetivos e valores da organização por meio da conjugação de fatores humanos, administrativos, informacionais, produtivos, mercadológicos, políticos, legais, econômicos, culturais, tecnológicos, ecológicos e demográficos;
- f) Dotar o aluno de uma visão empreendedora com vistas a geração e consolidação de novos negócios;
- g) Fornecer subsídios para o estabelecimento de estratégias e tomadas de decisão com vistas ao alcance de resultados;

- h) Levar o aluno a desenvolver atitudes de autocrítica permanente, empreendedora, visando mantê-lo atualizado profissionalmente para possibilitar a transferência do aprendizado na organização.
- i) Desenvolver competências que capacitem o profissional a atuar de forma ética em um ambiente de competitividade e internacionalização do mercado; e
- j) Tornar o Curso de Administração da ESTÁCIO ATUAL referência na formação de profissionais para o mercado de trabalho.

Perfil do Egresso

- a) Compreender o processo administrativo, de modo integrado, sistêmico e estratégico, bem como suas relações com o ambiente externo;
- b) Identificar, analisar problemas, buscar soluções que potencializem os resultados das organizações;
- c) Pensar estrategicamente;
- d) Utilizar raciocínio lógico, crítico e analítico, operando com valores e formulações matemáticas e estabelecendo relações formais e causais entre os fenômenos;
- e) Interagir criativamente face aos diferentes contextos organizacionais e sociais;
- f) Saber expressar-se adequadamente tanto de forma interpessoal, como nos documentos técnicos específicos e interpretação da realidade das organizações;
- g) Organizar atividades e programas, identificar e dimensionar riscos para a tomada de decisões;
- h) Selecionar estratégias adequadas de ação, visando a atender interesses interpessoais e institucionais;
- i) Introduzir e implementar mudanças nos processos e gestão das organizações em face a constante atualização tecnológica;
- j) Internalizar valores de responsabilidade social, justiça e ética profissional;
- k) Ter competência para empreender, analisando criticamente as organizações e antecipando e promovendo suas transformações;
- l) Atuar em equipes interdisciplinares;
- m) Compreender a necessidade do contínuo aperfeiçoamento profissional e do desenvolvimento da autoconfiança
- n) Identificar e analisar problemas, buscando soluções que potencializem os resultados das organizações;

- o) Trabalhar em ambientes instáveis e dinâmicos, suscetíveis a grandes mudanças;
- p) Refletir e atuar de modo crítico e analítico no contexto produtivo e de prestação de serviços;
- q) Planejar, organizar, comandar e controlar a eficiente e eficaz consolidação e o funcionamento de empreendimentos, com efetividade;
- r) Desenvolver projetos de melhoria e de análise do desempenho organizacional, estimulando programas de auto-avaliação, recomendando soluções alternativas, criativas e inovadoras às organizações;
- s) Acompanhar e manter-se atualizado quanto as regulamentações referentes às organizações;
- t) Ser proativo e inovador;
- u) Utilizar e ampliar a utilização de recursos tecnológicos, financeiros, humanos e organizacionais, otimizando e melhorando o desempenho organizacional, em nível de eficiência, eficácia e efetividade;

ANEXO B - Disciplinas Específicas de Empreendedorismo I e II

**CURSO BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO
PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA			
CÓDIGO	NOME		
ADM2325	Empreendedorismo I		
CURSO	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA	COLEGIADO
Administração	6º	60h	2005.1
EMENTA			
<p>Abordagem histórica do empreendedorismo; a visão shumpteriana de desenvolvimento; conceito de empreendedorismo; o estudo da motivação para realização; os estudos de David Mc Clelland e o perfil do empreendedor de sucesso; empresário (businessman) x empreendedor (entrepreneur), empreendedor (entrepreneur), empreendedor (entrepreneur) x intraempreendedor (intrapreneur) e empreendedor (entrepreneur) x administrador (management); a importância do empreendedores; empreendedores francos e o desenvolvimento da conduta empreendedora; identificar as principais características dos empreendedores de sucesso – “cases”; Estudos de Fllion sobre empreendedorismo, as descobertas de Rotter sobre características empreendedores (lôcus de controle), programa de desenvolvimento de empreendedores existente no mundo</p>			
PROGRAMA			
UNIDADE I	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
ABORDAGEM HISTÓRICA DO EMPREENDEDORISMO	<ul style="list-style-type: none"> a) Visão histórica b) O que espírito empreendedor? c) O empreendedorismo presentes nas escolas de nível superior d) Carreiras empreendedoras do futuro e) Diferença entre gerentes tradicionais X gerentes empreendedores f) O histórico do empreendedorismo no mundo 		
UNIDADE II	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
MOTIVAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> a) Os estudos de Davis McClelland e a motivação para realização b) A motivação e o sucesso empreendedor. 		
UNIDADE III	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
PERFIL DO EMPREENDEDOR	<ul style="list-style-type: none"> a) Habilidades e competências dos empreendedores de sucesso; b) Características do Comportamento Empreendedor c) Como identificar as características dos empreendedores de sucesso? 		
UNIDADE IV	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Visão empreendedora	<ul style="list-style-type: none"> a) Por onde devo começar minha empresa b) Identificação de oportunidades c) Ramos tradicionais X Ramos inovadores d) Diferentes maneiras de aproveitar oportunidades 		

UNIDADE V	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Entendendo o mundo dos negócios	a) Conceito de negócio b) O dinâmico ambiente dos negócios c) As oportunidades das pequenas empresas d) Focalizando o novo negócio e) Providências iniciais para iniciar um negócio.
UNIDADE IX	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
Plano de Negócio	a) Introdução ao planejamento sistemático (plano de Negócios); b) Roteiro de plano de negócios.

REFERÊNCIAS
<p>BÁSICAS: CHIAVENATO, Idalberto. <i>Empreendedorismo: dando assa ao espírito empreendedor</i>. São Paulo: Saraiva, 2005.</p> <p>DEGEN, Ronald. <i>O empreendedor – Fundamentos da Iniciativa Empresarial</i>. São Paulo: McGraq- Hill, 1989.</p> <p>HERSEY/BLANCHARD. <i>Psicologia para Administradores</i>. São Paulo: Ed. Epu, 1986.</p> <p>MARCONDES, Reynaldo do C.; BERNARDES, Cyro. <i>Criando empresas para o sucesso: empreendedorismo na prática</i>. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2004.</p>
<p>COMPLEMENTARES: ALMEIDA, Flávio de. <i>Como empreender sem capital</i>. 5ª ed. Belo Horizonte: Instituto Brasileiro de Empreendedorismo, 1997.</p> <p>GARCIA, Luiz Fernando. <i>Pessoas de resultados: o perfil de quem se destaca sempre</i>. São Paulo: Editora Gente, 2003.</p> <p>SARAIVA, Alberto. <i>Os mandamentos da lucratividade</i>. 8ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2004.</p>

**CURSO BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO
PLANO DE ENSINO**

DISCIPLINA	
CÓDIGO	NOME
ADM2329	Empreendedorismo II

CURSO	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA	COLEGIADO
Administração de Empresas	7º	60h	2005.2

EMENTA
O empreendedorismo e o desenvolvimento profissional; A motivação para realização e o empreendedorismo; Definição de responsabilidade pessoal segundo o foco dos empreendedores (Locus de Controle) e (Comportamento Condicionado); O conceito de Planejamento e sua aplicação pelos empreendedores; As características de comportamento empreendedor e a gestão de negócios; Incentivo ao empreendedorismo (negócios) e auto-empreendedorismo (profissional).

JUSTIFICATIVA
O desenvolvimento do Estado de Roraima está intimamente ligado ao desenvolvimento e crescimento da atividade empresarial, nesse contexto o empreendedorismo se constitui no elemento fundamental para o desenvolvimento econômico e para a melhoria da qualidade de vida da população, para tal, o mesmo deverá ser conhecido, pensado e praticado de forma profissional e diretiva, é aí que fundamentamos a necessidade da formação de profissionais com pleno conhecimento e domínio das características de comportamento dos indivíduos de sucesso, de tal maneira que isso possibilite ampliar sua percepção sobre a dinâmica de funcionamento do mundo dos negócios e da sua atividade como profissional em administração de empresas.

OBJETIVOS
Identificar e fazer uso deliberado das Características de Comportamento Empreendedor; Conhecer e sensibilizar sobre a importância da elaboração e aplicação do Plano de Negócio.

PROGRAMA

UNID.	Conteúdo Programático	Procedimentos metodológicos	Procedimentos avaliativos	Recursos necessários	Aulas
1 – A característica de comportamento empreendedor aplicado nos negócios.	Comportamentos Empreendedores; Locus de controle; Qualidade; Eficiência; Trabalho de equipe;	Exposição dialogada; Dinâmica de Grupo; Jogos de Empresa. Leitura de Textos	Reconhecimento da prática dos comportamentos.	Texto para leitura; Revistas, colas, tesouras, pincel atômico, cartolina, fita adesiva; Filmes, DataShow	10horas
2- O		Exposição	Atividade prática	Data show,	40hora

Plano de Negócios.	Caracterização do Negócio; Mercado; Custos.	dialogada; Leitura de Textos; Orientação individualizada (assessoria)	de elaboração de um plano de negócio.	texto para leitura.	s
3 – Apresentação do Plano de Negócio	Seleção de informações; Preparação das informações; Montando apresentação.	Exposição dialogada; Orientação individualizada (assessoria)	Apresentação de um Plano de negócio elaborado pelo(s) Aluno(s).	Data show, texto para leitura.	04horas

METODOLOGIA DE ENSINO

Exposição dialogada; Dinâmica de Grupo; Brainstorming; Jogos de Empresas; Apresentação de filmes; Atividade Prática: Elaboração do Plano de Negócio.

AVALIAÇÃO

Trabalho de Pesquisa
Prova – Avaliação em sala – escrita

REFERÊNCIAS

BÁSICAS:

Fundamentos de Agronegócios, Cesar Simões Salin e Nelson Hochman, Ed. Campus, 2003.
Jogos de Empresa, Maria Rita Miranda Gramigna, Makron Books, 1993.
O Empreendedor, Ronald Deagen
Empreender – Fazendo a diferença (The Emyth), Michael E. Gerber, Ed. Fundamento, 2004
Pessoas de resultados: o perfil de quem se destaca sempre. GARCIA, Luiz Fernando São Paulo: Editora Gente, 2003.
Meta – Um significado para a vida, Nunes Neto, Agostinho – Editora Nobel – 2005

COMPLEMENTARES:

Habilidades de Negociação: as técnicas e a arte de seduzir nas vendas, A.J. Limão, Livraria Nobel S/A
Encantando os Clientes, Júlio Alejandro Lobos Troncoso, Ed. Hamburg, 1993
Realizando sonhos e conquistando vitórias – A saga dos empreendedores de Roraima – Editora Boa Vista Ltda, 2005

GERAIS:

Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios
Revista Você S/A

ANEXO C - Programa das Disciplinas do 6º e 7º períodos

PROGRAMA DA DISCIPLINA

DISCIPLINA			
CÓDIGO	NOME		
E.E	ESTRATÉGIA EMPRESARIAL		
CURSO	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA	COLEGIADO
Administração de Empresas	6º	72h	Administração
EMENTA			
O que é Estratégia Empresarial? O método de casos. O Ambiente Externo à empresa. O Ambiente Interno. Ciclo de vida do produto. Matriz Mc Kinsey. O Modelo de Porter. Modelo para Análise de Concorrência. Cadeia de Valores. 5 P's da Estratégia. Planejamento Estratégico. Balanced Scorecard.			
PROGRAMA			
UNIDADE	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
I	a) O que é Estratégia Empresarial?		
II	a)O método de casos.		
III	a)O Ambiente Externo à empresa.		
IV	a)O Ambiente Interno.		
V	a)Ciclo de vida do produto.		
VI	a)Matriz Mc Kinsey.		
VII	a)O Modelo de Porter.		
VIII	a)Modelo para Análise de Concorrência.		
IX	a)5 P's da Estratégia.		
X	a)Cadeia de Valores.		
XII	a)Planejamento Estratégico.		
XII	a)Balanced Scorecard.		
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS			
<u>BÁSICAS:</u>			
ANSOFF, H. I. Implantando a Administração Estratégica. São Paulo: Atlas, 1993. 590ps.			
GHEMAWAT, Pankaj. A Estratégia e o Cenário de Negócios. Porto Alegre: Editora Bookman, 2000. 380 pgs.			
KAPLAN, Robert S., NORTON, David P. A estratégia em ação: Balanced Scorecard. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 360 pgs.			
PAVAN, Alexandre. SERRA, Fernando. TORRES, Maria Cândida. Estratégia de Empresas. Rio de Janeiro: FVG Management, 2001.			
MINTZBERG, Henry. QUINN, James B. O Processo da Estratégia. Porto Alegre: Editora Bookman, 2001. 404pgs.			
BETHLEM, A. S. Estratégia Empresarial. São Paulo: Atlas, 2002. 416 pgs.			

PROGRAMA DA DISCIPLINA

DISCIPLINA			
CÓDIGO	NOME		
	Sistema Gerencial II		
CURSO	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA	COLEGIADO
Administração	6º	54 horas	Administração
EMENTA			
<p>Explorar os conceitos de Sistemas de Informação, seu papel nas organizações. Gestão de um Sistema de Informações. O seu papel na elaboração de estratégias competitivas e auxílio na tomada de decisão. Fornecer uma visão geral do uso da <i>Internet</i> neste processo. O conceito de seus componentes básicos e sua importância no apoio as operações das empresas. Enfoque no diagnóstico e solução de problemas com Sistemas de Informação Gerenciais</p>			
PROGRAMA			
UNIDADE I	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO		
Desenvolvimento de um Sistema de Informações	a) Conceitos b) Fases do desenvolvimento Fase I: Definição do problema Fase II: Projeto geral do sistema de informações Fase III: programação e teste Fase IV: implementação Fase V: operação e ajustes c) Qualidade e Produtividade em Sistemas de Informação		
UNIDADE II			
Tecnologias Aplicadas a Sistemas de Informações Gerenciais	a) Tecnologias b) Aplicações com <i>Executive Information System</i> c) Sistemas de Apoio à Decisão, Sistemas ERP, Inteligência Artificial, Sistemas Especialistas, etc.		
UNIDADE III			
0 Gestão Estratégica da Informação	a) O que é estratégia. Conceitos de estratégia. b) Para que serve um SIG/EIS c) Benefícios de um SIG/EIS		
UNIDADE IV			
<i>E-Commerce, E-learning, Impacto dos SI</i>	a) repercussões e mudanças organizacionais; Laboratório		
UNIDADE V			
IEA- Inteligência	a) conceitos, modelo global, metodologia e Ferramentas		

Estratégica Antecipativa Avançada	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
BÁSICAS:	
CERTO, Samuel C.; PETER, J. Paul. Administração estratégica: Planejamento e implantação da estratégia. São Paulo: Makron Books, 1993.	
CRUZ, Tadeu. Sistema de Informações Gerenciais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.	
O'BRIEN, James A.. Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da Internet. São Paulo: Saraiva, 2002.	
PORTER, Michael E.. Estratégia competitiva: Técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: Campus, 1986.	
REZENDE, Denis Alcides; ABREU, Aline França de. Tecnologia da informação aplicada a Sistemas de Informação Empresariais - O papel estratégico da informação e dos Sistemas de Informação nas empresas. São Paulo: Atlas, 2001.	
STAIR, Ralph M.. Princípios de Sistemas de Informação. Uma abordagem Gerencial. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998.	
COMPLEMENTARES:	
BARROS, Oscar V.. Sistemas de Información Administrativos. Universidad de Chile: Universitária, 1978.	
BIO, Sergio Rodrigues. Sistemas de informação: Um enfoque gerencial. São Paulo: Atlas, 1985.	
CAMPOS, V. Falconi. Gerenciamento pelas diretrizes. Belo Horizonte: FCO/UFMG, 1996.	
CASSARRO, A. C.. Sistema de Informações para Tomada de Decisões. São Paulo: Pioneira, 2001.	
CHIAVENATO, Idalberto. Gestão de Pessoas: O novo papel dos recursos humanos. Rio de Janeiro: Campus, 1999.	
GERAIS:	
SPRAGUE, Palph H.; WATSON, Sistema de Apoio à Decisão. Editora Campus, 1991.	
YOJI, Akao. Desdobramento de diretrizes para o sucesso do TQM. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.	

PROGRAMA DA DISCIPLINA

DISCIPLINA			
CÓDIGO	NOME		
EE I	Empreendedorismo I		
CURSO	SEMESTRE	CARGA HORÁRIA	COLEGIADO
Administração	6º	60 horas	Administração

EMENTA	
Abordagem histórica do empreendedorismo; a visão shumpteriana de desenvolvimento; conceito de empreendedorismo; o estudo da motivação para realização; os estudos de David Mc Clelland e o perfil do empreendedor de sucesso; empresário (businessman) x empreendedor (entrepreneur), empreendedor (entrepreneur), empreendedor (entrepreneur) x intraempreendedor (intrapreneur) e empreendedor (entrepreneur) x administrador (management); a importância do empreendedores; empreendedores francos e o desenvolvimento da conduta empreendedora; identificar as principais características dos empreendedores de sucesso – “cases”; Estudos de Fllion sobre empreendedorismo, as descobertas de Rotter sobre características empreendedores (lôcus de controle), programa de desenvolvimento de empreendedores existente no mundo	
PROGRAMA	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
UNIDADE I	a) A apresentação da disciplina, da metodologia de aprendizagem e do conteúdo programático.
UNIDADE II	a) Visão do processo histórico produtivo
UNIDADE III	a)Relação entre os elementos – chave da economia através da historia
UNIDADE IV	a) O histórico do empreendedorismo no mundo
UNIDADE V	a)Uma visão econômica hoje.
UNIDADE VI	a)Uma visão empreendedora
UNIDADE VII	a) Os estudos de Davis McClelland e a motivação para realização.
UNIDADE VIII	a)Habilidades e competências dos empreendedores de sucesso;
UNIDADE IX	a)Introdução ao planejamento sistemático (plano de Negócios);
UNIDADE X	a)Roteiro de plano de negócios.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	
BÁSICAS:	
STORNER, James A.F. e FREEMAN, R. Eduard. Administração. Rio de Janeiro: Ed. PHB, 1992.	
DEGEN, Ronald. O empreendedor – Fundamentos da Iniciativa Empresarial. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.	
HERSEY/BLANCHARD. Psicologia para Administradores. São Paulo: Ed. Epu, 1986.	
COMPLEMENTARES:	
DOLABELA, Fernando. O segredo de Luiza. São Paulo. Ed. Cultura, 1969.	
DORNELAS, José Carlos Assis. Empreendedorismo – Transformando Idéias em Negócios. Rio de Janeiro. Editora Compus, 2002.	

DISCIPLINA						
Código	Nome					
JE	Jogos de Empresas					
Curso	Semestre	Carga Horária	Colegiado			
Administração	8º	36horas	Administração			
Objetivos						
Levar o aluno a atender a aplicar os conceitos estudados durante o curso, inerentes à Administração de Empresas, objetivando a vivência prática através dos jogos de empresa.						
Ementa						
Conceitos de jogos de empresa; as empresas e os jogos de empresas: característica dos profissionais de Administração, criatividade e negociação, administração e planejamento; definição de estratégias e metas, atuação no mercado, comunicação interna e externa e planejamento estratégico.						
Bibliografia Básica (títulos, periódicos, etc)						
Títulos/Periódico	Autor	Edição	Local	Editora	Ano	LT
Jogos de empresa, simulações industriais, comerciais e de serviços	BERNARD, System			Bernard System		
Jogos de empresas e técnicas vivenciais.	GRAMINGA, Maria Rita Miranda		São Paulo	Makron Books	1997	
Jogos de Empresas	GRAMINGA, Maria Rita Miranda		São Paulo	Makron Books	1994	
Jogos e Técnicas vivenciais nas empresas	JALOWITZKI, Marise.		São Paulo	Madras	2001	
Jogos de Empresas	Vicente, Paulo.		São Paulo	Makron Books	2001	